

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO-APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO SOCIAL**

DENIZYE ALEKSANDRA ZACHARIAS

**SUBJETIVIDADE E MANIFESTAÇÕES CORPORAIS: O CASO DA PROFESSORA
UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Professora Dra. Anita Cristina Resende.

**GOIÂNIA
2002**

DENIZYE ALEKSANDRA ZACHARIAS

**SUBJETIVIDADE E MANIFESTAÇÕES CORPORAIS: O CASO DA
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA**

Esta Dissertação foi julgada adequada e aprovada para obtenção do título de **Mestre em Psicologia** na **Área de Concentração: Aprendizagem e Comportamento Social** da **Universidade Católica de Goiás**.

Goiânia, de 2002

Prof. Rodolfo Petrelli, Dr.
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Anita Cristina Resende. Dra.
Orientadora

Profa. Maria Herminia Marques da Silva Domingues. Dra

Profa. Maria José Pereira Rocha. Dra.

Ficha Catalográfica

ZACHARIAS, Denizye Aleksandra.

Subjetividade e Manifestações Corporais: O caso da Professora universitária. Goiânia, UCG, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2002.

xiii , 107 p.

Dissertação: Mestrado em Psicologia.

Orientador: Anita Cristina Resende.Dra.

1. Família. 2. Sexualidade. 3. Subjetividade feminina. 4. Trabalho.
5. Alienação.

I. Universidade Católica de Goiás.

II. Título

À Alessandra e Adelle, flores de mulher, mulheres em flor.

Agradecimentos

À Professora Anita Cristina Resende, pela orientação, sabedoria e capacidade de ir além do aparente.

À amiga, poeta e Professora, Luzia Rodrigues, que, com seu encanto e potencial criativo, dispôs de seu tempo, lendo e revisando.

Ao meu filho, Ronaldo, e às minhas filhas, Alessandra e Adelle, por saberem dividir comigo momentos de agonia, com alegrias e fanfarrices infantis.

Aos meus pais, Aleksanders e Mary, pelo apoio e incentivo que me deram sempre, carregados de carinho e atenção.

Ao meu marido e companheiro Ricardo, em especial , por ser o meu orientador indireto neste trabalho, sanando minhas carências, minhas dúvidas existenciais, meus grilos mentais e, principalmente, pela presença constante e pelo incansável apoio durante todo o curso.

E a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

“O discurso será sempre do semblante mesmo quando se colocar o próprio saber no lugar da verdade, ou seja, mesmo que se possa adquirir a doura ignorância de que o próprio saber é, como a verdade, da ordem da ficção”.
Jacques Lacan

Sumário

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	1
1. MULHER: NO PRESENTE, UM ROSTO DO PASSADO.....	10
2. TORNAR-SE MULHER.....	30
2.1 SUBJETIVIDADE FEMININA	37
3. A PROFESSORA E O ESTRESSE: UMA MATIZ DA SOCIEDADE.....	45
3.1. O SIGNIFICADO DO TRABALHO NO MUNDO FEMININO	51
3.2. O CORPO FEMININO E SUAS MANIFESTAÇÕES.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
APÊNDICES.....	80
APÊNDICE A – TABELAS E GRÁFICOS	80
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	84
APÊNDICE C – ENTREVISTA	90
APÊNDICE D – MAPEAMENTO DOS DEPARTAMENTOS POR ÁREA	92

Resumo

ZACHARIAS, Denizye Aleksandra. **Subjetividade e Manifestações Corporais: O Caso da Professora Universitária.** 2002. 107 p. Dissertação -Mestrado em Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UCG, Goiânia.

Objetivando compreender o processo em que as mulheres deixam de utilizar os recursos psicológicos internos, passando a apresentar sintomas corporais, a presente dissertação estuda as professoras da Universidade Católica de Goiás com manifestações de estresse devido às condições atuais de trabalho.

Utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas com cinco professoras foi possível construir a categoria família/sexualidade que permitiu evidenciar na mulher o sentimento de culpa mediante a jornada dupla de trabalho e uma insatisfação com relação à atividade sexual. Assim, a partir destes indicadores, emerge a subjetividade feminina masoquista moral caracterizada pelo desejo da mulher de se fazer útil e necessária na relação com o seu cônjuge.

A categoria trabalho/alienação foi construída mediada pela relação trabalho e saúde, que retrata o fenômeno psicossomático estresse como uma manifestação corporal de um mal estar que as mulheres vivenciam no bojo de sua subjetividade feminina masoquista moral constituída, adequada às condições de produção capitalista que, para se manter, requer a subordinação.

Conclui-se, portanto, que a partir de uma educação repressora com ícones mantenedores de uma chancela institucional, as mulheres encontram-se em uma cisão introjetada, em que o estresse deixa de ser foro íntimo das particularidades individuais, constituindo-se em decorrência dos interesses econômico, social e cultural, mediatizados pelo modo de produção capitalista, inscrito no corpo das professoras: ciclo da reificação corporal.

Palavras-Chaves: família, sexualidade, subjetividade feminina, trabalho e alienação.

Abstract

ZACHARIAS, Denizye Aleksandra. **Corporal subjectivity and Manifestations: The University Teacher Case.** 2002. 107 p. Master in Psychology Dissertation. Post-Graduation Program in Psychology, U.C. G., Goiânia.

Objectifying to understand the process where the women leave to use the internal psychological resources, starting to present corporal symptoms, the present dissertation studies the teachers of the University Catholic of Goiás with manifestations of stress due to the current conditions of work.

Using itself of interviews half-structuralized with five teachers it was possible to construct to the categorie family/sexuality that had allowed to evidence in the woman the feeling of guilt by means of the double day of work and a unsatisfied with relation to the sexual activity. Thus, to leave of these pointers, the feminine subjectivity emerges masochistic moral characterized for the desire of the woman of if making useful and necessary in the relation with its spouse.

The category work/alienation was constructed mediated for the relation work and health, that the phenomenon portraits psychosomatic stress as a corporal manifestation of one badly to be that the women live deeply in the bulge of its feminine subjectivity masochistic constituted moral, adjusted to the conditions of capitalist production that, to remain itself, requires the subordination.

Concludes it, therefore, that from a repressors education with supply icons of one she seals institutional, the women meet in a deceit split, where she stress it leaves of being private court of the individual particularities. Consisting in result of social and cultural, the economic interests mediate for way of the capitalist, enrolled production in the body of the teachers: cycle of the corporal reification.

Word - Key: family, sexuality, feminine subjectivity, work and alienation.

INTRODUÇÃO

Com a virada do século, a humanidade presenciou avanços significativos com relação à tecnologia médica e à informática, que objetivam a atender ao homem no que se refere à saúde e a outros aspectos imbricados à sua sobrevivência. Entretanto, esta realidade passa a configurar-se num paradoxo, posto que, apesar do benefício, traz para a sociedade uma insatisfação. Insatisfação esta experimentada pela humanidade que restringe sua vida ao trabalho.

Este fato pode ser comprovado tendo em vista as mulheres que se tornaram participantes do processo de mudanças. Elas brigaram por direitos de igualdade com relação ao homem e conseguiram muitas conquistas que vêm sendo vivenciadas em quase todo o mundo. Tais conquistas corroboraram para sua instalação no mercado de trabalho, conferindo-lhes independência e vida profissional. Esta nova situação, contudo, vem comprometendo a saúde da mulher que vive a condição de trabalhadora. Este quadro, portanto, revelando um caráter paradoxal, emerge, aqui, como elemento de avaliação e análise, uma vez que na mulher o desejo e concretização de independência vêm conjugados com sentimento de insatisfação.

Portanto, o presente trabalho pretende estabelecer a relação entre as manifestações no corpo-sintoma da mulher e as suas condições atuais de trabalho. Para isso, recorre-se, aqui, à professora da Universidade Católica de Goiás.

Assim, o objetivo desta pesquisa é apreender e compreender as condições em que as professoras da U.C.G. deixam de utilizar com persistência as defesas de que dispõem para manter equilíbrio da psique e produzem o fenômeno psicossomático estresse, manifesto na inter-relação com o modo de produção.

A relação entre saúde e trabalho tem sido relevante nos últimos tempos enquanto objeto de pesquisa nas ciências psicológicas. É o que confirmam Dejours (2000), Ferraz (1998), Jardim (1997) e tantos outros, que permitiram o enquadramento do estado psicológico às condições de trabalho.

Dessa forma, faz-se necessário analisar a mulher nas contradições e assimetrias em relações estabelecidas enquanto filha, esposa, mãe e trabalhadora, a fim de compreender o processo em que aspectos mais amplos interagem com o pessoal, possibilitando a construção da subjetividade feminina, que se constitui neste campo,

entre o singular e o universal, e constatar como esta subjetividade feminina apresentada se manifesta a nível corporal.

Fazendo referência aos pressupostos teóricos Psicanalíticos e alimentando-se do campo das ciências sociais, a pesquisa visa, através dos dados coletados, a compreender os indicadores, para posteriormente desenvolver conceitos e categorias. Merece aqui a explicitação do sentido de indicadores, nas próprias palavras de Rey:

Os indicadores representam categorias que facilitam o seguimento dos complexos processos que caracterizam qualquer investigação contextualizada no estudo da subjetividade humana. Eles não são categorias a ser utilizada como referência, são categorias produzidas no próprio processo de construção do conhecimento que se constituem em ferramentas essenciais para a definição de novas zonas de sentido sobre o problema estudado. (1999:116)

Portanto, esta pesquisa é um estudo de casos, em que seu procedimento geral de investigação é quantitativo e qualitativo.

Inicialmente, delimitou-se o universo a ser investigado, com o intuito de estabelecer critérios para definição de uma amostra das professoras da UCG, que, em atendimento ao objetivo desta pesquisa, enquadrem-se nas seguintes condições:

- Ter mais de 35 anos de idade (consideram-se mulheres que já tenham definido sua identidade profissional);
- Ser casada e com filhos (jornada dupla de trabalho implica maiores esforços físico e mental para conciliar as duas atividades);
- Ser professora efetiva na instituição e com mais de 5 anos de vínculo empregatício (tempo considerado suficiente para sistematizar a dinâmica institucional e estar envolvida significativamente) .

Para a coleta dos dados, o procedimento metodológico iniciou-se com um mapeamento da Universidade Católica de Goiás, no ano de 2000. Constatou-se que, nesta data, tal instituição oferecia à sociedade goiana 38 cursos, divididos em 3 áreas, desenvolvendo ações nos períodos Matutino, Vespertino e Noturno.

As áreas em questão são as seguintes:

1. Área de Humanas (11 departamentos): Direito, Administração, Administração de Agronegócio, Turismo, Economia, Contábeis, Arquitetura e Urbanismo, Design, Serviço Social, Filosofia, Teologia, História, Geografia, Política, Sociologia, Antropologia, Relações Internacionais, Educação, Psicologia, Letras e Secretariado bilíngüe.
2. Área de Biologia (05 departamentos): Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
3. Área de Exatas (08 departamentos): Zootecnia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia da Produção, Ciências da Computação, Matemática, Física, Química, Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental e Ciências da Aeronáutica.

Procurou-se realizar o primeiro passo desta pesquisa: contato com o Departamento de Recursos Humanos, com o objetivo de listar as professoras correspondentes aos critérios levantados. Entretanto, este departamento não permitiu tal intento, impedindo acesso a uma listagem com os nomes das referidas profissionais, alegando que, por retratar informações confidenciais, não poderia ser emitida para outros docentes, ou para qualquer outra pessoa. Inviabilizado este procedimento inicial, optou-se então pelo contato pessoal com os departamentos, através dos quais levantou-se o quadro de professores da U.C.G. (Apêndice D), sendo que estas informações foram fornecidas ora por direção, ora por secretárias (os) dos departamentos, que, posteriormente, foram inseridas em tabelas para melhor visualização (Apêndice A: tabelas 1,2,3,4 e 5).

A etapa seguinte correspondeu à elaboração de um instrumento para a seleção dos sujeitos.

Para tal procedimento, utilizou-se a Escala de bem-estar geral GWB (Fazio, apud Robinson,1991:92), que é um instrumento estruturado para avaliar ego-representações de bem estar subjetivo.

A escala foi readaptada, alterando o número de questões, de 33 para 23. Tais questões versavam sobre saúde, ansiedade e comportamento; com 5 itens de opção

de respostas, elas eram pontuadas de 1 a 5 para avaliação do estado geral nestes últimos meses.

A pontuação corresponde aos seguintes conceitos:

1: muito bom, 2: bom, 3: razoável, 4: regular e 5: ruim.

Duas outras escalas, fazendo referência ao trabalho, foram incluídas, com o objetivo de correlacionar o estado geral de saúde e as condições de trabalho.

Para este fim, recorreu-se a 5 questões da escala Trabalho Alienação (Seeman, apud Robinson, 1991:344), a qual refere-se à estranheza mediante atividades exercidas e ao grau de satisfação intrínseca proporcionado pelo trabalho.

A outra escala utilizada foi Envolvimento no trabalho (Lorence e Mortiner, apud Robinson, 1991:346) com 5 questões, sendo que a ênfase da escala refere-se ao envolvimento psicológico do próprio sujeito em detrimento ao seu envolvimento com a organização.

Os itens de opções sobre as questões avaliativas no trabalho seguem-se com as mesmas pontuações da escala do bem-estar, facilitando assim a tabulação dos dados.

Este instrumento foi testado em 10 pessoas, contemplando as professoras da U.C.G. convidadas. Nesta fase de pré-testagem, averiguou-se as informações dadas no que se refere: ao cansaço gerado ao responder ao questionário, à coerência e clareza para o entendimento das questões. O que foi apontado por estas professoras no momento em que estavam respondendo às questões foi anotado, sendo tais apontamentos extremamente relevantes para posteriores readaptações .

Em sua forma final, o questionário foi apresentado às professoras com uma solicitação que apresenta a temática da pesquisa, com os critérios para a seleção dos sujeitos e com o convite para a participação na 2ª etapa da pesquisa, caso suscitasse interesse. Uma ficha de identificação foi preparada. Nela, solicita-se dados pessoais, tempo de trabalho, carga horária, turnos de atividade , explicitação de outras atividades fora da U.C.G. e titulação. As perguntas do questionário, com 33 questões, possibilitam a escolha da pontuação de número 1 a 5. (Apêndice B).

A Universidade Católica de Goiás, a cada ano letivo que se inicia, tem uma prática acadêmica, a “Semana de Planejamento”. Neste encontro, os professores

coletivamente se reúnem para discussões pedagógicas, planejamento do semestre e para confraternizarem-se .

Tendo em vista esta realidade, pensou-se em uma estratégia: entregar o questionário as 380 professoras que compõem o quadro efetivo na U.C.G.. Por motivos acadêmicos, a “Semana de planejamento” foi cancelada. Assim, fez-se necessário redefinir uma nova estratégia. O procedimento viável tornou-se contatar com os departamentos, para que, através das reuniões de congregação, fossem entregues os questionários em mãos para as professoras que se enquadrassem nos critérios estabelecidos.

Assim, em alguns departamentos, os questionários foram entregues em mãos, em outros estes foram deixados com as(os) secretárias(os), devidamente orientadas(os) para que os entregassem às professoras correspondentes aos critérios estabelecidos, sendo que estas poderiam levá-los para casa para posteriormente deixá-los na secretaria de seu departamento, para serem recolhidos. Ficou estabelecido um período máximo de 20 dias para a devolução. Foram entregues 176 questionários e devolvidos 24.

Os dados apurados, no que se refere à entrega dos instrumentos assim como a devolução dos mesmos, com correspondência percentual, encontram-se no Apêndice A: tabela 6.

Esses 24 questionários foram tabulados em dois modelos: um primeiro, que compreende todas as questões e um segundo, em que foram tabulados separadamente as categorias: Trabalho, Saúde, Comportamento e Ansiedade. Esse procedimento permitiu detalhar as questões com pontuação mais alta e, a partir daí, selecionar os sujeitos a serem entrevistados e elaborar o roteiro de entrevistas, a partir do mapeamento das tendências manifestas nos questionários.

Essas tendências podem ser verificadas nos seguintes dados:

1. Trabalho: porcentagem mais elevada, com pontuação 5 nas seguintes questões:

06: “Exerce as atividades no trabalho com a “cabeça ocupada” com outras coisas”.

13: “Se tem a oportunidade de aposentar, prefere retirar-se do trabalho atual”.

33: “As coisas mais importantes da vida não acontecem no trabalho”.

2. Saúde: porcentagem mais elevada, com pontuação 4 e 5 nas seguintes questões:

14: “Estado de mal-estar, dor de cabeça, dores ou doenças que tem aborrecido”.

20: “Preocupação com a saúde”.

22: “Estado de tensão nos últimos meses”.

26: “Próxima de um esgotamento nervoso no ano passado”.

3. Ansiedade: porcentagem mais elevada, com pontuação 5 nas seguintes questões:

07: “Sente-se tensa, estressada, sob pressão nos últimos meses”.

11: “Ansiosa, preocupada ou transtornada nos últimos meses”.

4. Comportamento: porcentagem mais elevada, com pontuação 4 e 5 nas seguintes questões:

12: “Ao acordar sentir-se tensa sem descanso”.

24: “Sentir-se apática”.

25: “Estar com problemas pessoais, de comportamento, emocionais ou mentais que necessitam de ajuda”.

Os dados apontam para o fato de que não são todas as professoras que apresentam uma correlação positiva entre bem-estar geral e condições atuais de trabalho como apresentado no gráfico 1 (apêndice A).

É possível verificar um quadro expressivo de mulheres que, na sua realização profissional, manifestam-se em desarranjo no que diz respeito a ser e estar no mundo em que se objetivaram.

Ao fazer uma análise das tendências, observou-se que o envolvimento da mulher no trabalho, seja nas condições atuais de trabalho, ou em outra condição pessoal e/ou existencial, pressupõe a queda significativa do seu estado de saúde; a intensidade de não estar bem consigo mesmo eleva-se. Por isso, pode-se afirmar que a proposta inicial desta pesquisa é corroborável.

Para manter o sigilo dos questionários, recorreu-se a nomes fictícios das professoras. Assim, conclui-se:

Joana e Ana apresentaram em média 7 questões com pontuações entre 4 e 5 , configurando um quadro geral de tensões, revelando esgotamento e preocupações, ansiedade constante em relação aos interesses, à satisfação na vida e apatia. Estas professoras demonstraram sentir-se descartáveis.

Apesar das questões avaliativas do trabalho apresentarem pontuação abaixo de 3, estas mulheres inicialmente são consideradas possíveis indicações para a 2ª etapa da pesquisa. Primeiro, pelo resultado do quadro geral e segundo, por serem de departamentos significativamente masculino e de área de conhecimentos diferentes.

Catarina, Margareth, Rosa, Vitória e Maria apresentaram mais de 10 questões com pontuação entre 4 e 5 no estado geral, revelando-se altamente tensas, estressadas, exaustas, com baixo astral, apáticas, sob pressão, insatisfeitas, com estado geral de saúde preocupante, com dores de cabeça, nervosas e sem controle das emoções.

Este quadro geral, de forma significativa, correlaciona-se com as condições atuais de trabalho em que estas mulheres atuam , pois apresenta de 2 a 5 questões com pontuação 4 no que se refere a estar com “cabeça cheia” no trabalho,

Finalizando o procedimento para análise e seleção da amostra, conclui-se: Ana, Margareth, Joana, Vitória, Catarina, Maria e Rosa representaram tendências singulares/universais que permitiram indicá-las para continuidade à pesquisa, iniciando a 2ª etapa .

Nesta etapa, realizou-se entrevistas semi-estruturadas, que foram pré-testadas em três professoras não indicadas como sujeito.

Para este procedimento, as professoras indicadas foram contatadas através de um convite formal para a participação nesta segunda fase.

As entrevistas foram gravadas, em média de duração de 1 hora e 50 minutos. Foi utilizado o roteiro de entrevista elaborado (apêndice C), no local, dia e hora previamente determinados.

Das sete professoras selecionadas para esta nova etapa, duas delas, Rosa e Maria, não se dispuseram à entrevista. Assim, foram entrevistadas cinco professoras:

- Catarina, 58 anos, é a quarta filha mais nova com três irmãos. Casou-se aos 16 anos, tem 41 anos de casada com três filhos adultos, casados e com filhos. Seu pai faleceu recentemente e ela é quem está cuidando da mãe. Começou a trabalhar como professora aos 18 anos, fez mestrado e doutorado. Atualmente está lotada em dois departamentos na área de humanas, tem horas atividades em uma vice-reitoria e horas aula no mestrado. Sempre foi professora, atua há 23 anos na UCG, é Professora Adjunta I, não exerce outras atividades fora da universidade.
- Ana, 49 anos, é a filha mais velha e tem 2 irmãos. Casou-se aos 28 anos, tem um casal de filhos adolescentes, tem 21 anos de casada. Sua atividade profissional iniciou-se quando ela já era especialista aos 26 anos de idade. Sua lotação é na área de Ciências Humanas e sua atividade é restrita à sala de aula, ela já tem 18 anos de casa, não sabe qual sua qualificação salarial. Atualmente, trabalha, também, como profissional autônomo no seu escritório de arquitetura.
- Joana, 47 anos, natural de São Paulo, é a filha mais velha, tem 3 irmãos, seu pai faleceu quando ela tinha 16 anos. Atualmente, é responsável por sua mãe. Esteve casada por 10 anos, tem 2 filhas, está separada. Ela começou seu trabalho como professora aos 16 anos dando aula particular. Fez seu mestrado e doutorado após seu ingresso na universidade. Lotada na área de Ciências Biológicas para atividade em sala de aula, tem horas atividades administrativas e horas em pesquisa. Tem 23 anos de casa, é Professora Adjunta I, não realiza outras atividades fora da UCG.
- Vitória, 43 anos, tem 22 anos de casada com um casal de filhos adolescentes. Sendo a oitava filha de uma família com 10 filhos, começou a trabalhar na infância. Depois de casada e com os filhos já em idade de uma certa independência materna, volta a estudar. É mestra, atualmente está lotada na área de Ciências Humanas para horas aula, tendo, também, horas administrativas. Tem 6 anos de casa, é Professora Auxiliar I, não exerce outra atividade fora da UCG.
- Margareth, 39 anos, é a quarta filha. Tem 16 anos de casada, 2 filhos pré-puberdade; passou por crises conjugais e separação, mas retornou à vida em comum com seu marido. Lotada na área de Ciências Biológicas, é

mestra com 15 anos de casa. É Professora Assistente I. Atualmente, encontra-se gozando de licença de sua outra atividade exercida fora da universidade.

Coletados os dados das entrevistas, cruzaram-se as categorias: mulher e trabalho, corpo e trabalho, família e trabalho. Emergiram, então, alguns indicadores relevantes: todas as entrevistadas apresentam uma educação patriarcal, um sentimento de culpa frente à dificuldade de equacionar família e trabalho e uma relação conjugal insatisfatória na esfera sexual.

Com estes indicadores, surge uma nova categoria que passou a nortear o caminho desta pesquisa: a sexualidade. A rigor, e na medida do possível, visou-se a construir a subjetividade feminina imbricada à sexualidade, para apreender a malha das manifestações corporais mediadas pelo trabalho, no bojo constitutivo desta subjetividade feminina apresentada.

A exposição da pesquisa está estruturada em capítulos assim discriminados:

O primeiro capítulo, “Mulher: no presente, um rosto do passado”, trata sobre as influências da educação do modelo familiar patriarcal, segundo Poster (1979), associado à teoria de desenvolvimento psicosssexual de Freud (1996), buscando enfocar os objetivos que os efeitos disciplinares exercem sobre os indivíduos e as conseqüências que esta educação vivenciada, outrora pela mulher, repercutem na mulher que ela se tornou na atualidade em seu contexto familiar.

No segundo capítulo, “Tornar-se Mulher”, caracteriza-se o processo de individuação através do desenvolvimento das fases psicosssexuais segundo Freud (1996), buscando construir a subjetividade feminina a partir da sexualidade feminina.

No terceiro capítulo, “A professora e o estresse: matiz de uma sociedade”, são apresentados os conceitos de alienação no trabalho propostos por Marx (1978), como também são discutidas a condição da mulher no trabalho e as manifestações corporais apresentadas na subjetividade feminina construída.

Por fim, apresenta-se uma consideração final, além da Bibliografia e dos Apêndices pertinentes.

1. MULHER: NO PRESENTE, UM ROSTO DO PASSADO

No entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria---sem rancor? Talvez, de tudo isso tivessem nascido suas relações pacíficas, e aquelas conversas em voz tranqüila que faziam a atmosfera do lar para a criança. (Clarice Lispector)

A família sempre foi e ainda é o campo estruturante do indivíduo. Entretanto, em sua configuração atual, encontram-se mediações de organizações sociais mais amplas. Assim, como os modelos familiares, no processo histórico, sofreram modificações, isso faz com que se concretizem novas representações. O modelo familiar apresentado pelas professoras entrevistadas, como autoritário e tradicional, revela estratégias e táticas disciplinares próprias do modelo patriarcal.

Uma educação severa né, uma educação bem rígida, dentro daqueles princípios de obediência né. Obedecer pai, obedecer mãe, ter valores né e isso eu procurei transmitir para meus filhos também né. (Catarina)

Eu recebi uma educação muito rigorosa, tá. Eu fui, aquela educação tradicional que as pessoas da minha geração, e, meu pai era uma pessoa que a grande coisa que ele nos deu, ele achava sempre que o estudo era fundamental, isso para qualquer filho, independente de ser homem ou mulher, mas ele tinha algumas coisas assim: mulher tem que voltar para casa mais cedo, mulher não pode isso. (Joana)

Minha mãe costurou a vida inteira pra gente poder estudar, com muita dificuldade e é a noção de certo e errado de pode não pode, estas questões da sexualidade, de repressão em relação a sexualidade tudo neste mesmo esquema que as pessoas vivem na sua maioria né. E de ser muito correta com as coisas né. . Eu acho que eu recebi uma educação bem tradicional mesmo sabe. (Margareth)

Segundo Ariès (1981), o modelo familiar patriarcal, vem predominando a partir da revolução industrial no auge da ascensão da burguesia. Ele é caracterizado como uma organização hierárquica de sexo. O pai é o representante do poder econômico e financeiro, assim como é ele quem mantém o papel de interlocução com a sociedade, passando a ser, em função de paradigmas sociais vigentes, a referência de normas, regras e lei no contexto familiar. Neste modelo familiar, ainda segundo Ariès (1981), o papel da mãe é a maternidade e com ele toda a sua suposta significação. À mãe, cabe responsabilizar-se pela educação dos filhos, cuidar da casa e de toda a sua prole, inclusive do marido. No que se refere aos filhos, a obediência aos pais, como símbolos inquestionáveis de autoridade, é evidente.

Para Poster (1979), que se alimenta da teoria psicológica do desenvolvimento psicosssexual freudiano, no modelo familiar burguês, o amor e a autoridade dos pais são a díade centralizadora. Assim, para ele, a família é o lugar responsável pela estrutura psíquica do indivíduo, determinando, dessa forma, sujeitos submissos e obedientes. Poster (1979) também afirma que este modelo familiar se constitui frente à hierarquia familiar, reproduz as organizações sociais mais amplas. Segundo este autor, é na família que as primeiras relações de poder são vivenciadas, onde o campo de tensões emocionais entre os membros familiares passa a ser reproduzido na sociedade, tendo como base o amor e a autoridade.

Este modelo familiar, categorizado por Poster (1979), no início da ascensão da sociedade burguesa, encontra-se, nos tempos atuais, sendo representado pelas professoras desta pesquisa. Elas demonstraram ser educadas, em sua família de origem, conforme um padrão tradicional de comportamentos que sustentava a diferença entre “ser mulher” e “ser homem”, determinando assim um perfil de comportamento feminino, definindo o que é permitido e o que é proibido à mulher, como sair sozinha e/ou chegar tarde etc... Portanto, fica implícita uma repressão sexual.

A repressão sexual, assim como a dificuldade de autonomia dos filhos, é explicitada por Poster (1979), através do referencial freudiano, que anuncia que, no desenvolvimento psicosssexual infantil oral, anal e fálico, o auto-erotismo, presente nestas fases, conduz a criança à busca do prazer.

Assim, conforme elucida Freud :

As características da vida sexual infantil que até agora salientamos, referem-se ao fato de ser ela essencialmente auto-erótica (isto é, encontra seu objetivo no corpo do próprio infante) e estarem seus instintos parciais individuais em geral desligados e independentes um do outro na busca do prazer. (Vol.VII 1980:203)

Freud (1980) aponta para o fato de que a criança já traz em si mesma “barreiras mentais contra os excessos sexuais: vergonha, repugnância e moralidade” (Vol.VII:196). Mediante uma educação disciplinar em que a criança renuncia a seus prazeres corporais, a favor do amor parental, o processo de integração do prazer e da autonomia fica impossibilitado de se objetivar, impedindo a realização das satisfações do indivíduo enquanto pessoa plena, haja vista que as barreiras mentais associam-se às repressões corporais. A interdição fica na ordem do mundo interno e

externo. A rigor, em uma dimensão maior, os sentimentos de vergonha, moral e repugnância são internalizados

No modelo familiar burguês, configuram-se preocupações com relação aos cuidados filiais para um desenvolvimento saudável da criança. A importância do papel da mãe, é atender ao bebê na fase oral. Assim, os cuidados com sua saúde, com sua sobrevivência e plenitude são oferecidos pela mãe através do aleitamento materno, pois este ato possibilita um envolvimento incondicional e afetivo entre mãe e bebê. Até a abnegação de si mesma, tal fato consiste numa qualidade da maternidade, cobrada e exigida em função do amor maternal. Entretanto, as mães ficam com sentimentos de culpa quando atribuem à sua responsabilidade a menor “falta ou falha” da criança ou qualquer desenvolvimento infantil inadequado.

Nesta fase oral, a formação do ego começa com as primeiras experiências centralizadas no corpo do infante como objeto erótico, sendo que o foco interativo é a relação mãe-bebê, pois é nesta relação que se prima a formação do vínculo afetivo, caracterizando a capacidade futura da criança de amar e odiar, segundo Freud (1980):

A atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada. O objeto de ambas as atividades é o mesmo: o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto, o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico. (Vol.VII::204)

Para Poster (1979), o sentimento de solidão e de responsabilidade da mãe, nesta primeira fase infantil, em que é ela quem atende às demandas do bebê, e o fato de conter os conteúdos primitivos dele sem poder compartilhar suas inseguranças, seus medos e suas fantasias, tão características neste período, com outras iguais, ou seja, com outras mães, contribuem tanto para instaurar ansiedade quanto para dificultar seu manejo no que se refere à relação objetal, como conclui este mesmo autor: “Nesse contexto, verificou-se que as interações entre mãe e bebê estavam carregadas de ansiedade” (1979:190).

No decorrer do desenvolvimento infantil, o papel materno mantém sua prioridade na dedicação e eminência educativa para disciplinar a criança na aquisição dos hábitos de higiene, no controle dos esfíncteres aos limites corporais. Na fase anal, a criança demonstra ostensivamente seus desejos e aquisições, sendo que as ‘fezes’ representam o primeiro produto concreto que se pode ofertar a quem se ama. A

socialização e a internalização de valores estão ligados à receptividade que os produtos infantis terão no mundo, dando às crianças a dimensão de sua capacidade de produzir coisas “boas” ou “más”, geradoras de “amor” ou “ódio”. Portanto, o sentimento de adequação do que produzem oferece (ou não) a liberdade e confiança para a criação, ou a compulsão e retenção, como apontado por Freud (1980):

Esta forma de organização sexual pode persistir por toda a vida e permanentemente atrair para si grande parcela da atividade sexual. A predominância nela do sadismo e o papel cloacal desempenhado pela zona anal dão-lhe um colorido peculiarmente arcaico. É ainda caracterizada pelo fato de que nela os pares antagônicos de instintos se desenvolvem numa medida aproximadamente igual, um estado de coisas descrito pelo termo feliz “ambivalência”, escolhido por Bleuler. (Vol. VII: 205)

Nesta fase de desenvolvimento anal, com seu significado voltado para a estrutura emocional da criança, quando a mãe determina as interdições e o controle dos esfíncteres, com rigidez e com repulsa frente às fezes, atribuindo-lhes conceito de feio e sujo e conseqüentemente de mau e ruim, “a criança renuncia aos prazeres corporais em favor de formas sublimes de afeição parental” (Poster, 1979:190).

Com conteúdos persecutórios e ambivalentes do “dar e receber”, “bom e mau”, a criança se desenvolve. Mesmo reforçando a autonomia infantil diminuindo as punições, a presença de possíveis olhares vigilantes materno pode obrigar a criança, no nível de suas fantasias, tanto à difícil renúncia de seu corpo quanto à possibilidade de internalizá-lo como emocionalmente repugnante, segundo Poster (1979).

A fase fálica, marcada pela erotização dos órgãos genitais, leva as crianças à masturbação. Esta situação, ameaçadora aos pais, deixa-os mobilizados frente aos próprios conteúdos sexuais internalizados, apresentando uma atitude repressora ou de imposição, segundo Freud (1980):

Quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. Mais ou menos diretamente. Mais ou menos brutalmente, pronunciam uma ameaça de que essa parte dele, que tão altamente valoriza, lhe será retirada. (Vol.XIX:218,219)

Para estes dois autores, o processo de dessexualização infantil é a prática educativa familiar predominantemente necessária. Novamente a criança vivencia e internaliza a ambivalência, conforme cita Poster: “... tinha de renunciar ao prazer do corpo a favor da afeição parental” (1979:192) .

Considerando a concepção sobre Édipo para a psicanálise, o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação aos seus pais representa um papel organizador da sua personalidade. A triangulação, que se constrói a partir da entrada de um terceiro, o pai, na díade mãe-filho, instaura a formação das identificações com as figuras parentais.

Necessitando de cuidados maternos, inicialmente, a criança, constitui-se em uma relação na ordem do investimento libidinal para com ela. Desta forma, para o menino, no seu período edípico, o pai é o seu rival, sendo-lhe endossadas suas frustrações, enquanto a mãe, sendo seu objeto de amor, ele a quer só para si.

Em se tratando de ressentimento pela excitação, na qual fica sujeito, o menino organiza representações para seus impulsos; a mãe configura-se no seu objeto de amor e o pai no agente interditor de seus desejos, o que faz, assim, que ele se sinta culpado e tema o castigo no local onde seu desejo se expressa. Decorre daí a angústia da castração. Porém, simultaneamente, ele experimenta sentimentos contraditórios, pois o pai é o seu objeto ideal de identificação e, ao mesmo tempo, representa ameaça a seus desejos. Nesta ambivalência, os componentes agressivos de seus desejos são projetados no pai e expressos através da ameaça de revide, o parricídio e o medo da castração, constituindo o superego, segundo Freud (1980):

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo processo, por um lado, preservou o órgão genital, afastou o perigo de sua perda, e, por outro, paralisou-o, removeu sua função. (Vol.XIX :221)

A partir disso, o menino tende a deserotizar o seu pênis e o seu corpo, colocando a maior parte da sua energia sexual em objetos não corpóreos. Assim, o medo de castração no menino deixa uma grande quantidade de energia que não pode ser transformada em atividade sexual corpórea e, portanto, é deslocada, pelo mecanismo de sublimação.

Na concepção freudiana, o sentimento de culpa é incorporado à criança mediante os desejos edípicos e o temor da castração. Posteriormente, este sentimento reorganiza-se com as identificações e com o superego. Entretanto, estas identificações são ambivalentes, posto que, ao mesmo tempo em que a criança

idealiza as figuras parentais e gostaria de ser como elas, vivencia e internaliza sentimentos contrários, em função das restrições impostas. O sentimento de culpa ameniza, mas não é suficiente para resolver este impasse. Portanto, a ambivalência e a contradição passam a permear toda relação humana. É por isso que Freud, em 1937, aponta o masoquismo como constitutivo da vida psíquica.

O comportamento dos dois instintos primevos, sua distribuição, mistura e defusão, coisas que não podemos imaginar como confinadas a uma única província do aparelho psíquico, ao id, ao ego ou ao superego...uma parte dessa força já foi por nós identificada, indubitavelmente com justiça, como sentimento de culpa e necessidade de punição, e foi por nós localizada na relação do ego com o superego... no momento, temos de nos curvar à superioridade das forças contra as quais vemos nossos esforços redundar em nada. Mesmo exercer uma influência psíquica sobre o simples masoquismo constitui um ônus muito severo para nossos poderes. (Vol.XXIII:276,277)

Dessa maneira, segundo Lebovici (1973), como os desejos são interditos, a culpa que deles decorre não se extingue: o menino não aceita passivamente a ligação com o pai, que lhe permite escapar da castração; e a menina não pode renunciar à condição de castrada, o que lhe proporciona buscar correspondentes fálicos. A rigor, a elaboração das representações com sentimentos de culpa não tem resolução satisfatória.

Assim, amar aos pais e legitimar a autoridade parental configuram a estrutura emocional da criança educada no modelo familiar burguês. Se no limite, o amor é a base sólida para o ser humano se desenvolver, os prazeres corporais, estando presentes as ameaças de castração, não eram apenas reprimidos, mas internalizados com duplo vínculo, o que impedia qualquer tentativa de transgressão de regras. Poster (1979) aponta que a interdição internalizada do amor e ódio aos pais teve alcance às instâncias psíquicas do inconsciente. Assim:

O amor (como ideal do ego) e o ódio (como superego) atuaram ambas para promover atitudes de respeitabilidade burguesa. Assim, a família burguesa gerou um burguês "autônomo", um cidadão moderno que não necessitava de sanções ou apoios externos, mas estava automotivado para enfrentar um mundo competitivo, tomar decisões independentes e bater-se pela aquisição de capital. (1979:193)

Este processo de desenvolvimento da personalidade, Poster(1979), torna-se responsável pelo princípio básico da sociedade burguesa, cidadãos motivados para o trabalho, que é sustentado pela competição, a realidade que configura na sociedade moderna.

Fromm(1987), em suas reflexões, aponta para o superego da autoridade no modelo familiar patriarcal referenciado na forma dialética em que ele se manifesta;

uma reprodução do poder autoritário da sociedade ocorre através da figura paterna, pois é através dela que a interlocução com o social acontece; a sociedade mantém através do “pai” a demanda de uma organização burguesa.

À medida que a criança internaliza as proibições, revestindo assim o superego de moralidade e poder dos pais, ao mesmo tempo em que com eles se identifica, projeta no outro suas características de autoridade. Dessa forma, o pai é subjetivado às custas da sua autonomia. O medo e a angústia passam a constituir o mundo interno do indivíduo, ele se torna dependente das regras sociais e da autoridade moral coletiva e diante de qualquer possibilidade de transgredir normas, ou mesmo inová-las, são gerados sentimentos de culpa.

Em termos freudianos, no processo dinâmico do desenvolvimento da vida psíquica do ser humano, a atividade sexual infantil é reprimida. A contradição internalizada com o sentimento de culpa, que é mantido pelo superego moral e autoritário, faz com que as energias sexuais efetivamente reorientam-se para atividades sublimadas.

A sexualidade sublimada fornece grande parte da energia vital que é deserotizada. Ela corresponde a uma satisfação abstrata, subjacente ao desenvolvimento da sociedade industrial, onde o significado da atividade humana para a propagação implacável do trabalho e para a ênfase exagerada na produtividade como cumprimento de regras, obediência, dever e disciplina, está relacionado com a opressão ao ser humano.

Em suma, o poder da sociedade se instala efetivamente no ser humano, em sua estrutura psíquica, pois este tem em sua mediação o modelo familiar patriarcal, em que o pai, com posição autoritária, impõe para a mulher e filhos inibições e restrições sexuais. Assim, uma estrutura emocional medrosa e com sentimentos de culpa, revelando dificuldades de atingir a individualidade plena, configura-se.

Essa tendência pode ser verificada nas professoras entrevistadas que se mostraram sentir a relação entre pais e filhas como autoritária e de poder, dentro dos princípios de obediência. Verifica-se que é adotada uma atitude de cobrança e exigência, em que os pais reforçam uma disciplina voltada para o estudo, responsabilizando, assim, as filhas pelo desempenho de seus papéis e pelas suas atitudes, com características de subordinação, dentro e fora do contexto familiar.

A educação tradicional mesmo, da gente mulher, ter que ter responsabilidade. Lá em casa, nós duas eu e minha irmã, nós começamos a trabalhar antes dos 2 né. Nós duas trabalhávamos primeiro, a imagem da mãe, que minha mãe era sozinha, criou a gente sozinha, a imagem da mãe trabalhadora, mãe responsável né. (Margareth)

Joana, Vitória e Margareth apresentam um dado comum entre elas: a ausência paterna. Contudo, em cada uma pode-se notar uma particularidade da forma como foram educadas.

Para Joana, até os seus 16 anos, sua relação familiar era muito difícil frente ao autoritarismo paterno. Com o falecimento do pai, ela começou a trabalhar e estudou em uma escola militar, com os rigores de total obediência, vivenciando outra estratégia disciplinadora, a escola militar, o que reproduziu o mesmo processo interditor e repressor paterno.

O que facilitou, não é facilitou, o que mudou um pouco foi como ele morreu muito cedo, eu tinha 16 anos, aí a gente, cada um teve meio que se virar e virar gente né, não tinha mais muito, mas eu sempre fui uma pessoa, eu não sei se pela educação, eu estudei em um colégio em São Paulo muito bom, mas era de regime militar, então era daqueles colégios assim, que se o professor entrasse na sala de aula, você levantava, ficava de pé, sem respirar, aquelas coisas bem a caráter. .. tive uma educação assim, é bem disciplinada e muito voltada para estudar.. (Joana)

Vitória tinha pais de diferentes classes sociais. Sua mãe era do centro urbano e filha de professores e o pai era do meio rural.

Esta diferença significou “omissão paterna”. O pai, conforme as respostas de Vitória, restringiu-se ao silêncio, delegando sua voz, enquanto representação da autoridade, à esposa, a fim de garantir uma boa convivência com uma mulher autoritária e com temperamento forte.

Autoritária. Extremamente autoritário. A minha mãe que decidia, sempre foi minha mãe. Mas, eu não sei até que ponto ele era omissivo ou se foi uma opção dele pra poder conviver com ela. A análise que eu faço hoje de tantas coisas que eu ouvi, que eu vi; é que ele optou por deixá-la mandar para que ele pudesse viver bem com ela. Eu acho que foi mais uma opção e não necessariamente que fosse o temperamento dele. Tanto que quando a gente perguntava pra ele, ele não tinha nenhuma posição. Mas, no contexto da família como um todo, você nunca o via, né? Era sempre ela “É seu pai que é isso? É seu pai que é aquilo?”; “Ah, vai fazer isso porque seu pai...” Ela era porta-voz dele, mas quando você chegava longe dela e perguntava ele tinha voz. Não sei se ele optou, né? Porque no contexto do relacionamento dele com uma mulher de personalidade muito forte. Então, ela foi criada na cidade; ele foi criado na roça. E isso no momento cultural dele, era uma coisa extremamente forte, principalmente se fosse pra mulher né? Pra uma mulher que não tinha voz nenhuma em momento nenhum. Então, ela se sentir superior à ele, era uma coisa muito importante, né? Então, eu acho que isso foi determinante no relacionamento dos dois.... foi nesse ambiente que eu fui criada. A educação extremamente severa, criação patriarcal mesmo. (Vitória)

Margareth teve um pai vítima de doença mental, o que ocasionou a internação deste e a separação do casal. Sua mãe, como costureira, teria que ter êxito nesta tarefa de sustentar e criar os filhos, êxito este representado pela realização do que é considerado “certo” conforme os moldes institucionalizados pela sociedade. Mesmo o pai real estando ausente, o pai simbólico está configurado e presente nas exigências sociais.

Embora minha mãe, fosse assim uma mãe assim amiga mas a gente tinha essa questão na família, de sermos sozinhas, não ter o pai, então eu sentia que eu devia agir mais corretamente ainda pra não dar motivo pra família reclamar da minha mãe, da gente com minha mãe, pra não é recriminarem ela, pra não acharem que ela não deu certo, sabe. Então é aquela coisa sabe, a vida inteira de querer provar né, pras pessoas que deu certo, que embora a gente não tivesse o pai né, meu pai teve problema de esquizofrenia né, minha mãe separou dele por causa disso.” (Margareth)

A professora Ana supõe que seu processo de educação familiar tenha sido diferenciado.

Mamãe ela tem uma visão de sociedade muito diferente da que ela trouxe uma visão muito diferente da que ela encontrou em Goiás quando ela veio parar aqui né, na década, no final da década de 40..... Minha mãe sempre foi uma pessoa assim de valores estranhos... O conflito de pensamento né, assim da minha mãe com uma cultura diferenciada da cultura da família do meu pai. (Ana)

Sendo sua mãe alemã, as implicações das diferenças culturais foram significativas para sua formação. Sua educação foi “liberal”, com responsabilidade e voltada para o crescimento intelectual, pois sua mãe conhecia as diferenças que determinam comportamentos do homem e da mulher e lhe transmitiu isso. O fato de ela poder viajar para fora do estado, após graduação, para especializar-se, a diferencia dos outros membros familiares. Entretanto, sua educação apresenta avanços, apenas de época, e não com relação a um modelo familiar diferente. A mãe aponta as diferenças assimétricas vividas pelas mulheres e provoca os investimentos intelectuais da filha, sendo este uma porta para alcançar a autonomia.

Então eu acho assim, que eu tive uma educação muito diferente da educação das minhas primas e dos meus primos, então a minha educação foi muito liberal sabe, minha mãe sempre colocou assim: olha minha filha você é responsável pela sua vida, sabe assim, então, você faz você assume você dá conta do que você quiser, então não tinha aquela coisa de ter que ficar em casa, sabe? De sair acompanhada, como minhas primas tinham, e outra coisa vai estudar, tem que estudar, meu pai também é muito estudioso, sempre foi. (Ana)

O casamento é um indicador que merece ser apontado, por ser uma outra mediação que fornece matrizes sociais para compreender o fenômeno pesquisado, e

por ter sido, também, um elemento para estabelecer um dos critérios utilizados para a seleção das professoras; e posteriormente, referido pelas mesmas. Na vivência matrimonial, as diferenças entre homem e mulher atravessam as relações, em que estabelecem, em sua particularidade, aspectos singulares que contém uma universalidade.

Segundo Osório (1996), o casamento é um terreno de poder instituído pela família, pois mesmo existindo a força religiosa e cultural das cerimônias, assim como os fatores econômicos, a influência parental é determinante, posto que está implícita na motivação inconsciente. Esta determinação encontra-se no poder e na autoridade dos pais frente aos filhos, baseados no amor. Portanto, mesmo depois que a criança se torna um adulto, suas escolhas estão revestidas de ilusões, como Freud (1980) conclui:

No tocante à escolha de objeto, verificamos que ela recebe sua direção das sugestões da infância (revividas na puberdade) da inclinação sexual da criança com relação aos pais e a outros que dela cuidam, mas que é desviada deles para outras pessoas que a eles se assemelham, devido à barreira contra o incesto que entrementes foi construída. (Vol. VII:242)

Costa (1999) retrata o processo histórico da família brasileira mediado pela estratégia de higienização. Ele afirma que a partir desta intervenção, desde o período colonial, vislumbrando a urbanização, a família tornou-se a instituição conjugal e nuclear, própria de nosso tempo, sendo sinônimo histórico de família burguesa. O casamento é apontado por este autor como disciplinado, objetivando o aumento da população em que o sentimento familiar caracterizado pela higienização passa a ser representado pela intensidade das relações afetivas entre pais e filhos.

Utilizando-se do amor pragmático para a união conjugal, o casamento é voltado para a moral da vida familiar. Portanto, o controle de higienização tem como objetivo aumentar a população com crianças saudáveis, famílias respeitáveis, segundo o modelo europeu. Conforme Costa, “Este padrão de controle era superior a seu homólogo religioso porque depositava no indivíduo a culpa por eventuais fracassos da relação conjugal” (1999:233)

Além deste controle, a higienização criou diferenças entre os homens e as mulheres no que se refere à capacidade de amar, ainda como assinala Costa:

A mulher amava mais que o homem devia além do mais, ser passiva, submissa, coquete, caprichosa, meiga, devotada etc. o homem devia ser seco, racional, autoritário, altivo, menos amoroso, mais duro, etc..(1999:273)

Mediante diferenças explícitas na convivência conjugal, o campo de contradições se abre, o qual possibilita as intolerâncias permeando a vida do casal. Visando minimizar os conflitos existentes na vida a dois, a higienização utiliza-se de um controle audacioso à medida que referencia ao casal a função incondicional de amar os filhos. A rigor, a masculinidade identifica-se com a paternidade assim como a feminilidade identifica-se com maternidade, tornando-se “o padrão regulador da existência social e emocional de homens e mulheres”, conclui Costa (1999:239).

A maternidade para a mulher, ainda nos dias de hoje, é uma prioridade, tanto que se pode identificar, nas professoras entrevistadas, o valor atribuído ao casamento, à família, enfim a uma identidade feminina vinculada à maternidade.

A partir deste controle higienista, a família conjugal tem um desvelo para com seus filhos. Dessa forma, amá-los e deles cuidar torna-se um trabalho sobre-humano: “os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças(...) se estiverem certos ou errados”, assinala Costa (1999:15). Fica claro que, mediante intervenções externas, sem a possibilidade de ser criativo, não é possível para os pais saberem o que fazer, pois são inseguros, e diante de qualquer falha vão se sentir culpados, principalmente as mães, que carregam a responsabilidade da maternidade.

Assim, pode-se categorizar a família como uma instituição que, através de uma matriz social mais ampla, é organizada e mediatizada por normas que a orientam com a função de reprodução ideológica, pois como foi dito, anteriormente, no processo estruturativo da personalidade infantil, a autoridade e o amor, sustentados por uma repressão corporal, interditam o livre acesso à autonomia.

Portanto, para Poster (1979), a família é o lugar em que, ao mesmo tempo em que situa e legitima o indivíduo em seu espaço social, com uma estrutura de personalidade, disciplinada, com amor de filhos e pais, com diferenças de sexo e com repressões corporais para a manutenção da civilização, seus componentes não têm a consciência do que se passa em seu bojo, tamanha a força de estratégias de controle e manutenção da hegemonia dominante que se encontra no nível inconsciente.

Numa situação de renúncia associada a uma educação do controle esfinteriano, com repúdio às fezes, marcada pelas repressões corporais frente à masturbação,

vinculadas à castração, evidentemente os sentimentos infantis ficam carregados de tensões ambivalentes com relação às figuras parentais, o que gera: “um inconsciente em termos de repúdio ao corpo”, segundo Poster:

A estrutura da família burguesa é eminentemente adequada para gerar pessoas com estruturas do ego que alimentam a ilusão de que elas são seres autônomos. Tendo internalizado os padrões de amor e autoridade num grau sem precedentes ao fixar num superego as energias corporais deslocadas, o burguês vê-se como sua própria autocriação, o senhor de sua alma, quando efetivamente é o resultado de complexos processos psicossociais. (1979:196)

As características que se apresentam na ordem desta estrutura familiar patriarcal, sua organização e sua forma de regular as particularidades são indicadores visíveis da dinâmica de processos psicossociais subjacentes que operam em seu domínio. Assim, este sistema, em sua singularidade, possui interação e interdependência com outros sistemas universais que se interagem e mutuamente são interdependentes. Esta é a dinâmica da reprodução de sistemas.

Sendo a família um sistema aberto (Seixas, 1998), composto por subsistemas em permanente interação com o social, que se estrutura com mecanismos próprios de autopetuação, com modalidades comportamentais e comunicacionais específicas e distintas, responsáveis pela dinâmica intrapessoal e interpessoal de seus membros com influências recíprocas, pode-se inferir que a singularidade do indivíduo se constitui na circulação da universalidade de um supra-sistema sócio-cultural, que participa do processo de influência recíproca com os outros sistemas subjacentes a este. Destarte, é neste processo dialético que a família se torna produto de convenções e conservações, repetindo e mantendo ideologias, afetividades, tabus familiares e costumes.

Conforme cita Lacan:

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a preservação dos ritos, e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio lhe são disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua materna. Por isso ela preside aos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, a esta organização das emoções segundo tipos condicionados pelo ambiente, que é a base dos sentimentos segundo Shand; duma maneira mais lata, ela transmite estruturas de comportamentos e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência. (1987:16)

Portanto, assim como cita Lacan(1987), aqui vale confirmar que, através da educação com suas repressões, partindo da linguagem que transita nesta

microsociologia familiar, a família ultrapassa o nível de consciência, determinando uma estruturara psíquica específica, que, segundo Poster(1979), apresenta-se alienada. Alienada no sentido de imbricada a comportamentos temerosos, com receios na suposta autonomia, sendo que, para a práxis social, trata-se de pessoas disciplinadas para o trabalho, iludidas que constroem a própria história.

Enquanto a sociedade permite ao homem conciliar trabalho e família, um apoiando o outro; as mulheres encontram-se em dificuldades para vivenciar esta dupla, visto que tal situação é conflitante devido às exigências que dela decorrem. Para as mulheres, estar no trabalho fora de casa é estar privando sua família dos cuidados e da administração doméstica que, historicamente, estruturara-se com base na naturalização de determinados comportamentos e atitudes femininas, condição esta que foram obrigadas a assumir.

Sem o alcance dos processos psicossociais estruturados, as mulheres passam a exigir, psicologicamente, muito de si mesmas, sobrecarregando-se, assim, na maior parte do tempo, com os afazeres domésticos, no dia-a-dia, além do trabalho fora de casa. Fato este que é assim caracterizado por McGoldrick :

A culpa pela maternidade menos-que-perfeito e pelo desempenho profissional menos-que-perfeito é real, porque não é possível "ter tudo" quando os empregados ainda estão estruturados para os homens cujas esposas cuidam dos detalhes da vida, e os lares ainda estão estruturados para as mulheres cuja única responsabilidade é cuidar de suas famílias. (1995:35)

Portanto, às mulheres que, sobremaneira, necessitam realizar a difícil tarefa de conciliar família e trabalho associam-se, na maioria das vezes, sentimentos de culpa ou estresse, segundo as reflexões da autora supracitada, confirmando as palavras de uma das entrevistadas.

E cria uma desordem interna se a minha casa tá desorganizada, eu não consigo trabalhar, então é uma cobrança, exigência muito grande sabe, e de corresponder aos filhos sabe, de sentir muita culpa com relação aos filhos, de achar que me dou pouco sabe aos filhos, de achar que com o marido sobrecarrega muito sabe, essa coisa. (Margareth)

Como foi dito anteriormente, a família representa a primeira mediação significativa no processo de estruturação do indivíduo, sendo que o elo individual e o meio social nela interagem. Neste processo interativo, a família pode inovar os modelos de liberdade e reproduzir tradições, crenças, comportamentos. Segundo McGoldrick (1995), o papel da mulher na família é extremamente cobrado, tanto a sua função socializadora dos filhos, quanto a sua responsabilidade pelos afazeres

domésticos, ficando assim exposta a uma rede maior de pessoas, as quais recorrem a ela para a manutenção da rede familiar principal no que se refere ao suporte afetivo, conforme a declaração de uma entrevistada.

Olho marido, olho pai, olho mãe, então, consigo ser uma boa profissional também, e muito boa viu, procuro me dedicar também. Então é uma coisa assim que, um trabalho que eu faço, que penso que, se fosse pra voltar, talvez eu seria a mesma, porque eu penso que compensou sabe. (Catarina)

É possível apreender o processo histórico e social de uma educação familiar patriarcal nos moldes tradicionais constituindo-se uma especificidade em que a mulher é educada para desempenhar um papel feminino, que historicamente e culturalmente, lhe foi atribuído. Assim, as professoras participantes desta pesquisa apontam que tiveram uma educação que atende ao padrão do modelo patriarcal e voltam-se a este modelo como referência pessoal para a manutenção do processo educativo dos seus filhos. Na posição de mães, sua ordem é repetir o mesmo modelo que experimentaram enquanto filhas.

Schienbinger afirma:

As profissionais mulheres hoje dirigem os lares como as mulheres na Idade Média dirigiam a casa senhoril, supervisionando e coordenando o trabalho doméstico. Além disso, muitas assumem a carga emocional da preocupação com o cuidado prestado aos filhos. (2001:192)

Mesmo sendo educadas para serem esposas, mães e profissionais, elas têm consciência de que esta jornada dupla ou tripla de trabalho, sobremaneira, inviabiliza o modelo de cuidados tradicionais domésticos. A pessoa de uma doméstica significa a estabilidade da dinâmica familiar no que se refere à ordem e substitui o trabalho das profissionais dentro do lar. Portanto, todas investem seu salário nestes serviços, uma barganha propriamente dita, mas, por mais que a doméstica seja orientada e coordenada pelas mulheres, elas não substituem a responsabilidade da dona de casa.

(...) Afazeres domésticos são impossíveis sabe, aí não dá tempo mesmo, não tem como né, então eu tenho lá minha secretária... . Então a tarefa doméstica pra mim, eu acho assim pra nós mulheres que trabalhamos fora, temos muitas atividades, a tarefa doméstica é impossível de ser administrada pessoalmente, assim de você fazer, não dá tempo, não tem condição, não dá, nossa senhora! (Ana)

Depois que eu reformei minha casa, me vi obrigada a ter uma faxineira, inclusive eu falo assim a reforma da minha casa só me deu esse prejuízo, que eu tive que trocar móveis, eu tenho que pagar os móveis, eu tenho que pagar a faxineira às vezes tenho que fazer um monte de coisas então só vivo envolvida nessa história. Eu não tenho ajuda, são meus filhos é que tomam conta de lavar louça...(Vitória)

A minha casa, eu gosto da minha casa brilhando, minha casa tem que estar muito limpa, muito organizada, se a minha casa não estiver assim, eu não consigo trabalhar.(Margareth)

Catarina, afirma que, apesar de receber um salário mais alto que do marido, consegue conciliar todas as atividades, no tocante às exigências da casa e da profissão, enquanto o marido adere à postura de absoluta omissão quanto às necessidades dos afazeres domésticos, recusando-se a pequenas tarefas, como lavar o prato ou xícara que sujou. Para esta entrevistada, estar com filhos e netos, é prioridade, aprecia a convivência familiar, pois para ela o investimento na família foi significativo em sua vida. Hoje, na menopausa, cuidando da mãe na velhice, diz ser solidária com todos os seus, com os outros, seja no financeiro ou em qualquer outro tipo de ajuda. Contudo, espera ser retribuída.

Eu sempre fiz isso tudo, conciliei tudo e continuo conciliando sem ajuda, nunca tive, porque meu marido sempre dizia o seguinte: "se for pra mim comer esse doce eu não lavo, eu não lavo o pratinho de doce né, pra mim comer" e aquilo pra mim era norma sabe, porque fui criada pra isso né, eu tive uma educação né pra isso, pra ser mãe, pra ser esposa né,(Catarina)

Então o que eu pude fazer pelo meu pai enquanto vida ele teve, hoje eu faço pela minha mãe né. Ao passo que eu não encontro isso do outro lado dos meus irmãos né Catarina é a pessoa que toma conta, tomou conta do meu pai, então ela tome conta da mãe. Então eles ficam tranquilos... Penso que eles podiam ser também solidários né, mas infelizmente isso eu não encontro do lado dos meus irmãos né...(Catarina)

(...) Então nós temos assim, mais ou menos a mesma forma de pensar, de agir e isso nos leva sabe, ao fortalecimento familiar muito grande. E sou muito solidária também sabe, solidária com as pessoas, quer dizer, que não só da minha família, mas também as outras pessoas, que quando precisam eu estou pronta. (Catarina)

É maior né, então essa renda ela é, ela perfaz assim né, as necessidades né, ela permeia né, permeia as necessidades... Então ela está bem dividida entre a família sabe? A minha renda pra mim, são os livros que eu compro né, eu faço investimento é profissional mesmo né. Investimento profissional, na minha saúde né, saúde, profissional e também dá para ter conforto. Gosto de ter minha casa bem arrumadinha né, móveis bons. (Catarina)

Joana, após 10 anos de casada, separou-se. Os afazeres domésticos ficaram, como afirma, todos sob sua responsabilidade, e apesar da pensão recebida ser uma quantia que se restringe ao pagamento da escola das filhas, estas demonstram valorizar muito o pai, mesmo que ele não seja responsável diretamente pelo processo de seu desenvolvimento, no dia a dia. Diante da constatação da sua inaptidão no que se refere à culinária, não atendendo, nesse sentido, a um modelo de mãe, Joana manifesta que seu desejo em relação às filhas é propiciar-lhes

viagens, investimento profissional, e oportunizar-lhes decisões tomadas conjuntas no que se refere à reforma da casa ou similares.

(...) como elas moram comigo, não moram com o pai, sempre que fica ausente, que é o legal, que é o bonzinho, que é o bárbaro... Porque quando vem é bom, só dá presentes, solta as coisas, só tem a parte boa e como eu fico com a parte ruim então eu que sou a chata, a enjoada, que sou isso, que sou aquilo....(Joana)

(...) essas coisas de mães, que minha mãe fez também, não tenho porque até não tenho muita competência para isso, sou, pra fazer bolo sou péssima.... não curto esse negócio, nunca curti, se minhas filhas curtirem, esse trauma elas vão ter que tratar com o psicólogo... (Joana)

Mas curto assim com as meninas, vamos reformar a casa, juntas vamos escolher que cor vamos pintar a casa, é essas coisas até eu curto assim, mas o resto eu administro assim meio, vivia cansada trabalhando agora facilitou porque minhas filhas tiraram carta então, agora, eu delego funções. Vai fazer supermercado, a lista tá aqui, dou o cheque e elas vão né....(Joana)

Eu sempre investi dinheiro e me dá prazer e sempre falar para minhas filhas, pra viajar e pra estudar,... (Joana)

Ana tem dois empregos, mas sua prioridade máxima é marido e filhos. Sair nos finais de semana ou ficar em casa para uma convivência deste núcleo familiar é rotina, pois somente assim eles conseguem se dedicar de maneira mais efetiva à comunicação e à afetividade. Cuidar dos filhos, propiciando-lhes, por exemplo, sua participação em cursos paralelos, levá-los e buscá-los nas escolas é de responsabilidade do casal. Sendo assim, os outros afazeres ficam sob responsabilidade de empregadas domésticas, sem maiores problemas quanto a exigências da ordem, pois o importante, para esta entrevistada, é a possibilidade de estarem juntos nos finais de semana.

Minha prioridade zero é filho e marido, mais filho que marido. Acho que marido já tá grande, já é independente, entendeu. (Ana)

(....) eu ainda gosto de levar menino pra escola, levo busco, eu não coloco filho meu em Van, não coloco de jeito nenhum, eu acho um sofrimento os meninos ficarem rodando na cidade você entendeu, então a gente está sempre assim, conciliando os horários né, eu e meu marido, pra poder levar menino, e buscar e aí aula de inglês, aula de tênis aula de não sei o quê, que hoje faz parte da vida deles né, e como a gente prioriza a família a gente tem que encontrar jeito de administrar isso, agora não é fácil, é complicado até. (Ana)

(....) sábado e domingo é o dia que eu tô geralmente em casa né, domingo eu fico sempre o dia todo em casa, quando acho um jeitinho e a gente viaja, então são os dois dias que a gente tem pra curtir a família pra se relacionar com a família,... é o dia que eu preciso de reforço, então daí eu tenho uma secretária lá que vai sábado e domingo e é uma maravilha porque aí ela fica por conta da bagunça da cozinha, pra eu poder ter tempo de conversar

de bater papo, da brincadeira de visitar alguém que precisa uma coisa assim, então a tarefa doméstica pra mim, eu acho assim pra nós mulheres que trabalhamos fora, temos muitas atividades, a tarefa doméstica é impossível de ser administrada pessoalmente assim de você fazer, não dá tempo, não tem condição, não dá, nossa senhora! E não é que eu não goste do serviço doméstico não, eu gosto sabe,...(Ana)

Então esse salário eu comprometo esse salário assim, com os cursos paralelos dos meninos, com escola, com o pagamento das minhas empregadas que leva uma boa parte do meu salário aqui entendeu, mas eu acho ótimo porque eu tenho meu apoio lá, então eu posso fazer “N” outras coisas..(Ana)

Vitória concluiu o 3º grau e começou a trabalhar na UCG, após estar casada e depois que os filhos estavam mais independentes. Isto, segundo ela, para não se sentir culpada, mas os sentimentos do filho, atualmente, lhe apontam uma tristeza por sua ausência. Como Vitória foi educada sob muita privação material, hoje, vislumbra uma qualidade de vida melhor para os filhos, com o rendimento de seu trabalho. Sua renda é maior do que a de seu esposo e vive um conflito existencial no tocante ao investimento profissional.

Então não achava emprego, eu optei por ficar cuidando dos filhos. E aí quando eu voltei para Faculdade, já fui fazer faculdade, no momento em que eles já não estavam mais dependentes né, já tinham ido estudar tudo mais, então, o tempo que eu teria livre, voltei a estudar.(Vitória)

Por incrível que pareça o menino né, ele, quando ele ficou muitos dias, ele fala: “Mãe você não vem almoçar em casa hoje?”; “Não filho, não venho”. Ele não diz nada, mas você nota no semblante dele uma certa tristeza, mesmo que seja para comer comida requentada, mas eu noto nele uma certa decepção por eu não estar lá... Ele não me cobra, mas eu noto na carinha dele uma certa tristeza. A menina por outro lado já acha ótimo, porque aí não tem ninguém para dizer para ela: “Olha você não varreu a casa né?” E ela se sente mais livre também para não estar em casa...(Vitória)

(...) meu salário significa a possibilidade de melhoria, curso de inglês, é o pagamento da escola, o curso que ela faz, apesar de ser uma escola pública o curso é pago. É a possibilidade de roupas, calçados, livros, móveis, a passadeira, isso significa o meu salário, muito, muito mesmo. A possibilidade da reforma da casa né, a troca do carro, a garantia das viagens nas férias, então ele tem um significado enorme, o meu salário é maior que o dele, então, isso me dá um peso muito grande ...quando você de repente começa a perceber que o seu salário é a possibilidade de melhora a todos os três, é mais que um, então para mim ele significa a situação de poder estar fazendo essas coisas né? (Vitória)

Margareth, em seus relatos, apresenta algumas dificuldades na vida a dois, já esteve separada, mas se reconciliou, tanto pelos filhos quanto por si mesma. Sente uma cobrança interna muito grande para se dedicar aos filhos, dando-lhes atenção e carinho. Porém, não deixa de se sentir culpada por achar que oferece muito pouco a eles, ficando seu salário basicamente investido em casa.

(...) durante uns meses eu separei e voltei, eu tenho uma coisa fechada, resolvida na minha vida, eu não vou separar enquanto eu tiver os meninos dependentes. Porque quando eu separei foi a coisa que eu mais arrependi, foi um peso eu perdi tudo, psicológico o apego. (Margareth)

(...) com meus filhos assim muito preocupada, muito cuidadosa. De gostar de deitar com cada um na hora de dormir quando tenho tempo pra isso. Eu sempre sinto que estou com pouco tempo, acho que a relação com a família é resumo em uma palavra é a sensação de culpa.(Margareth)

Eu utilizo todo dentro de casa, eu pago empregada, telefone, natação, inglês, transporte é que mais que eu pago, unimed né, plano de saúde. Os meus dois salários vão pra os meninos, roupa, calçado, remédio, médico, dentista né. Na verdade, o que meu marido paga, resume três coisas, o condomínio, a escola principal e a compra do supermercado, o resto sou eu. É direcT.V., internet pra melhorar o nível cultural dos meninos, compra de livros, presentinhos, presente pro professor sou eu, gasolina. (Margareth)

De acordo com estes últimos relatos, aqui transcritos, e sua análise correspondente, é possível pontuar algumas questões:

No modelo de educação familiar patriarcal, centrado na autoridade e no amor, manter o equilíbrio afetivo entre os seus integrantes é uma função feminina. Nesse sentido, o papel de esposa e mãe é perpetuar uma ordem estabelecida tanto no modelo de sua família de origem quanto no atual, subordinando, assim, a base emocional das mulheres na maternidade.

Outro aspecto pontuado refere-se à mediação família e trabalho produzindo significativos sentimentos de culpa, pois, segundo McGoldrick (1995), como as mulheres sempre foram representantes centrais nas famílias, para elas, em consonância com a cultura vigente, considerarem-se como sujeitos que têm um ciclo de vida à parte e com direito à vida própria, além de seus papéis de mãe, esposa e cuidadora dos mais velhos, é uma idéia pouco aceita.

A transposição de papéis, na vivência familiar de educação autoritária, é freqüente; mulheres que, do papel de filhas, passam para o de esposas e mães. Estas transposições, sem precedentes, muitas vezes na vida familiar, não viabilizam a autonomia, ou permitem galgar status determinado, pois, este é um papel definido pelo relacionamento com o homem; somente acrescentam novas formas de convívio, com um novo papel e posição no ciclo de vida familiar.

Assim, concluindo, McGoldrick pontua: “Por mais difícil que seja, pra muitas mulheres, aderir aos padrões tradicionais, mudar o status quo também é extremamente doloroso para elas” (1995:31). É o que se confirma com as palavras da entrevistada:

Meu marido tem o trabalho dele, e tem uma outra coisa, ah, ele é de uma formação em que cada um tem a sua identidade, eu como juíza ele não vai ser o Antônio, ele vai ser o marido da Dr.^a Vitória. Nossa, olha como ele anda, olha como ele veste, olha como ele é, sabe. (Vitória)
 ...mas 22 anos de casada você não joga para o alto, por qualquer 4, 5 mil reais.(Vitória)

Segundo Freud, em 1930, durante o processo evolutivo do indivíduo, na construção de sua personalidade nas fases do desenvolvimento psicosssexual, são internalizadas as proibições a nível inconsciente vivenciadas nas tensões familiares. Assim, o humano se constitui com suas ambivalências, sentimentos de culpa, um dos sofrimentos eminentemente constitutivos dos seres civilizados:

Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado; é fortalecido e resulta numa intensificação adicional do sentimento de culpa. Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar. (Vol XXI:156,157)

As entrevistadas, frente à difícil tarefa de conciliar trabalho com os cuidados familiares, por terem sido educadas no núcleo familiar de origem de maneira tradicional e autoritária, realizam esta jornada dupla de trabalho com sentimento de culpa. Entretanto, o trabalho feminino passa a ser um investimento para a família, à medida que os rendimentos financeiros são divididos para manter as condições de uma vida mais tranqüila e com mais conforto.

Carter (1995), em sua análise das mudanças no ciclo de vida familiar, afirma que a sociedade caminha para ter o casal trabalhando em período integral, pois só assim pode-se garantir a manutenção das necessidades de uma família para sobreviver dignamente e, conseqüentemente, para oferecer condições favoráveis aos filhos, como confirmam as palavras das entrevistadas.

Então eu acho que a finalidade de você trabalhar desesperadamente para ganhar muito é para garantir para os filhos, o que eu preciso em termos de garantia na velhice...(Vitória)

(.....) então minha prioridade assim é a família, realmente a família, então acho que não faz sentido nenhum sabe? Você estar trabalhando e viver em função do trabalho. Eu trabalho pra ter conforto, pra dar conforto pra minha família em última análise. (Ana)

Como o modelo patriarcal em suas raízes traz a violência subjetivada, a busca frenética do dinheiro representa a exploração vivida pelo ser humano. As entrevistadas confirmam esta cisão introjetada, haja vista que apresentam um contraponto: primeiro, por encontrarem-se na jornada dupla de trabalho, sentem-se culpadas; segundo, porque, apesar de necessitarem desta renda, por esta significar melhorias para uma vida de conforto e condições melhores de futuro para os filhos, elas não se encontram satisfeitas.

2. TORNAR-SE MULHER

Tantas palavras
matando todas as coisas.

A falência do falo
e do que falo
entre linhas.

A alma do negócio,
na modernidade,
é a ambigüidade
do próprio umbigo,
como na Antigüidade
Clás – si - ca.
(Yêda Schmaltz)

Freud, em 1905, nos “Três ensaios sobre a sexualidade infantil”, revoluciona e também polariza os estudos científicos no que se refere ao sexual. Para ele, tal aspecto caracteriza-se como um conjunto de atividades humanas sem nenhuma ligação com o genital. Concebendo a ordem sexual desde o nascimento, em que o inocente bebê é uma criatura instintiva, com impulsos sexuais “perversos e polimorfos”, a nível inconsciente, cheia de sexualidade ainda indiferenciada, Freud elabora sua teoria metapsicológica sobre as pulsões e sobre a libido.

Já em 1938, no “Esboço de Psicanálise”, Freud afirma que o “corpo todo é uma zona erógena” (vol XXIII: 176). Portanto, a sexualidade é constituída mediante a existência e estruturação da libido, a qual, partindo de fontes somáticas interagindo com o aparelho psíquico, flui para o ego de diversos órgãos e partes do corpo segundo as fases do desenvolvimento psicosexual do ser humano.

Inicialmente, para o bebê que nasceu desprovido de qualquer condição, a mãe é a primeira mediação que ele estabelece com o outro. O choro da criança é um sinal de necessidade a ser atendida, seja emocional, seja física, e a estas trocas comunicacionais, é a mãe que dá sentido.

Segundo Medeiros, neste jogo, inscreve-se o primeiro capítulo de uma existência:

Isto porque não lhe sendo possível qualquer outra resposta senão a da “passividade”, tudo ocorre como num ato de “imprimir-se-lhe” valores, dos quais somente terá notícias num ponto futuro; ali onde um severo julgamento dos seus valores morais e das competências para viver o aguarda, e todos esperam por isso.(1995:53)

O desejo passa a se caracterizar pela manutenção de uma continuidade de vínculo com o outro, sendo este outro, a mãe, como conhecedora do seu rebento, pois esteve com ele no período gravídico, faz-se conhecer iniciando-o ao mundo.

Neste período oral e passivo do bebê, todo o seu corpo é erotizado. Dessa forma, todos os prazeres e/ou desprazeres sensorial-perceptivo dão ritmo e sentido à sua massa-corporal; o tempo-espaco vivido é visceral, ou seja, ele está relacionado ao compasso do coração e não ao bater das horas. A rigor, o valor como ser bebê passa pela mediação do outro, mãe, com a história subjetiva constituída via esta intercomunicação pulsional.

As inscrições de ordem pulsional, que se estabelecem no périplo evolutivo do bebê com sua mãe e com as funções corporais, encontram-se implicadas nesta primeira relação. Esclarece Infante:

O que estou chamando de inscrição pulsional é aquilo que Freud (1938) chamou, no Esboço de Psicanálise, de complexo do *nebenmensch*, isto é, do outro que vem responder ao grito do bebê com uma ação específica e que vai permitir a diferenciação do complexo em uma dimensão real, a da satisfação, e outra que vai se registrar na memória como significante, nível simbólico portanto. Nesse processo, e aqui o dado da prematuridade do recém-nascido é fundamental, o futuro sujeito terá o acabamento de suas funções corporais num mundo banhado pela linguagem. Torna-se um ser pulsional e, portanto, não instintual. (1998:149)

É nesta medida que o bebê inicia sua discriminação, percebendo o que é possível e o que é impossível de ser satisfeito de acordo com seus desejos, pois existe a realidade que lhe confronta, como também a existência do outro, o desejo do outro que nem sempre é correspondente ao seu desejo. Para Dolto, quando uma pulsão não é utilizada, esta retorna “ao corpo como nada, mas, como essas nada são forças dinâmicas, elas agem provocando disfunções vegetativas em seu organismo” (1996:48).

Nem todas experiências infantis frente às pulsões são totalmente satisfeitas, sendo consideradas por Freud (1980) de pulsões parciais, posto que o percurso pulsional imprime uma realidade narcisicamente frustrante. Portanto, ainda segundo Dolto(1996), a criança busca ser o correspondente ao desejo do adulto, pois como este representa o objeto de amor responsável pela sua sobrevivência em sua mediação afetiva e identificatória, nas malhas do desejo, ela vai constituindo-se no semblante do desejo do outro, o que consiste no destino que cabe ao humano.

Através desta comunicação, segundo Dolto, são constituídos valores relacionados a um narcisismo infantil, imprimindo-se ao bebê “o seu ser, ao seu ter, ao seu fazer, num pacto que, através das experiências, foi sentido como firmado com o adulto tutelar” (1996:187).

Hanns aponta para o investimento narcísico no processo pulsional das representações-afeto:

Quando as pulsões manifestam-se psiquicamente e se acumulam e se descarregam, produzem-se os afetos básicos de prazer e desprazer. Geralmente, o acúmulo associa-se ao afeto de desprazer e a descarga ao afeto de prazer. Com o tempo, a repetição vai associando os afetos a imagens que representam na psique os objetos e eventos externos. Assim, cada imagem está ligada a um afeto. É como se as imagens mentais internas (oriundas dos objetos do mundo externo) fossem os invólucros, e os afetos, o recheio que os preenchesse. Forma-se, então, uma matriz de imagens dotadas de significado afetivo (prazer/desprazer) e de significado cognitivo (relações causais, temporais, espaciais etc). (1999:97)

Um outro momento é estabelecido a partir da ordem estruturante de linguagem, quando a presença-ausência materna, denominada por Freud (1996) de o jogo do “carretel”, representa o poder de controle e domínio, proveniente das fases oral e anal, que a criança passa a ter sobre sua mãe.

Em “Além do princípio do prazer”, Freud, em 1920, descreve o brincar de uma criança de 18 meses. Esta brincadeira consiste em, quando a mãe se afasta, a criança brinca sozinha em jogar e trazer de volta um carretel amarrado num cordão. Quando faz desaparecer o carretel pronuncia um “o-o-ó” e ao puxar o cordão e o fazer aparecer pronuncia um “da”. Estas palavras seriam as equivalentes a “fora”; “se foi” (o-o-ó) e “tá aqui”, “a tenho” (da). Segundo Freud (1980):

No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Esses esforços podem ser atribuídos a um instinto de dominação que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser agradável ou não. (Vol.XVIII:27)

A fase anal, segundo Dolto (1996), é caracterizado pelo prazer expulsivo de uma experimentação lúdica, em que predominam as sensações emissivo-rententivas. A criança experimenta o prazer em fazer o cocô ou não fazê-lo, o que lhe permite a experimentar um prazer expulsivo e de controle em relação ao outro. A rigor, como a mãe é o objeto identificador ativo, que possibilita à criança a aquisição de atitudes pragmáticas e a entrada ao processo de ideação e de organização, o qual conduz a mesma ao estabelecimento da ordem, da disciplina e parcimônia, segundo esta mesma autora, esta fase, anal, seria o prelúdio de uma relação a três:

Trata-se do início de uma situação a três, da qual ela é um dos pólos: pólo ativo libidinal em identificação fálica com um segundo, a mãe, e ambos unidos em relação a um terceiro (a coisa), passivo, enquanto a criança é ativa.(1996:51)

Na fase ativa, a criança já adquire uma certa autonomia em seus gestos andando e falando, o que lhe possibilita liberdade e mais independência, para seus deslocamentos motores, na sua relação afetiva com os outros e com os objetos que lhe permitem brincadeiras. A fase passiva é marcada por brincadeiras que a criança faz ao representar o adulto. Ela se sente com menos desvantagem perante ele.

O desenvolvimento erógeno das fases oral e anal, assim como o desenvolvimento das relações objetais com seus sentimentos parciais e ambivalentes de amor e ódio, culmina nos desejos edipianos de masturbação e sentimento de culpa.

Freud, em 1905, problematiza a experiência do complexo de Édipo e da castração como representações do momento de estruturação do humano enquanto ser social e de linguagem. Para ambos os sexos, o complexo de Édipo designa o clímax da sexualidade infantil. Como o órgão genital, pênis, é o representante fálico deste período, por ser percebido visualmente, os seres humanos passam a ser classificados em fálico e castrado, abrindo, assim, uma diferença entre o desenvolvimento psicosssexual do menino e da menina.

Segundo Dolto, desde pequena, o corpo erotizado da menina é a sede de pulsões libidinais que vão se organizando em seu périplo evolutivo psicosssexual centrado nas zonas de “turgescência fálica dos mamilos e do clitóris, bem como pela turgescência orbicular da boca e da vulva” (1996:49), estabelecendo assim uma distinção anatômica.

Freud, em 1931, no texto “Sexualidade Feminina”, aponta o problema edipiano na menina frente a duas tarefas que ela tem que mudar: a do órgão sexual e, ao mesmo tempo, do objeto de amor, passagem difícil e nem sempre efetuada.

Segundo este autor, a relação com a mãe predispõe a mulher à bissexualidade, visto que seu órgão genital, vagina, encontra-se no virtual e o clitóris, constitui-se representante masculino. Assim, elucida Freud (1980), a menina

(...) reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. (vol XXI: 264)

Ao experimentar esta decepção narcísica, a menina reage reclamando à mãe um “membro peniano” do pai. A rigor, a menina tem três destinos: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar sua feminilidade. Segundo Freud (1980):

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as conseqüências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca_entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais. (vol XXI :264)

Estando a menina na ordem da castração, nasce, portanto, a inveja do pênis, a falta do falo. Como uma das formas sublimadas desse desejo reprimido, surge a possibilidade de exercer uma profissão intelectual, conforme assegura Freud, em 1933, na Conferência X XXIII “Feminilidade”:

O desejo de ter o pênis tão almejado pode, apesar de tudo finalmente contribuir para os motivos que levam uma mulher à análise, e o que ela racionalmente pode esperar da análise — capacidade de exercer uma profissão intelectual, por exemplo — amiúde pode ser identificado como uma modificação sublimada desse desejo reprimido. É difícil duvidar da importância da inveja do pênis. (Tomo III:3172)

Referenciado nos termos freudianos, é possível averiguar, nas palavras das entrevistadas, esta busca de uma profissão intelectual, após a maternidade:

E depois que eu tive filhos, eu falei bom, não é somente isso, eu não realizei o outro lado né, aí fui procurar estudar, trabalhar né. ..não foi fácil fazendo. (Catarina)

Ele me fez descobrir como pessoa com valores em sala-de-aula. Como aluna. Ele, meu professor, ele me fez descobrir que eu tinha determinados valores que eu nem sabia que aquilo eram valores. Eu tive educação de quem vai à escola, não toma bomba nenhuma, mas, não de leitura. Então, eu me percebi como uma pessoa detentora de valores, de princípios como tais no 1.º semestre, em 1988. Quer dizer, eu já tinha 30 anos né? E de lá pra cá tem sido uma descoberta a cada dia.. (Vitória)

Hélène Deutsch refere-se à feminilidade caracterizado pelo reconhecimento da vagina como órgão reprodutor, o qual leva a mulher à renunciar o prazer clitoridiano, assim, a mulher apresenta características masoquista e de passividade, no despertar da maternidade, apontando o parto como:

(....) o apogeu do prazer sexual...o prazer experimentado no coito provém do fato de constituir o prelúdio do parto. O próprio parto constitui “uma orgia de prazer masoquista. (1925, apud Chasseguet-Smirgel, 1988:27)”.

Portanto, o destino biológico da mulher está associado à dor e erotização na menstruação, na defloração e no parto, que lhe permite adentrar no campo do gozo. Mediante este destino biológico feminino apontado pela autora, é possível apreender, nas palavras de uma das mulheres entrevistadas, que para ela o ser mulher encontra-se na ordem do biológico.

Mulher, acho que foi quando menstruei, acho que antes disso, nesses jogos infantis mesmo né, de masturbar sabe, de troca troca com colegas, a questão da sexualidade assim, de mulher foi, é muito assim a questão de perceber esta questão da inferioridade da mulher em relação aos irmãos, de apanhar. (Margareth)

Grunberger (1988) hipotetiza a sexualidade feminina partindo do desejo feminino de “ser amada” para uma necessidade mais forte do que amar. Portanto, a mulher é antes de tudo narcisista. Assim:

Se a mulher, seguindo uma tendência para a homogeneização social cada vez maior, no sentido de um apagamento das diferenças sociais entre os sexos, procura beneficiar-se de uma liberdade sexual igual à que o homem usufrui, ela não poderá impedir-se de investir sua vida amorosa de um modo narcísico. Valorizará seu ego corporal, e isso num sentido cada vez mais extenso, de seu corpo, suas roupas e seus enfeites, para seu “interior”, sua casa e tudo o que funciona como suporte material de sua vida amorosa. A extensão de seu ego compreenderá, é claro, seu parceiro e seus filhos, sendo todo esse conjunto impregnado pela marca dessa “unicidade”, que é própria do investimento narcísico. (1988, apud Chasseguet-Smirgel, 1988:80)

Através de um investimento narcísico em busca da “unicidade” que possibilita uma integração das pulsões parciais, que se estende à imagem corporal, a mulher se sente madura e autônoma para seus desejos e o périplo edipiano conclui-se, apesar de esta resolução permanecer hipotecada.

Hipotecada no sentido de que, segundo Grunberger (1988), a menina mantém com a mãe, nas fases pré-edipianas, uma relação carregada de sentimentos ambivalentes, posto que ambas não são objetos satisfatórios entre si. Assim, o investimento narcísico que a mulher dedica a si mesma é uma tentativa de preencher a carência materna. É isso que pode ser inferido nas palavras de Margareth:

Eu sou uma pessoa muito ligada na questão do corpo, com a estética, porque eu fui criada,... Infância e vendo manequim lindíssima na revista eu ia projetando essa imagem, então eu correspondo muito bem essa cobrança de ser mulher bonita, eu ainda tento corresponder e isso (ri), mas isso me dá prazer, eu gosto disso, é uma coisa que pra mim é prazerosa. Gosto de fazer ginástica pra ficar bem, eu sou ligada nisso, eu acho que é importante, eu tomo remédio pra segurar as rugas. (Margareth)

Todavia, o objeto de desejo é conferido ao pai, que, neste período pré-edipiano, encontra-se afastado, deixando a menina, de certa forma frustrada, com a sua relativa ausência. Entretanto, este afastamento, ao mesmo tempo, permite à menina amadurecer, o que lhe confere a aquisição de uma postura mais feminina, que a possibilita ir mais madura à posição edipiana, com uma imagem ideal deste pai esperado e amado, como é explicitado por Grunberger:

Isto explica, de um lado, a sobrevivência particular de sua afeição edipiana assim como a franqueza desta e, de outro, sua tendência a dicotomizar (a ter um amor ideal edipiano e uma afeição pré-edipiana que lhe é oposta), também a tendência a culpabilizar suas relações amorosas. (1988,apud Chasseguet-Smirgel, 1988:84)

Portanto, segundo o autor, a tarefa da menina consiste em ser capaz de, nesta transição, entre a fase narcísica e a fase pulsional, sintetizar seus sentimentos e conflitos, via identificação com o falo, sentindo-se, assim, com mais autonomia frente a seus desejos, como é citado por Grunberger:

Nos casos satisfatórios, ela pode realizar uma síntese entre as duas e atingir o grau de evolução de completude narcísica, isto é, uma maturação pulsional de confirmação narcísica satisfatória, o que, em seu inconsciente, assume a imagem do falo.(1988 ,apud Chasseguet-Smirgel, 1988:85)

Destarte, para este autor, o órgão sexual, vagina, é socializador, por ser ele reprodutor. Portanto, quando a imagem do falo é internalizada satisfatoriamente, a mulher investe narcisicamente para além do seu corpo; para a casa, para o marido, para os filhos, pois estes passam a ser para a ela a “unicidade” tão desejada.

Assim, segundo os teóricos da psicanálise aqui utilizados, como a mulher está referenciada à ordem da castração, a sexualidade feminina estabelece o conflito motor e esclarecedor que evidencia o destino do tornar-se mulher no “paraíso materno”. Concluindo com a psicanalista Dolto, o tornar-se mãe, com o marido que valoriza a mulher, torna-se um atributo falizante. Nesta ordem, o filho passa a ser um atributo de poder valorizante:

Não é somente após a defloração desejada, por um homem a quem ela entregou livremente e que soube cativá-la, mas após uma maternidade corporal efetiva que a evolução da sexualidade feminina está em condições de alcançar de fato a plena resolução dos resíduos emocionais edipianos, o luto possível do narcisismo fálico do seu corpo e do seu sexo, o abandono da sua dependência homossexual por culpabilidade em relação a seus pais (sobretudo a mãe), o investimento do seu corpo naquele a quem seu sexo pertence, a quem ela permanece fiel não por dever, mas por livre opção de amor.(1996:106)

Confirmando o significado interpessoal apresentado pelas entrevistadas, a família, os filhos, o marido estão relacionados com a falta do falo, com o fato de se tornar mulher mediado pelo valor falizante do marido e com o poder também valorizante dos filhos:

(..) casamento, eu procurava assim me realizar, que representava pra mim ser mulher, casamento ter filhos né, naquele momento era ter filhos. (Catarina)

Minha prioridade zero é filho e marido, mais filho que marido.... . (Ana)

Primeiro porque eu casei e aí eu queria ter filhos e viajando desse jeito não era possível. (Joana)

Portanto, para a psicanálise, o ser sujeito-mulher identifica-se com a maternidade. As condições de ser mãe transladam-se às condições de constituição da subjetividade feminina.

2. 1 Subjetividade feminina

E a falta: uma ausência, um oco na vida. Porque Atlanta sente falta das coisas que quer mostrar a Peter, que quer fazer para Peter, e não fazendo murcha, fica não existindo. A falta de servir um chá, de desabotoar uma sandália --- coisas simples. O viver passa e as mãos de Atlanta estão paradas. O ser já não existe porque não se doa. (Yêda Schmaltz)

No “Édipo feminino”, a menina passa por duas tarefas difíceis, sendo a primeira relacionada à mudança de objeto. Aqui, nesta problematização freudiana, fica uma questão a indagar: o pai realmente vem substituir a figura materna inicial? Segundo os autores psicanalistas supracitados, o desejo de ter um filho, ou melhor, a maternidade possibilitaria à mulher ocupar o lugar da inveja do pênis pelo seu papel de ser mãe.

A segunda tarefa diz respeito à mudança de órgão e à mudança de satisfação entre duas gramáticas pulsionais, em que se destaca a divisão entre a linguagem e o corpo.

Portanto, a subjetividade feminina, aqui proposta, será construída a partir desta falta que, segundo Lacan (1998), é a falta de inconsciente, a falta de um recalque, enfim, a falta de sexualização; a mulher, como ser falante e de corpo, quer se fazer reconhecer como sujeito.

Analisando a mulher, a partir do pressuposto de que com “Eva” se dá a sua origem, Assoun aponta:

A mulher foi seduzida a partir do momento em que experimentou, no que lhe ofereceu a serpente, a língua de seu desejo sem lugar, ou seja, experimentou que o fruto era bom de comer e a árvore era bela de se ver. Através disso se antecipou o prazer da língua, no duplo sentido do termo, pois a oralidade é também o prazer inaudito que se obtém ao falar. Com isso, de objeto de desejo adâmico ela acedeu à forma de prazer que emanava de sua própria fala, o que provavelmente tem a ver com o estilo de gozo consigo mesma da mulher.(1993:176)

Partindo do contexto bíblico, poder-se-ia dizer que a mulher foi um instrumento passivo da criação, inclusive como parte de um membro de uma estrutura masculina, como apêndice de Adão. Entretanto, ao induzir à degustação da maçã se

reconhece a potencialidade da linguagem como elemento primaz (necessidade do Texto) na busca da singularidade de sua falta.

Os seres humanos são sexuados. A rigor, amor e desejo são acessórios necessários para um compromisso de afeto entre eles. Para a mulher, a reciprocidade de sentimentos e do desejo são frutos da linguagem, na ordem do jogo narcísico que lhe propicia a confirmação de seu valor fálico e de sua entrega ao gozo.

Se a relação estabelecida no périplo evolutivo da menina mediada pelo adulto se dá via corpo-a-corpo, através de trocas simbólicas de prazer ou desprazer conforme as pulsões, torna-se ela uma relação inter-humana criativa e de linguagem. Nessa dimensão, o humano vive a perda a nível do corpo. Assim, na compreensão deste ele não é corpo, ele tem corpo. Esta interposição, segundo André, constitui ao mesmo tempo um acesso e uma barreira:

....acesso ao corpo enquanto simbólico, e barreira ao corpo enquanto real....
é o significante que cria o corpo ao mesmo tempo que o interdita. Esta contradição, decorre o conflito, interno à ordem do simbólico, entre o Um e o Outro, entre a exigência da unicidade e a da alteridade. (1998:235,238).

Pois do corpo do outro nunca se pode gozar plenamente, na afirmativa de Lacan:

Duas faltas aqui se recobrem. Uma é da alçada do feito central em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro, pelo fato de que o sujeito depende de significante e de que o significante está no campo do Outro. Esta falta vem retomar a outra, que é a falta real, anterior, a situar no advento do vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual (1998:194).

Assim, o reconhecimento da falta de um se faz através da constatação mítica do amor. Portanto, toda troca para se tornar humanizada encontra-se no movimento essencial das pulsões.

Para a mulher, a entrega de seu corpo ao outro encontra uma problematização, relacionada à mudança entre duas gramáticas pulsionais. À medida que ela se esbarra na falta do significante, sendo este que lhe confere o status de sujeito que lhe permite acessar o campo do outro, seu desejo não pode realizar genitalmente. Justaposições podem encontrar guarida no difícil manejo do parceiro em buscá-las para o prazer, nos problemas de saúde, no excesso de trabalho etc, enfim, a falta de satisfação é posta nos outros:

Ah não, não gosto mais não sabe (ri), essa fase hoje da sexualidade pra mim é, sei lá, eu acho que parece que ficou ruim sabe. Eu não sinto a

mesma coisa, mesmo prazer sabe, então eu. Tá comigo sabe, eu prefiro estudar (ri) porque eu me realizo mais estudando. (Catarina)

Isso é complicado. A sexualidade está complicada porque é muito difícil, retomar a relação depois do que houve. Ter orgasmo de novo é muito difícil, é um esforço. Eu resolvi, durante uns meses eu separei e voltei, eu tenho uma coisa fechada, resolvida na minha vida, eu não vou separar enquanto eu tiver os meninos dependentes, eu não vou separar. (Margareth)

A necessidade que a mulher tem de ser amada é decorrente do desejo de que o amor ocupe o lugar do significantes faltoso, mas ela não quer só ser amada, é preciso que lhe diga sobre este amor. Na entrega sexual, segundo Dolto (1996), a mulher que não encontra testemunho do seu parceiro, daquele com quem desfruta da experiência do coito, ou seja, se ele dorme e não volta a falar-lhe do desejo, como ela necessita desse gozo na linguagem, começa a sentir que o outro está indiferente, ou que ela “nada” significa para ele.

Coisas que você não vai dizendo ao longo do tempo, e você vai percebendo e é exatamente ao longo do tempo, a reiteração dos comportamentos,. Eu sempre falo, mas ele não ouve. Só que ele nunca fala, porque ele é calado né? Então isso vai cansando, isto tudo vai somando acaba desabando na sexualidade.... tudo isso acaba desabando no relacionamento sexual, porque não dá para você separar. Sem contar, é óbvio, o peso das diferenças individuais né, então tudo isso acaba interferindo sim. Então ela anda muito ruim. Mas o ruim que era verdade para mim não tem feito falta, faz para ele, e essa é uma grande diferença, a como se percebe essa sexualidade.. ele percebe a sexualidade como uma coisa, eu costumo dizer, você acha que eu estou sempre pronta da mesma forma que você, eu não estou. E eu sempre lhe digo isso e você não considera.....eu tenho dito isso nestes 22 anos, e não mudou. (Vitória)

Portanto, segundo Dolto (1996), à medida que a mulher nega sua vida sexual, e por qualquer motivo o parceiro fique adormecido, ela encontra compensações no trabalho fora de casa.

(....) de vez em quando sinto falta, mas nada que me deixa, sabe, pra morrer, eu canalizo de um outro jeito. Vou andar, faço jardinagem, vou estudar, vou trabalhar, vou viajar sabe, vou fazer alguma coisa..... Não sei se é um travamento, se é de mim mesma, da educação. Não tenho sabe, se eu não tiver envolvimento sentimental eu não tenho. (Joana)

O ser humano encontra-se neste “ratio” na fala e no corpo; a mulher a quem é somado esta clivagem, encontra-se sem o recalque, portanto, sem significantes. Como disse Freud (1980), na sexualidade feminina, tornar-se sujeito na condição social é um continente obscuro.

Quando Freud, em 1924, escreve “O problema econômico do masoquismo”, ele ordena o humano perante a angústia de castração, a objetivação do menino e da menina enquanto seres desejantes e gozantes. Mediante o masoquismo, a erotização do corpo do outro passa pervertendo-o.

Fundamentado na premissa da falta do falo e sua busca incessante para constituir-se como sujeito, a subjetividade feminina, que se propõe, associa-se ao masoquismo feminino e moral. Esta subjetividade, configurada a partir do masoquismo feminino, apresenta-se na dificuldade que a menina tem diante da internalização do pênis paterno, segundo a citação de Chasseguet-Smirgel:

A posse fantasmática do pênis é freqüentemente de tal modo conflituada, que uma intervenção externa ínfima é suficiente para despertar a culpabilidade de uma mulher que, à primeira vista, poderia aparecer como desprovida de inibições no plano profissional (1988:120).

Na relação com a mudança de objetos, a menina precisa sentir as frustrações que infligem a figura materna. Segundo Freud (1980), a contenta materna nunca será suficiente ao bebê. Os cuidados de asseios, as proibições, no que se refere à masturbação, tornam a mãe guardiã da filha, na puberdade, a fim de resguardá-la à castidade. Esta atitude, configurando-se em frustrações maternas, leva a menina a procurar um bom objeto, capaz de fornecer-lhe as satisfações narcísicas e objetais que lhe faltam. Assim, este objeto, o pênis paterno, acaba sendo idealizado, a ponto de corresponder a substituição da figura materna.

Mediante a esta idealização, uma desintração pulsional determina o destino psicosssexual da menina, como citado em Chasseguet-Smirgel:

Em vista disso, a menina tenderá, para manter essa desintração pulsional, a reprimir e contra-investir as pulsões agressivas em sua relação com o pai e com o pênis. Disso resultará uma culpabilidade especificamente feminina na constituição do componente sádico-anal da sexualidade, cuja essência é radicalmente oposta à idealização. (1988:108,109)

Estes conteúdos sádico-anais, associados à incorporação do pênis, estão diretamente ligados ao sentimento de culpa vinculado ao masoquismo feminino, como afirma Freud (1980):

Essa estratificação superposta do infantil e do feminino encontrará posteriormente uma explicação simples.... Também um sentimento de culpa encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas... Por outro lado, esse fator de culpa fornece uma transição para a terceira forma de masoquismo, a moral . (vol XIX :203)

Como a menina se culparia caso ocorresse a incorporação do pênis sádico-anal, a solução para este impasse é se tornar um eterno complemento deste pênis oculto. Assim a subjetividade feminina, vinculada à posição masoquista feminina, mantém a mulher numa posição infantil, conforme Chasseguet-Smirgel:

(...) só encontra aí um porto na medida em que não toma o lugar da mãe junto ao pai, pois, com efeito, não se identifica com ela, permanece criança e não se torna mulher. (1988:148)

A rigor, a subjetividade feminina, que se constitui no masoquismo feminino, pressupõe mulheres sempre se culpabilizando do falo internalizado, visto que qualquer interferência externa, por menor que seja, leva as mulheres a um sentimento de culpa.

Uma outra saída para o processo psicosexual da menina na construção de sua subjetividade seria o masoquismo moral, como assinala Freud (1980):

O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com freqüência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como a consciência de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros... por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal. (vol XIX :212)

Apesar de uma recusa da dependência e submissão, a postura da mulher neste masoquismo moral, segundo Kehl (2001), corresponde a uma obediência a um suposto comando masculino, em que a mulher busca atender e agradar o parceiro, fazendo-se necessária para garantir o amor dele para com ela, sempre servindo. Ao cumprir este destino, a mulher está sempre buscando ser útil, entretanto não busca ser desejada.

Apesar de existir destinos para as mulheres, os dados empíricos desta pesquisa apontam para a subjetividade feminina pautada no masoquismo moral e feminino.

Todas as entrevistadas revelam que estão com uma queda na atividade sexual e, por isso, insatisfeitas. Elas apontam a menopausa, problemas de saúde, conflitos conjugais e educação recebida como causas que justificam tal fato.

(...) eu acho que estou saindo da menopausa né então é um período assim em que você tem que adaptar sua vida sexual as condições reais físicas né, porque você não tem mais aquele desempenho, nem a mulher nem o marido, aquele desempenho dos 20 anos..... (Ana)

Anda péssima, péssima e eu não sei se é decorrente, porque com a quimioterapia e a radioterapia foi acelerando a minha menopausa, tanto que eu já estou fazendo reposição hormonal. Então eu não sei se influência disso, eu não sei se influência de um cansaço, porque o mestrado é extremamente desgastante. Eu não sei se porque 22 anos de casado, eu não sei se uma coisa particularmente ou um somatório né, eu só sei que ela anda péssima. (Vitória)

Quer dizer que vendo a questão que própria já vem da idade, do que é, diz a medicina que isso não é problema, mas a mulher sente mesmo né, de acordo com alguns médicos falam, não, isso é normal é questão da menopausa. Mas pra mim tá sendo difícil, uma fase difícil, não está sendo assim tranquilo não. (Catarina)

(...) não sei se por uma questão de educação ou se é da minha geração, se é de mim mesma, eu não tenho, a minha cabeça é de pra ter um relacionamento sexual, que eu considero um relacionamento íntimo, eu tenho que ter envolvimento, sabe, sentimental. Então se eu não tiver um envolvimento sentimental eu, eu consigo administrar bem não tenho. (Joana)

Eu não sei te falar meus sentimentos se ainda é amor, pessoalmente a gente se dá bem, quando chega a noite ele conversa e tal, só que a quantidade de sexo que ele quer não corresponde, aí tem bate boca, violência etc. O que é suficiente pra mim não é pra ele. Neste momento agora pra mim, eu estou muito sem interesse. (Margareth)

Elas se sentem sacrificadas, fazendo-se necessárias, seja em casa para cuidar dos filhos, ou no trabalho. Em contrapartida, todo o investimento em busca deste poder na relação afetiva, no trabalho, exige muitas renúncias, que as fazem se sentir como esposas, como mães e trabalhadoras, mediante esta subjetividade feminina que se constitui, como elas mesmas disseram, satisfeitas e realizadas sendo mulheres. Tal sentimento tem, também, suas raízes na educação familiar que prepara a mulher para viver neste conflito, na dualidade.

Catarina, conforme seus relatos, é uma mulher satisfeita na sua condição de mulher, esposa e mãe. Ela se sente dependente da família e necessária para esta. Sendo solidária com todos, gostaria que estes fossem solidários para com ela. Até sua renda financeira é compartilhada com todos da família, pois ela teve uma educação que prepara a mulher para os sacrifícios, altamente competente para “olhar tudo”:

(...) porque fui criada pra isso né, eu tive uma educação né pra isso, pra ser mãe, pra ser esposa né, e depois que eu conheci, que percebi a importância de ser profissional....Olho marido, olho pai, olho mãe, então, consigo ser uma boa profissional também, e muito boa viú, procuro me dedicar também. Então é uma coisa assim que, um trabalho que eu faço, que penso que, se fosse pra voltar, talvez eu teria a mesma, porque eu penso que compensou sabe. (Catarina)

Ana revela que a família, essencialmente os filhos, é sua maior prioridade. Sente-se realizada como mulher por ter tido uma educação diferenciada, em que sua mãe estrangeira apontou-lhe as diferenças entre homem e mulher, fazendo-a perceber que cabe à mulher ir de encontro às suas conquistas, pois se tornar mulher implica em uma luta constante:

Eu acho que desde muito nova, sabe, eu tive assim essa consciência né que a mulher tem um ponto diferenciado na sociedade, e isso também eu devo lá à mamãe que sempre colocava sabe, que o mundo, ele a sociedade era montada muito em função dos homens, dos valores masculinos e que as mulheres precisavam adquirir a sua independência sabe, estabelecer assim um patamar de relacionamento assim sempre, o mais alto possível e sempre acima da média, do lugar comum sabe. Então isso já é, vem da nossa formação familiar eu acho, essa coisa de que a mulher tem realmente um papel diferenciado na sociedade né, e ela tinha uma luta pela frente, conquistar espaço. (Ana)

Joana experimentou uma rigidez em sua educação familiar e, depois, em uma escola militar, o que fez com que ela demorasse se sentir mulher. Contudo, para ela o ser mulher é a manifestação dos sentimentos, que representam o comportamento feminino. Por isso, ela é muito satisfeita em ser mulher:

(...) antes de me descobrir como mulher eu acho que eu tinha mais atitudes, procurava ter atitudes padronizadas, vamos dizer, de comportamento profissional, não que fosse de homem, mas que seria, vamos dizer, assexuada. Depois que eu me descobri, eu coloco na minha atividade profissional e no meu relacionamento tanto com aluno, tanto com colegas, o fato de ser mulher. Eu levo pro meu trabalho as coisas pessoais, as coisas assim do coração, de emoção, levo e assumo que levo..... : Choro mesmo, quando tô com raiva, chego em casa e choro até dizer chega, aí passa a raiva, estou ótima, as rugas a gente concerta, agora tensão lá dentro não concerta, dá estresse, sabe, dá esclerose, dá enfarte, então as rugas a gente concerta, choro mesmo, faço, daí um tempo passou.(Joana)

Vitória tem a clareza de que ser mulher é tornar-se o semblante do desejo do outro, através da sedução com as meias de nylon, com o salto alto. Para ela, quando o corpo da mulher não mais corresponde ao desejo do outro, pode-se, então, ser “ela mesma”, na descontração de um tênis:

(...) então eles querem sempre estar ao seu lado, primeiro porque você tá sempre bonita, tá sempre arrumada, porque é um instrumento de sedução que a mulher usa, uma saia um pouco mais curta em que o real há de ser aquilo que consegue lhe dar, né? Então, você tem um certo domínio da situação. Então, eu me percebi essa mulher sedutora até essa data. A partir do momento que eu desenvolvi câncer de mama que eu tive que fazer uma mastectomia. Então, tem uma diferença em que a minha cabeça mudou, em que eu sinto falta do corpo bonito por conta disso. Eu comecei a perceber que o corpo tem uma importância, mas não tanta... O tênis me dá tranqüilidade de ser eu mesma. O salto me dá a certeza de estar no papel de alguém que quer fazer alguma coisa e precisa daquilo, é uma máscara. O tênis, a calça jeans, sou eu mesma. O salto alto, eu ponho uma meia, eu tô representando um papel de alguém que domina alguma situação. Essas são as duas diferenças que eu acho. (Vitória)

Para Margareth, cuidar do corpo, da aparência, estar bonita é ser feminina, o que lhe permite ser o semblante do desejo do outro, representado por figuras femininas em revistas de modelos:

Eu sou uma pessoa muito ligada na questão do corpo, com a estética, porque eu fui criada,... Infância e vendo manequim lindíssima na revista eu ia projetando essa imagem, então eu correspondo muito bem essa cobrança de ser mulher bonita, eu ainda tento corresponder e isso (ri), mas isso me dá prazer, eu gosto disso, é uma coisa que pra mim é prazerosa. Gosto de fazer ginástica pra ficar bem, eu sou ligada nisso, eu acho que sou importante, eu tomo remédio pra segurar as rugas,..." (Margareth)

A dependência em relação à figura masculina apresentada pelas mulheres está presente em várias circunstâncias relacionais. Mesmo sendo autônomas financeiramente, com um trabalho intelectual de professoras universitárias, sempre em crescimento, sentem a culpa, devido à relação família-trabalho.

A culpa atinge as mulheres, na sua dimensão de ser e existir, não lhes permitindo usufruir seu status. Existindo, ou seja, vivenciando a condição de mulher, elas sentem a sobrecarga familiar e não encontram parceria para a divisão das tarefas. Sendo, em outras palavras, vivendo a sua essência feminina, sentem-se insatisfeitas na relação conjugal à medida que seus desejos afetivos não correspondem aos desejos sexuais do parceiro. Contudo, um paradoxo: elas se sentem satisfeitas em serem mulheres na experiência em que a família, o marido e os filhos permitem-lhes a realização de serem desejantes ao outro.

Esta conclusão só pode ser aferida mediante a contextualização acima apresentada, portanto como pontua Dolto:

O que a mulher é para os representantes machos da espécie, ela o é também para si mesma: uma criatura carnalmente símbolo do intangível: quanto mais ela se dá, quanto mais fala do insensato, do aéreo, mais moral ela é. Uma mulher não pode senão formular esse juízo e, ao mesmo tempo, não pode deixar de sentir-se gratificada de ser, para o homem a quem deseja e ama, a absurda necessidade do desejo dele, e a grave cúmplice da encarnação do "Eu" num encontro que ela é incapaz de assumir com lucidez. (1996:228)

É possível perceber, a partir dos enunciados das entrevistadas, que no "ratio" entre corpo e linguagem, encontra-se um outro lugar que está além do manifesto na relação de culpa entre marido e filhos, mas no latente do corpo, à medida que é com e através dele que se estabelece o trânsito livre ou alienado para brincar, amar, gozar, produzir, criar etc.

3. A PROFESSORA E O ESTRESSE: UMA MATIZ DA SOCIEDADE

Cada qual vive do seu jeito a sensação de estar integrado numa sociedade sem sentido. (Igor Caruso)

O trabalho é mais que uma simples atividade. A ele são atribuídos os processos de constituição individual, a aquisição da autonomia, a construção de si mesmo como sujeito genérico e histórico.

Eu comecei a trabalhar aos 18 anos é realização mesmo profissional..(Catarina)

Comecei a trabalhar não oficialmente assim, sem carteira com 16 anos dando aula particular. Para mim significava, eu acho que eu sou de uma geração que o foco principal era a independência, ter liberdade, poder ter autonomia financeira e construir alguma coisa, ter profissão, ser um profissional...(Joana)

E, eu sempre achei muito bom trabalhar né. O trabalho é uma coisa que me ocupa, e hoje né, depois que você tem uma certa idade, você começa a entender porque trabalhar é bom. Na época eu achava que era para não depender da minha mãe,..... para mim foi muito significativo, começar a trabalhar assim, que é uma coisa da qual eu me orgulho,..... De onde eu saí para onde eu estou, então isso para mim só pode significar glória. (Vitória)

O trabalho significou pra mim conquista, é responsabilidade, é emancipação e, o início de outra etapa de vida. É maturidade, é prazer, acho que não (ri), no início não..... eu acho que o mais importante é isso mesmo, né, essa emancipação. É o fato de ajudar tão cedo em casa né. (Margareth)

Compreende-se o homem relacionado ao trabalho, pois este constitui por excelência o gênero humano, posto que com ele “o homem supera sua condição de ser natural e se converte em ser social”.(Resende, 1992:60)

Marx (1987) utiliza-se dos aspectos econômicos, sociais e políticos, antropológicos e filosóficos para definir a alienação. Ele afirma que, a partir de fenômenos presentes na produção capitalista, a alienação se revela em quatro formas: alienação do produto, da atividade, do gênero humano e dos outros homens.

Neste contexto, para Marx (1987), o trabalho é um processo complexo de permanente intercâmbio do homem com o seu meio ambiente, neste caso, a natureza, e entre os homens entre si, objetivando produzir bens e serviços úteis à condição humana. Assim, o trabalho é considerado a “atividade existencial” do homem, “sua atividade livre, consciente”, não um meio de conservação da vida, mas sim um meio de desenvolvimento da sua “natureza universal”.

Desta forma, portanto, o homem difere do animal, pois ele é capaz de projetar mentalmente o futuro quando simboliza o que vai produzir e como usufruir seus

benefícios. Assim, o valor da atividade humana está baseado intrinsecamente no trabalho; no processo de transformação e de socialização do homem. A rigor, as necessidades humanas e a natureza vêm sofrendo mutações oriundas do trabalho.

Sob esta perspectiva, Marx (1987) afirma que o homem pode ser sujeito político e social, mas deve levar em consideração o contexto e a realidade onde o trabalho se manifesta.

Desta maneira, a alienação do trabalho, nos termos de Marx (1987), se apresenta na relação do trabalhador com o produto de seu trabalho e com a atividade executada. Quando o trabalhador produz mercadorias para o ente privado que visa lucros, no modo de produção capitalista, o trabalhador se vê desprovido de meios de produção. Então, diante da falta de meios, implicitamente, ele entrega sua atividade e o produto de seu trabalho, através de um contrato salarial, isto é, aliena-se o trabalhador à medida que se perpetua a relação em que se dá o modo de execução do trabalho, na busca pela obtenção dos seus próprios meios de produção, visando, de forma permanente e incansável, almejar os ganhos da agregação de valor e de inserção social.

Esta força viva e ativa de alienação é usada pelo capitalismo de maneira exploratória, retirando do trabalho um valor a mais, ou a mais-valia, como definida por Marx assim:

A produção capitalista, que essencialmente é produção de mais valia, absorção de trabalho excedente, ao prolongar o dia de trabalho, não causa apenas a atrofia da força humana de trabalho, à qual rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida. (1987:301)

Poder-se-á afirmar que mais-valia, ou lucro, é meramente a razão mais peculiar de existência do trabalho excedente no modo de produção capitalista. Quanto mais o trabalhador produz, maior será o poder do capital, pela acumulação de mais valia dos detentores dos meios de produção, e menor será a possibilidade do trabalhador se apropriar dos seus produtos. Assim, as relações capital e trabalho levam a marca da exploração e do conflito permanente. Portanto, segundo Marx:

Todos os meios para desenvolver a produção redundam em meios de dominar e explorar o produtor, mutilam o trabalhador, reduzindo-o a um fragmento de ser humano, degradam-no à categoria de peça de máquina, destroem o conteúdo de seu trabalho transformando em tormento; tornam-lhe estranhas as potências intelectuais do processo de trabalho na medida

em que a este se incorpora a ciência como força independente desfiguram as condições em que trabalha, submetem-no constantemente a um despotismo mesquinho e odioso. (1987:748)

Entendendo o homem como ser social e ativo, sujeito de suas ações, entretanto, limitado pela relação capitalista do trabalho assalariado, e a extração e apropriação da mais-valia em sua atividade básica, é possível, para Marx (1987), compreender o significado do gênero humano no desempenho do trabalho.

Assim, o homem, como ser social, é, portanto, operativo e se autoconstrói pela sua ação específica no trabalho e na práxis social. O valor que se designa à atividade humana está intimamente relacionado ao seu poder de exteriorizar-se no ambiente, criando o novo, tornando-se a expressão viva e concreta do essencial do gênero humano.

Por conseguinte, segundo Marx (1987), é o gênero humano objetivado que gerou, ao longo da história, bens materiais, as inovações, as invenções, as criações e as relações sociais. O gênero humano objetivado e intercambiado com o indivíduo singular enriqueceram e enriquecem as relações sociais e seu “campo de escolha”, de autodeterminação.

Entretanto, observa-se, na atualidade, um aglomerado de riquezas sociais tanto do ponto de vista material quanto espiritual, mas os indivíduos se encontram definhados, temerosos, impotentes, preconceituosos e, na maioria das vezes, com atitudes irracionais. Estão eles diante daquilo que Marx descreveu como alienação de gênero, conforme confirma Resende:

(...) o trabalho alienado transforma em simples meio a atividade livre do homem, a vida genérica do homem também se transforma num simples meio para sua existência física. Por essa perda da consciência do gênero, o homem, já alienado fisicamente, também se aliena espiritualmente do seu ser humano, da sua essência humana. (1992:62)

O trabalho alienado leva o trabalhador a existir apenas como sujeito físico: satisfação de suas necessidades primárias de animal que come, bebe, dorme e procria, fazendo do trabalho, como atividade genérica e essencial, um simples meio de preservar sua força produtiva, desprovendo-a dos prazeres inerentes da realização das atividades de sua execução. Este processo de alienação afeta todas as camadas da sociedade, deformando mesmo as funções “naturais” do homem, os sentidos, as fontes primárias de liberdade e felicidade. Segundo Marx:

Esta alienação manifesta-se, em parte, enquanto produz o refinamento das necessidades (*Bedürfnis*) e de seus meios, por um lado, e bestial

selvageria, completa, brutal e abstrata simplicidade dos carecimentos (*Bedürfnis*) de outro; ou mais ainda: ela apenas engendra de novo a si mesma com sentido oposto. Mesmo a necessidade de ar livre deixa de ser no operário um carecimento; o homem retorna à caverna, envenenada agora pela pestilência mefítica da civilização, e ele a habita apenas precariamente, como poder estranho, que pode escapar dele a cada dia, e da qual pode a cada dia ser expulso, se não pagar. (1987:183)

Quando o trabalho é separado de seu objeto, de acordo com Marx (1987) instaura-se “uma alienação do homem pelo homem”; na ânsia de satisfazer gradativamente o constante aumento e grau de exigibilidade das necessidades, os indivíduos são isolados uns dos outros e atirados uns contra os outros. Aí, parece que a lógica da “guerra de todos contra todos” tem sua fundamentação na premissa de ser o homem o instrumento do homem, portanto, afeta a todos e, assim, a alienação se generaliza, pois o trabalho passa a ser o elemento essencial de subsistência, já que é sustentado no valor do mesmo, salário, e sua transformação no dinheiro como elemento de troca. Ressalta Marx:

A inversão e confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a irmanação das impossibilidades, a força divina, do dinheiro repousa na sua essência enquanto essência genérica, alienante e auto-alienante do homem. O dinheiro é a capacidade alienada da humanidade. (1987:197)

Ainda como ressalta este mesmo autor, à medida que a alienação se generaliza, dois novos processos emergem: o Fetichismo e a Reificação.

O fetichismo dá vida própria aos frutos humanos, ao invés destes serem entendidos como resultado de ações e relações sociais, portanto históricos, na reflexão de Marx:

Este ato do capital, que é independente e não estabelecido pelo trabalho, é transferido, então, desta história de sua origem para o presente e transformado em fator de sua realidade e fetividade, de sua auto-criação. (1986:100)

O homem encontra-se seduzido por vivências momentâneas, ao perder o valor da historicidade no processo de construção da objetivação humana, surgindo, assim, o frenético “aqui e agora”, “fazer tudo”, “resolver tudo”, “poder tudo”, tanto a nível pessoal quanto material. A solução fetichista decorrente é, pode-se afirmar, o mal estar da civilização, conforme Marx: “Os antigos proporcionavam satisfação limitada, enquanto o mundo moderno deixa-nos insatisfeitos ou, quando parece satisfeito consigo mesmo, é vulgar e mesquinho”. (1986:81)

Já a reificação, como o segundo processo da alienação generalizada, é o reverso complementar do fetichismo: As relações sociais, as pessoas e as ações se

transformam em coisas ou só podem expressar por intermédio de coisas. Nesta perspectiva, o valor do trabalho implícito se baseia na quantidade do salário; o valor das relações está no que elas podem oferecer, conforme explicita Antunes:

Nesse processo de alienação, o capital degrada o sujeito real da produção, o trabalho, à condição de uma objetividade reificada, um mero fator material de produção, subvertendo desse modo, não só na teoria mas também na prática social mais palpável, a relação real do sujeito/objeto. (2001:25)

Ao se pensar sobre o significado de alienação e suas conseqüências para a atividade humana no trabalho, é possível detectar obstáculos e dificuldades inerentes à expressão produtiva, como pontua Marx: “Temos perante nós, sob a forma de objetos sensíveis, estranhos e úteis, sob a forma da alienação, as forças essenciais objetivadas do homem”. (1987:179). Portanto, a criação do homem, os produtos do seu trabalho não lhe pertencem mais, ao contrário, o tempo todo lhe afrontam.

Sendo assim, a objetivação humana é dificultada e impedida de projetar-se, tanto no mundo do trabalho, como na vida social. Assim, os fatos demonstram, ao longo dos séculos, que o homem é privado de ser o ator de sua própria existência.

Neste contexto, produz-se no homem uma clara cisão/separação, promovida pela alienação, que se apresenta sob dois aspectos no interior do próprio trabalhador.

Primeiro, quando o trabalhador é obrigado a agir como um “autômato”, embora ele possua um leque de possibilidades de criação e inventividade, e segundo, quando o trabalhador está relacionado à simultaneidade de ação, ou seja, ele se comporta como dois indivíduos diferentes: um que não se realiza no trabalho e outro que possui ou detêm um tempo livre (fora do trabalho), e no qual poder-se-ia efetivar como ser integral, mas, como tem que viver sob égide do poder econômico e social, ele reconstitui-se somente como força de trabalho. Assim ilustra Resende:

(...) é precisamente a do indivíduo incapaz de reconhecimento de si na objetividade a qual constitui e pela qual é constituído, dominado pelo cálculo e pela quantificação que rege todas as relações, temeroso frente à unidade e à universalidade, separado dos demais indivíduos. Com essa incapacidade de reconhecimento, de crítica, de autonomia, de identificação, se instaura o ciclo da reificação subjetiva. (1992:205)

Atualmente, o trabalho, numa rede de relações capitalistas, é visto como estrutura fragmentada, sazonal, com ritmos alucinados de produção e metas quase inalcançáveis de produtividade, padronizado e sem a qualificação devida. Isto se

deve ao resultado do processo histórico, da subordinação estrutural do trabalho ao capital, o qual tem afetado a saúde dos trabalhadores, na ressonância de um metabolismo social, que vai além das engrenagens da humanidade como um todo, como corroborado por Antunes:

Se a humanidade é definida como atividade, pressuposto básico de Marx, então alienação significa que a humanidade existe sob a forma de inumanidade, que os sujeitos humanos existem como objetos. Alienação é a objetivação do sujeito. O sujeito (homem ou mulher) aliena sua subjetividade, e essa subjetividade é apropriada por outros. Ao mesmo tempo, como o sujeito é transformado em objeto, o objeto que o sujeito produz, o capital, é transformado no sujeito da sociedade. A objetivação do sujeito implica também a subjetivação do objeto. (2001:132)

Neste processo de “múltiplas fetichizações e reificações” (Antunes, 2001:131), desencadeia-se a necessidade da qualificação profissional, como requisito da empregabilidade global; vem sendo constatado que as professoras entrevistadas já são doutoras, mestras e especialistas, demonstrando que este processo não pára, como pode ser percebido nas palavras das mesmas:

(...) projetos eu não tenho, talvez eu faça um mestrado se esse mestrado vier para Goiânia. (Ana)

Tenho, eu tenho intenção de fazer doutorado. (Margareth)

(...) meu projeto é agora eu tô tentando, depois que eu voltei do doutorado, tô tentando montar o laboratório aqui. (Joana)

(...) eu gostaria de estar mais, assim disponível a produção do conhecimento, à pesquisa, mas infelizmente até o momento não consegui...(Catarina)

Eu penso estar podendo escrever, eu penso estar podendo melhorar cada vez mais o domínio do conteúdo..... (Vitória)

Freud, em 1930, adverte que o trabalho é indispensável ao ser humano, haja visto que ele lhe possibilita a capacidade de sublimar os impulsos agressivos e os eróticos. Mediante este processo, a civilização progride gerando satisfação para a humanidade. Entretanto, no mundo contemporâneo, em função da própria estrutura do capital, assim como se constitui a forma de trabalho com suas distorções e contradições, não se alcança mais nele a satisfação almejada. Eis a confirmação:

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma quantidade de componentes libidinais, sejam elas narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A

atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. (Vol XXI:99)

Então, o trabalho como necessidade de inserção na estrutura capitalista, no sentido da sobrevivência e garantia da subsistência, além de, implicitamente, acarretar problemas de caráter social, empresta ao homem o sentido de galgar padrões de felicidade que dependem, substancialmente, do ambiente onde está inserido, da sua história familiar e suas diversas possibilidades de satisfação pessoal.

3.1. O significado do trabalho no mundo feminino

As pessoas geralmente misturam os termos “mulheres”, “gênero”, “fêmea”, “feminino” e “feminista”. Esses termos, no entanto, têm significados distintos. Uma “mulher” é um indivíduo específico; “gênero” denota relações de poder entre os sexos e refere-se tanto a homens quanto a mulheres; “fêmea” designa sexo biológico; “feminino” refere-se a maneirismos e comportamentos idealizados das mulheres num lugar e época específicos que podem também ser adotados por homens; e “feminista” define uma posição ou agenda política. (Schienbinger,2001:32)

Sendo o feminino e o masculino construções culturais aprendidas que podem variar no tempo e no espaço, a representação destas duas particularidades não são imutáveis, estando, pelo contrário, em permanente construção.

Poder-se-á dizer que estas particularidades vêm se processando no tempo, entretanto, estudos de gênero ganharam expressão a partir dos anos sessenta, vindo do recrudescimento do movimento feminista, principalmente nos EUA e na França, na busca de reconhecimento da liberdade sobre o corpo e da cidadania.

As permanentes denúncias a respeito das profundas desigualdades entre homens e mulheres permearam o desenvolvimento de pesquisas e reflexões, que buscavam entender melhor a razão dessas disparidades no campo da História, da Sociologia, da Antropologia, da Lingüística etc,

Destarte, o início do movimento feminista no mundo, conforme Campos(1999), aconteceu no século XVII com a publicação do livro “Vindicação dos direitos da mulher”, que reclamava iguais oportunidades na educação, no trabalho e na política às mulheres.

O reconhecimento paulatino destes direitos permitiu o agrupamento de valiosas contribuições para a construção de um vasto campo epistemológico, no qual considera-se que o mundo pertence aos dois sexos, apesar da relação dominação e subordinação existente entre eles e estabelecida no decorrer da História da humanidade.

O movimento feminista, no transcurso de algumas décadas do século 20, passou por um período de estagnação em vários países do mundo ocidental, mas, no final dos anos sessenta e mais acentuadamente nos anos setenta, ressurgiu com força inusitada na Europa e nos EUA.

Nesses últimos períodos, a luta por igualdade e maiores direitos emergiu na consciência que rejeitava as diferenças naturais entre os sexos, reivindicando, isso sim, um lugar para as mulheres no mundo até então reservado apenas aos homens, disseminando um pensamento ideológico em que as diferenças são vistas como desigualdades. Conforme Rago:

A luta pela emancipação da mulher não passa pela reivindicação de aceder à esfera pública simplesmente, mas é primeiramente uma questão de ordem moral: trata-se da necessidade de libertar-se do modelo burguês que lhe é imposto e de construir uma nova figura negadora daquela forjada pela representação burguesa e masculina. A mulher não é apenas sentimento e passividade, daí a necessidade de instruir-se, de utilizar seu potencial intelectual na crítica ideológica das instituições e das mitologias religiosas e de lutar pela própria independência.(1987:100)

A situação de inferioridade em que viviam as mulheres, antes restrita ao seu espaço particular, estendeu-se ao espaço público, devido às dificuldades do meio familiar representadas pela dupla jornada de trabalho: cuidar da casa e da família e exercer sua atividade empregatícia. Instalava-se, assim, a ambigüidade em relação ao sexo feminino; se, por um lado, existia o desejo de ser esposa e mãe, por outro lado, existia o anseio de fazer parte da população economicamente ativa. Isto, no entanto, significava deixar o primeiro espaço ou abandoná-lo, como conclui Antunes:

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço

público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não-diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não-diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas. (2001:108-9)

Segundo Rago (2001), as mulheres tiveram acesso ao trabalho quando os maridos saíram para o combate nas duas grandes guerras mundiais, o que as levou a assumir os negócios de família. Entretanto, com a consolidação do sistema capitalista de produção, no século XIX, inúmeras mudanças ocorreram na produção e organização do trabalho feminino. Assim, com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento dos meios mecanizados de produção, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas como suporte de operacionalização. Entretanto, os diversos setores sociais mantinham um discurso voltado à “questão da moralidade social”. Confirma Rago :

Muitos acreditavam ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (2001:585)

Sem embargo, as feministas, no Brasil, através de suas publicações e movimentos, defendiam o trabalho feminino fora de casa apontando os benefícios para a maternidade que esta atividade oferecia. Tão somente a partir de 1940, os movimentos feministas passaram a se expressar mais intensamente no mundo com respeito a este assunto. Conclui Rago :

As mulheres ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. No campo, nas cidades: como empregadas domésticas, em escolas, hospitais etc, tanto quanto professoras, médicas, engenheiras, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais. Aos poucos, as mulheres iam ocupando todos os espaços de trabalhos possíveis.(2001:603)

Mas, um dos espaços profissionais em que as mulheres puderam exercer suas atividades com maior amplitude, foi o magistério, no final do século XIX, e o qual, segundo Louro, teve um aumento significativo em todo país:

(....) esse movimento daria origem a uma “feminização do magistério, também observado em outros países, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens...A docência não subvertia a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma

atividade de amor, de entrega e doação. A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a idéia de que a docência deve ser percebida mais como “sacerdócio” do que como uma profissão. (2001:449,450)

Neste contexto, a profissão de professora vem associada à imagem da mulher passiva, dócil, delicada etc, portanto, não reivindicadora ou questionadora dos seus direitos de remuneração do trabalho, de carreira, das condições infra-estruturais etc.. Pode-se afirmar, então, que há uma “feminização do magistério”. Esta situação sofreu intervenção e controle do Estado, como aponta Louro (2001):

(...) a determinação de conteúdos e níveis de ensino, a exigência de credenciais dos mestres, horários, livros e salários, ou como um processo paralelo à perda de autonomia que passam a sofrer as novas agentes de ensino.(2001:451)

De acordo com esta mesma autora, Louro (2001:454), o magistério, como nova profissão feminina, contempla a dupla marca: “o modelo religioso e a metáfora materna: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício” (2001:454), não perdendo a essência dos ofícios femininos. É com este perfil que as professoras entrevistadas, Catarina e Ana, revelam-se:

Eu vejo que a atividade de professora né, em qualquer nível exige muito, então você não vai para casa tranqüila né. Isso desde quando eu tinha os filhos pequenos. Quer dizer que, eu estudei depois de casada, eu me formei né, eu fiz todos os meus cursos né, com família, conciliando tudo né. É a condição de ter é, ser mulher né, condição de ser mulher e ter (ri) a jornada dupla, tripla de trabalho.(Catarina)

(...) eu acho que mulher ela tem um temperamento sabe assim maternal, sabe como que é, que inspira confiança, né, não tô dizendo que todas as mulheres são assim não, mas na grande maioria eu acho que sim sabe, então por exemplo, no relacionamento de trabalho né, relacionamento de trabalho assim quando você olha do ponto de vista profissional daí as pessoas vão ver a sua. Eu acho que a mulher sim, ela é vista de maneira diferenciada sabe, e quando eu falo pra você que a mulher é mãe assim, eu vejo aqui dentro do departamento os alunos quando tem problemas não é, eles vão atrás é das mães que ele tem aqui dentro, pra resolver, ajudar e é analisando pelo lado afetivo das pessoas, é mais fácil chegar e colocar uma situação um problema pra uma mulher que pra um homem. Então sinto que no espaço de trabalho as pessoas exploram muito isso, esse lado feminino sabe, de compreender e tal, querer ajudar e querer acertar coisas não é. (Ana)

Um outro aspecto apontado por Louro (1998) encontra-se no discurso pedagógico prescrito. Este torna-se contra-producente à medida que a teoria e a prática passam a ter uma relação “unívoca e linear”. A rigor, a prática pedagógica tenta reproduzir fielmente o que é descrito e prescrito pelas teorias, pelos processos institucionalizados da educação. As professoras entrevistadas, com declarações a

seguir, são acometidas de tensão e insatisfação profissional, visto que demonstram não reagir, como sujeitos e, portanto, como possíveis autoras de mudanças, contra a instauração de uma situação acadêmica distorcida e equivocada.

Olha, a gente trabalha, trabalha no fundo no fundo, as coisas ficam emperradas né, dentro da instituição. Agora eu não sei porque, o que há né dentro, porque as pessoas né, não coloca as coisas assim mais às claras né, jogo mais aberto né, porque eu penso que a gente poderia viver e conviver numa pluralidade maior sabe, de respeito e eu vejo isso aqui dentro da instituição tá.. (Catarina)

(...) acho que isso é falta de estrutura profissional de uma universidade, que acaba refletindo em más condições de trabalho para quem está aqui, porque sabe, não tem uma visão profissional da coisa, então tudo é meioajeitado sabe, arruma as coisas. Eu acho esse aspecto ruim. Acho que o grande problema, na minha opinião, da universidade é de mentalidade. Não é de dinheiro, eu acho que é de mentalidade, de realidade, botar na cabeça que isso é uma instituição de ensino superior, e que tem que ter regras e que as regras são assim.....(Joana)

Eu acho que a gente tem uma preocupação muito personalizada. O meu departamento precisa disso, a minha disciplina precisa disso. A visão de conjunto não é muito trabalhada na universidade. Então, eu penso que se tivesse uma visão de conjunto, eu acho que a gente tinha condições de ter melhores condições de trabalho através de políticas de trabalho mesmo. (Vitória)

Apesar das inúmeras transformações transcorridas, em todos os campos de atuação feminina, no mundo atual, ainda, pode-se perceber que no Brasil as mulheres predispõem-se à realização das atividades reprodutivas-socializadoras e aos cuidados do lar e dos membros da família, enquanto aos homens cabe o papel, primordial, de provedores. Entretanto, é necessário observar que com relação ao desenvolvimento dos papéis sociais do homem e da mulher, tanto no âmbito da família quanto da participação no mercado de trabalho, estes apresentam configurações diferenciais, as quais foram construídas historicamente.

A sistematização e organização do conhecimento, cuja posse consiste em um instrumento de liberação dos canais para o exercício da autonomia, se alcançam através da universidade, como instância superior do ensino, já que ela prepara os indivíduos para manejarem com maior competência e eficiência suas funções na sociedade. Segundo Adorno (2000), enquanto a profissão de professora no magistério e 2º grau representam uma desvalorização e desgostos profissionais, a professora universitária tem uma posição de maior prestígio:

De um lado, o professor universitário como a profissão de maior prestígio; de outro, o silencioso ódio em relação ao magistério de primeiro e segundo graus; uma ambivalência como esta remete a algo mais profundo. (2000:99)

Apesar de exercer uma profissão no nível que denota prestígio, todas as professoras entrevistadas mostram-se insatisfeitas com o salário que recebem da universidade, pois percebem que estão com defasagem salarial em função da política de requalificação, que atualmente não existe.

(...) eu faço todas as atividades como doutora né, e recebo como professora adjunto né, não tive acesso à carreira, eu acho que pelo menos isso eu poderia ter conseguido né, e também muita carga horária, durante estes anos todos tenho 4 horas, não tenho carga horária é , como fala efetiva né, tenho 4, somente 4 horas efetiva. Quer dizer, porque isso? Porque pra uns é possível pra outros não né. (Catarina)

(...) olha se tem uma coisa que é péssima aqui é salário de professora sabe, eu acho salário de prof^o assim um abuso, um abuso ainda mais que nós tivemos muitas perdas não é, do ponto de vista salarial, então o salário da UCG de 10 anos atrás né , ele tinha assim um horizonte, era um salário é que no orçamento familiar, ele tinha um significado muito maior que tem hoje, porque hoje o novo salário está muito defasado, muito defasado e eu acho que nessa universidade grande como é UCG que é um dos maiores orçamentos do estado, acho que a universidade poderia valorizar mais seus professora não é, e ter um salário mais compatível com esse corpo de conhecimento isso . (Ana)

(...) eu acho que pro que eu faço e pra qualidade do que eu faço eu ganho muito mal. Até porque eu fico só aqui, sabe. O salário talvez seja adequado, que é maior que das federais eu sei, mas talvez ele seja adequado para quem não tem compromisso....Só que tem 500 pessoas que não tem nem especialização e são titulares, então, sabe, essa parte da carreira na universidade, eu acho altamente desestimulante, não gosto nem de pensar, quando começo a pensar começo a ficar irritada, sabe.... eu me esfolei para terminar o doutorado.... (Joana)

Olha, eu penso que a despeito dessa relação patrão-empregado, a despeito da força de um e do outro, eu sempre acho que a gente tem que melhorar muito pra poder merecer, brigar pra melhorar o que ganha né? Então, eu penso, por exemplo, quando eu penso em termos de categoria profissional, entre pessoas com uma bagagem muito grande, que tem tempo de instituição muito grande e que estão com o mesmo salário que eu, aí eu percebo que não é bom. (Vitória)

(...) eu acho muito pouco. Primeiro que eu estou com uma defasagem de 2 anos e meio sem receber minha gratificação aí a mais que eu teria uns 600 reais por ter mestrado né. Eu acho que não é justo, eu to trabalhando como mestre né e não tô recebendo, quer dizer é um desvio de função, é um desvio de cargo e função né; eu tô exercendo uma função e um outro cargo, e isso é desestimulante... (Margareth)

As professoras sentem uma insatisfação profissional e apontam para o fato de que o envolvimento no trabalho e o compromisso político não se encerram na sala de aula, implicam uma vinculação à instituição como um todo. Nesta perspectiva, como expressam a seguir, o nível de sua frustração e de insatisfação torna-se ainda maior.

(...) estando na universidade, nesse clima também, isso afeta muito né, a gente que tem uma presença, que tem a vida aqui né, boa parte da sua vida

passa aqui né, os momentos, os dias né, então é; você não sente assim segura, tranqüila. Agora eu gostaria que fosse diferente sabe, gostaria que fosse diferente, não sei se o momento que nós estamos vivendo no país né, pra todo mundo, nós que somos trabalhadores sabemos disso né, então um clima muito ruim, não tem segurança, você não tem onde né. Não agora vou ficar mais tranqüila... (Catarina)

(...) eu tenho uma insegurança muito grande no meu trabalho como um todo, porque eu sempre estou trabalhando com pessoas que tem muito tempo de atividade naquilo, pessoas que academicamente tem estradas e mais estradas, então me deixa insegura, me deixa assim muito tensa, porque eu não sei que tipo de coisa que eu percebo que eu tenho que despertar nas pessoas uma expectativa muito grande em termos do que eu possa dar. Então isso para mim acaba sendo um peso, porque eu me sinto na obrigação de atingir essa expectativa. (Vitória)

As professoras Ana, Catarina, Joana e Vitória demonstram-se muito insatisfeitas com o trabalho. Para elas, o bem estar no trabalho representa reconhecimento das horas investidas na instituição, sentimento de segurança e tranqüilidade para exercerem as atividades acadêmicas, bom relacionamento com os colegas de trabalho:

O bem estar para o trabalho, o reconhecimento né, e daí todas as garantias né, de segurança que todo trabalhador almeja né, dentro da sua carreira. Falta né, então isso aí, esse bem estar está bem distante não é.(Catarina)

Bem estar meu para o trabalho, eu estar bem, a qualidade do meu trabalho, faz toda a diferença no meu trabalho, faz muita diferença viu. Eu faço a obrigação, eu faço, não deixo de vim dar aula nunca, mas aquela aula boa que o aluno fala: “puxa que aula legal”, se eu tiver boa , se eu tiver mal eu dou uma aula apagadinha, eu cumpro minha obrigação, a diferença entre cumprir obrigação algo a mais. (Joana)

Bem estar no trabalho, eu acho que o bem estar no trabalho ele passa primeiro por um bom relacionamento com os colegas, eu acho isso fundamentalisso eu acho assim fundamental pra você ter aquele bem estar, estar trabalhando numa instituição que é confiável que é humana que tem um interesse no nosso caso aqui de trazer crescimento à sociedade na qual a instituição está inserida né, isso eu imagino fundamental.(Ana)

Tranqüilidade, sabe assim. Quando eu tenho uma insegurança muito grande no meu trabalho como um todo, porque eu sempre estou trabalhando com pessoas que tem muito tempo de atividade naquilo, pessoas que academicamente tem estradas e mais estradas, então me deixa insegura, me deixa assim muito tensa,... Mas quando eu estou é por exemplo, frente a frente com o aluno, a insegurança é muito grande, ali eu me sinto ansiosa, tanto que normalmente, no início do semestre que eu tenho na sala de aula , ficar lá na frente que eu tenho que expor a insegurança é tão grande que normalmente eu tenho uma crise de faringite.(Vitória)

Percebe-se que, no exercício de atividades acadêmicas destas professoras, a insatisfação apresentada reflete significativamente no seu desempenho em sala de

aula, revelando dificuldades para preparar as aulas, dores nas costas, estresse e falta de energia:

É reflete também, reflete porque se você não está bem né, você sente dificuldade para estudar, pra preparação de aulas né, quer dizer, eu estou, sinto muito presente em tudo, mas assim, uma certa dificuldade pra levar todos os compromissos sabe. (Catarina)

Tudo acadêmico e fora do acadêmico muito cansaço. (Ana)
(....) eu chegava aqui na Católica, parece que na hora assim, minhas costas, na hora ela dá o sinal e aí fica o dia inteiro, sou dura aqui...Significa baixa qualidade, significa, desestímulo, sabe, quando você perde, perdeu a graça. Eu sempre falo, aquilo lá perdeu a graça. (Joana)

Mais estresse, bom eu tenho insegurança, eu preciso buscar ter segurança, mas eu não consigo sair dessa necessidade de busca.... É como se comprar livros me desse tranquilidade para aquisição de conhecimento estudar porque preciso adquirir conteúdo, aí eu compro o livro que eu preciso aprender, mas também não leio, não leio um que tenho que estudar outro, não leio outro porque estou cansada, não gostaria de estar assim. Então eu acho muito complexo, muita loucura. (Vitória)

É falta de energia, muito forte, evito de encontrar pessoas, reunião, festas, dificuldade de enfrentar situações problemas né, medo de entrar na sala de aula sabe, medo de não dar conta da sala de aula..... descontrolo emocional, dificuldade pra assimilar as coisas de ficar expondo né..... Indisposta, tenho falta de energia. (Margareth)

As professoras Catarina, Joana e Vitória relacionam seu mal-estar ao desgaste vivenciado e absorvido nesta instituição, devido às condições que ela lhes oferece:

Você passa a absorver né, muito o trabalho dentro de um quantitativo né, e depois você fala assim: bom, que eu podia realizar até agora em relação a essa pesquisa. Você vai ver um pouco sabe, isso causa um mal estar danado. (Catarina)

Quando não gosto do trabalho aquilo me incomoda, quando não consigo aquilo me incomoda, não gosto da pessoa, ela é difícil de trabalhar, aquilo me incomoda sabe. Eu não acredito muito nessas coisas de que você vem para o trabalho e você se desliga. Quem desliga é muito bom, eu não consigo desligar de nada, sabe. Eu não desligo em casa daqui, não desligo".....eu acho que o trabalho não é para aborrecer, eu acho que não deve ser para aborrecer, sabe. Não entendo o trabalho como é, só como de rendimento tem que ser assim, uma coisa de rendimento mas, tem que ser fonte de prazer também, senão não tem graça. (Joana)

Quero dar as minhas aulas normais e a tranquilidade da 40 horas. Todo mês não ter que ficar pensando: "Olha, eu não posso fazer dívida pro semestre seguinte porque eu não sei quanto é que eu vou ganhar". Eu acho isso horrível! Eu acho que isso traz uma insegurança imensa pra qualquer pessoa. (Vitória)

Quatro das entrevistadas acham que o trabalho de professora universitária invade sua vida pessoal, seja pelo grau de exigência de tal profissão, que, além de outras implicações, pressupõe levar atividades para casa, seja pelo desgaste que é percebido em casa pelos familiares.

Sempre invadiu, não é de agora né. Eu vejo que a atividade de professora né, em qualquer nível exige muito, então você não vai para casa tranqüila né. (Catarina)

Invade, invade porque eu fico por conta só disso, deixou de invadir um pouco. Eu acho que eu melhorei um pouco quando eu não passei a vir o dia inteiro, meio período que eu tirei esse 1ª semestre...” (Joana)

Não dá pra precisar. A única precisão é que ela invade muito. (Vitória)

(...) mas é a forma como eles vêem a mãe né, é a mãe que eles vêem que não faz bem né, que dá a impressão que o trabalho é uma coisa pesada, que estudar é uma coisa pesada, difícil, ruim, sabe. Eu acho que acaba passando isso, porque eles percebem que a gente está sobrecarregada. Às vezes eles falam assim, ah mãe eu vou lá na sala de aula, vou soltar uma bomba lá nos seus alunos (ri), fica com raiva porque sabe que tira muito da energia da gente. (Margareth)

Se através do trabalho o homem busca humanizar-se, enquanto ser genérico, social e histórico, o processo de alienação é uma consequência edificadora do homem moderno, apresentando uma subjetividade reificada.

As mulheres revelam-se participantes ativas, pois atualmente cerca de 40% delas estão inseridas no mercado de trabalho. Entretanto, em meio aos avanços e às conquistas, em sua historicidade, constata-se o processo de alienação. À medida que a fragmentação é internalizada, via processo de trabalho, neste está associada a busca frenética de ganhos econômicos para o conforto familiar.

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito à escolha profissional. Na ilusão de serem autônomas e buscarem independência, as mulheres aqui entrevistadas escolheram a profissão de professora, a qual trazendo em sua constituição a metáfora materna, abnegação e dedicação, é confirmada por elas como uma profissão feminina, retratando, assim, uma assimetria internalizada.

Portanto, a realidade histórica, sociológica e psicológica das professoras, sujeitos dessa pesquisa, apontam para uma malha institucional que, de certa forma, engendra uma ocupação política do corpo alienada nos desejos institucionais.

3.2. O corpo feminino e suas manifestações

O pus e o sangue
 dos meus dias
 de também ser dupla,
 dos meus dias
 de besta e borboleta
 inválidas,
 invalidas e ávidas,
 dádivas, lidas,
 vidas, vindas
 e idas:
 iêdas.
 (Yêda Schmaltz)

A psicanálise retrata a sexualidade apoiando-se em funções nutricionais, a excretória, e a função sexual propriamente dita, dando-lhes um outro sentido, além do biológico e natural, determinando o destino humano que afeta não apenas a sexualidade, mas tudo que ela envolve, a conduta sexual, a escolha de objetos e as atividades.

A psicanálise demonstra também que a agressividade leva o homem à produção, gerando a noção de Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, o que remete o homem à dualidade, pois, em algum grau, coexistam entre si.

A Pulsão de Morte é contrária a toda a lógica do ser vivente, como explicita Freud (1920):

Estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas antigo, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou outra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz. Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morrer por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos compelidos a dizer que “o objetivo de toda vida é a morte”, e, voltando o olhar para trás, que “as coisas inanimadas existiram antes das vivas”. (Vol. XVIII:55-6)

Partindo das concepções psicanalíticas, nesta “sexualidade diferente e multiforme, desta agressividade não funcional e desta pulsão bem estranha”, como afirma Ávila (1996:216), o processo de corporização encontra-se imbricado.

Na ordem da psicanálise, o corpo é linguagem. As funções corporais estão implícitas em todas as etapas de desenvolvimento psicosssexual, durante o qual esta massa-corpórea em sua fisiologia e anatomia corporifica-se passando pela linguagem.

O ser pulsional inscreve-se no jogo inter-relacional mãe-bebê. Os signos que o infante emite constituem-se a comunicação com sua mãe e esta, por sua vez, passa a funcionar como mediadora do meio externo, dando significado à primeira comunicação, portanto banhada de linguagem que transita no corpo, no coração. Mais do que verbal, tal comunicação é também visceral. Conclui Medeiros: “ligar-se o corpo, representações de corpo e representação do verbo, representação da pulsão e da palavra”.(1995:52)

A rigor, situar-se enquanto sujeito para o homem e a mulher implica em que os suportes, afetivos e sociais, estejam designados e inscritos no espaço singularizado do psiquismo. Implica também, que o corpo situa-se no espaço antropológico como uma realidade material da sua própria história. Elucida Medeiros:

A encarnação do verbo segue as vias da corporização, e o processo de corporização realiza-se na medida da encarnação da sexualidade: instala-se nas vias do calor e da “febre cenestésica” da sexualidade, “pervertendo” no infante o sentir, na ordem dual original e na ordem do Édipo, para, a seguir, “perverter” o discurso e, posteriormente, debruçar-se sobre o corpo próprio nomeando, ao conquistá-la, a geografia corporal da “suposta e final perversão”, a identidade. (1995:89)

Assim, a identidade refere-se à integração do corpo e psiquismo, como uma unidade psicossomática. A integração harmônica, livre das peias e travas corporais e psíquicas, oferece aos indivíduos condições de livre desdobramento.

Como a família é uma mediação significativa para a formação do psiquismo infantil, a resistência que esta instituição mantém para a hegemonia pode efetivar-se como um ponto crítico de rompimento do self engendrado. No caso específico, as mulheres educadas no modelo familiar patriarcal, ao lidarem com ícones dogmáticos, institucionalmente, definidos, mantendo a chancela inercial do status moral e legal dos costumes, vêm-se comprometidas com as condições de desdobramentos corporais, ou seja, vêm desdobrando-se em prazer-poder. É o que pode ser lido em Medeiros:

A sexualidade, distanciando-se da representação de afeto e poder na legítima função de liberdade alteritária, reificada na função institucional, torna-se um ícone emblemático que permanentemente aponta o limite de permissão na força da sua im-postura.(1995:67)

Assim, partindo do arbítrio consensual das instituições, como a família, do jogo dos opostos que se define na linguagem e no trânsito (corporal e verbal) dos afetos, pode-se evidenciar inscritos no corpo feminino oposições significativas. Ou seja, a predisposição que a mulher tem em somatizar reside nas vivências emocionais,

narcísicas e sensuais, caracterizadas e singularizadas na história psicossocial-biológica de cada ser humano.

Se para Freud (1980), o sintoma é uma formação do inconsciente e tem estrutura de metáfora, o fenômeno psicossomático, segundo Infante, “remete a uma outra questão da pulsão e da fixação de gozo nele implicado”.(1998:149)

Assim, o fenômeno psicossomático, segundo Infante(1998), encontra-se relacionado aos conflitos psíquicos que desencadeiam reações orgânicas, a ponto de produzir algum tipo de manifestação corporal. Para uma compreensão mais dinâmica, segundo Laplanche, o conflito:

(...) pode ser manifesto entre um desejo e uma exigência moral. Ou latente, podendo este se exprimir de forma deformada no conflito manifesto e traduzir-se particularmente pela formação de sintomas.(1994:89)

Dessa forma, a compreensão de saúde, bem estar, corpo saudável, como também ilustra Medeiros (1995), está relacionada ao equilíbrio cinésio(genitalidade) e nutrológico(oralidade), numa integração do corpo-biológico e corpo-psíquico. Entender, então, as manifestações corporais das mulheres participantes desta pesquisa só é possível quando a rede de interações em que elas estão inseridas é vislumbradas. A maneira como as professoras conduzem suas vidas representam, por conseguinte, o conjunto de processos de sua dinâmica corporal-psíquica.

Como a interação mundo interno e mundo externo é que possibilita ao humano produzir, reconhecer-se, interagir etc à medida que as professoras entrevistadas em sua realidade, não encontra um ritmo próprio, com movimentos que possibilitem uma experiência de liberdade, seu corpo permanece alienado. Este fato faz lembrar Lacan (1981) e sua conceituação “fase do espelho”, em que a criança tem a crença de que seu corpo está alienado ao da mãe. Vem à luz, também, o fato de este autor apontar o discurso dos pais como fator que inscreve no inconsciente da criança significantes de ordem psicossomática e de repressão.

Mediante esta referência, esta pesquisa aponta para os seguintes dados: três das professoras entrevistadas, devido à falta de tempo, não conseguem administrar alimentação equilibrada com atividade física:

Então quero comer assim alguma coisa pra me satisfazer, então é biscoito, é massa, é doce sabe. Então eu compro, encho a geladeira de fruta e quando eu chego não pego as frutas, pego, vou tomar um café com pão, com biscoito (ri) e deixo o outro lado, mas eu acho que essa fase não é tranqüila não, essa fase. Caminhada né, faço caminhada. (Catarina)

Eu procuro fazer uma alimentação saudável, eu já percebi que quando eu estou bem, quando eu estou equilibrada, eu faço tudo direitinho sabe, eu só como coisa boa....Quando eu estou desequilibrada, quando eu estou estressada aí eu como, aí eu não como no almoço, como demais na janta, me dá vontade de comer chocolate, aí eu como demais. Aí eu faço tudo exagerado, tudo ou demais ou de menos, sabe, quando eu to estressada, muito chateada, aí eu faço tudo atrapalhado.... Eu faço hidroginástica, faço caminhada, faço massagem e agora quero ver se começo a fazer no 2.º semestre, eu acho que vou fazer Yoga, porque meu pescoço anda meio tumultuado esses tempos ultimamente, no final da tese. (Joana)

(...) tem mais de um mês que eu não como verdura, estou comendo massa. Então, cuido da minha alimentação assim. Eu tenho alguns cuidados por exemplo, meu leite é desnatado né, o reforço de Cálcio, eu tomo as minhas vitaminas né, eu tenho esse tipo de cuidado e procuro manter uma alimentação balanceada, essa preocupação eu sempre tive, ela não é de agora, eu sempre tive... Ah! Essa é um horror. Eu fiz um ano da academia, amei. Mas isso deve ter uns 10 anos atrás, meu pique hoje não é de academia.. Preciso por uma questão de saúde né, e preciso por uma questão de estética, lógico, a minha vaidade diminuiu, mas ela não acabou né? . (Vitória)

Duas professoras entrevistadas conseguem ter uma boa alimentação, mas a atividade física só uma realiza:

(...) eu me alimento muito bem, sabe, não como carne vermelha, por exemplo que eu acho que é uma coisa prejudicial a saúde, então eu não como carne vermelha, gordura, coisas gordurosas assim, não me alimentar de gorduras ta, muita fruta, muita verdura né, lá em casa a gente tem mania sabe, de cesta de fruta, todo mundo lá em casa gosta muito de frutas muito de verdura.... Não dá tempo, eu faço caminhada, eu teria que fazer caminhada né diariamente por recomendação médica, porque eu tenho uma pressão alta, (Ana)

(...) como muito cereal, muitas frutas, muita proteína mas de peixe, eu adoro peixe, faço peixe muito gostoso. Arroz, feijão, pão, chocolate eu não sinto falta. Não como em exagero, mas como muito, só que não tenho tendência a engordar, eu como muito, mas com qualidade, o que eu como é coisa boa....Pagar o esporte, minha ginástica. Eu sou uma pessoa muito ligada na questão do corpo, com a estética, porque eu fui criada. (Margareth)

Freud em suas publicações “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, de 1908, e “O mal-estar na civilização”, de 1930, interage com o campo social, utilizando-se da psicanálise para compreender a civilização mediada pelo trabalho. À medida que o homem renuncia a uma parcela de pulsão, inclusive os aspectos agressivos e destrutivos, torna-se capaz de produzir e criar, para a sociedade, bens e serviços comuns relacionados à ciência, à arte, à moralidade etc, como ilustra Freud(1996):

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados

do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. (Vol.IX:192)

Assim, para atender e operacionalizar as necessidades grupais e sociais, os homens inibiram a libido em sua finalidade, possibilitando dirigi-la para objetos sociais, como o avanço tecnológico e científico, as produções artísticas etc.. Freud (1980) denominou sublimação esta modalidade, que, segundo Kaufmann, “é, antes de qualquer coisa, um movimento de ascensão ou de elevação” (1996:494).

Esta parcela de libido sublimada deve corresponder, em sua atividade, um similar de satisfação, pois, na sociedade moderna, em relação à constituição inerente às formas sociais do trabalho, a sublimação encontra-se obstaculizada.

Ferraz (1998) utiliza os conceitos de ausência de sublimação, no corpo teórico psicanalítico, e o conceito de alienação, na filosofia marxista, e correlaciona-os em categorias que passam a esclarecer o grau de insatisfação reinante no mundo do trabalho contemporâneo. Para este autor, em consonância com a reflexão freudiana, a parcela de libido convertida em sublimação para o trabalho, necessita de meios de descarga libidinais, através da sexualidade propriamente.

Nas professoras entrevistadas, está implícita uma repressão, experienciada no seu processo de educação no modelo patriarcal, que, segundo Ferraz, gera sujeitos que se apegam ao trabalho, a fim de que possam preservar os próprios desejos, que funcionam como fonte de conflito:

Não se pode falar propriamente de sublimação neste caso, mas, antes, de um processo defensivo neurótico, como se observa contemporaneamente naquilo que se diagnosticou como um indivíduo **workaholic**, isto é, viciado em trabalho. (1998:168)

Em se tratando de indivíduos “workaholic”, Lacan pontua o seguinte:

De fato, salta aos olhos que, mesmo em sua pretensa fase passiva, o exercício de uma pulsão, masoquista por exemplo, exige que o masoquista, se ouse me exprimir assim, trabalhe feito um burro. (1998:189)

Assim, pode-se evidenciar na fala das professoras entrevistadas, o quanto elas trabalham, não apresentando contraponto ao excederem a carga horária.

Se tenho carga horária excedendo não conto, tranquilo. Eu tenho 40 horas, e no trabalho assim a turma acabou, se me requisitarem, vou tranquilo, porque me pagam a hora atividade, nós temos para realização.(Catarina)

eu venho muito mais que as 8 horas, e acho que a gente tem que ter disciplina no trabalho. (Joana)

Basicamente sala de aula, sala de aula 40 horas, eu tenho 20, às vezes tem semestre 22 horas/aula..(Ana)

Bom, eu tenho uma carga horária de 40 horas, né? Neste momento eu estou até este final de semestre, eu tenho 20 horas de docente, são 12 horas em orientação de monografia e as 8 horas que eles dizem as outras atividades. E tenho 20 horas de atividade administrativa aqui...(Vitória)

Com tanta atividade profissional, que a função de professora exige, sem o tempo destinado para o lazer, faltando o espírito de diversão, pode-se escutar nas professoras Catarina e Vitória a dificuldade para o lazer e em Joana e Ana, a participação em lazeres atípicos.

Meu lazer, não tenho assim, só mesmo afazeres, somente os afazeres.(Catarina)

Eu faço tudo muito intelectual né, o meu trabalho é intelectual, e aí quando foi o ano passado, eu falei, não eu preciso criar uma coisa mais, voltada para arte, ou voltada pra trabalho manual, como eu comecei ah, eu sempre gostei de mexer com planta, mas comecei a cuidar mesmo de jardim e pintura, comecei a estudar, pintar com aquarela, eu gosto, sempre gostei, já tinha pensado em fazer arquitetura então, comecei coisas que não tem que pensar.(Joana)

Eu não tenho lazer. O meu lazer são 15 dias de férias que se você me perguntar pra eu lhe dizer como eu me sinto eu não sei lhe dizer, é como de repente eu não sei disso. É como se meu corpo vivesse uma realidade e na cabeça tivesse outra, então eu não tenho lazer, eu gostaria de ter mas eu não tenho mais. Eu gostava muito de ler, eu não tenho lido mais, acabou, eu não tenho tido mais lazer. (Vitória)

Meu lazer preferido, se eu contar você não acredita, acredita ficar lá no computador (ri) entrar na Internet e ficar sabe adoro, adoro. Então, hora assim que sobra um tempinho assim que desestressa que as vezes eu estou ali no computador mesmo projetando né, eu trabalho com projeto também no computador, aí eu saio do programa de projeto, entro na Internet e aí eu dou uma descansada assim, espairecida, vejo uns assuntos, e gosto de entrar, vou lá na Tailândia, vou lá na China, ver sobre bonsai ou vou lá, não sei.(Ana)

Segundo Dejours (2000), pode-se encontrar uma significativa perda de valor humano nas relações de produção, mas o trabalhador contemporâneo luta por sua saúde à medida que as doenças são reações defensivas da alienação no trabalho vinculadas ao “ciclo da reificação corporal”.

Por exemplo, as doenças psicossomáticas são a expressão corporal deste processo alienante vivido como um metabolismo social, gerando insatisfação naquele que trabalha, que pode se manifestar na hipertensão ou no estresse etc.

Segundo Dejours (2000), o trabalhador, para enfrentar este sofrimento, tem à disposição, quase que unicamente, a possibilidade de flexibilizar seus mecanismos de defesa individual, na maioria das vezes, com implicações no plano pessoal, pois se sente impotente diante das condições de trabalho construídas historicamente.

Desta forma, poder-se-á afirmar que o campo imunológico do ser humano fica abalado e as manifestações corporais podem ser entendidas como uma liberação de sobrecarga afetiva, que ultrapassa a capacidade de absorção do indivíduo, como cita Antunes (1998:23)

(...) pode-se conceituar estresse como tendência ao desgaste organofuncional gerado por estímulos excitantes (agradáveis ou desagradáveis) minando a imunidade, externando a ação neuro-hormonal e depauperando o psiquismo mental e/ou existencial. (1998:23)

Desta maneira, pode-se chamar de estresse o constante “estado de alerta” do organismo do homem que vive no mundo moderno. Seus sintomas são os mais variados como, cansaço, irritabilidade, depressão, insônia, redução da resistência física e mental.

Frente às vicissitudes da vida, o ser humano sempre se defronta com mudanças, frustrações e/ou situações que requerem desdobramentos. O próprio périplo evolutivo da mulher implica em sérias mudanças hormonais, assim como uma (re)elaboração da identidade, quando ocorrem a menstruação, gravidez, menopausa etc. Levar uma vida sem estresse é quase impossível, pois ele conduz a estes movimentos que conduzem as mulheres a criarem, a inovarem. Contudo, o excesso ou a falta dele pode ocasionar problemas de saúde.

Ressalta-se que não se objetiva, aqui, fundamentar uma análise sobre o estresse. Como a subjetividade feminina categorizada apresenta manifestações corporais, neste caso específico, o estresse, este fenômeno psicossomático não poderia deixar de ser evidenciado, uma vez que ele se concretiza no corpo das professoras participantes dessa pesquisa.

O estresse, mais que um processo de desdobramentos às mudanças no ambiente, é um dos indicadores de um conflito frente a uma universalidade instituída pelo sistema familiar patriarcal. Este, em seu bojo, mantém uma subjetividade feminina masoquista, nas relações interpessoais, contribuindo de maneira significativa para as alienações corporais, dificultando a autonomia das mulheres mediante a sua capacidade de criação.

A partir do momento em que, aqui, os dados são analisados, fica visível a apreensão do conflito psíquico através da sua manifestação no estresse, com sintomas variados, tendo como constante as dores, o sofrimento:

Sinto estressada, muito estressada. Agora não deixo transparecer né, porque sou o tipo da pessoa que eu, sei bem como lidar com isso, quer dizer que mesmo interiorano, internamente né, interiorizando isso aí. Mas eu sei que no fundo no fundo eu fico deste modo um tanto né, mais debilitada também né. (Catarina)

Eu tenho os dias de preocupar, e tenho os dias de descansar porque realmente eu estresso assim de cansada, de muita coisa de muita preocupação, de muita coisa que você tem que fazer sabe, então de vez em quando eu tenho que sumir..... E outra coisa que me estressa muito e isso eu acho que é até um defeito meu que eu sei que tenho mesmo mas eu convivo com ela já a muito tempo, acho que tá meio tarde pra eu, eu gosto de aprender coisas novas, eu gosto de ver coisas novas, de fazer coisas novas não é, aí eu estresso sabe, assim porque eu quero fazer aquilo e num posso porque não sobra tempo. (Ana)

Mas eu, quando eu fico tensa e quando eu fico estressada, eu carrego tudo aqui, então minha coluna, tem dia que eu não consigo levantar o braço de dor por causa da coluna, e me dá uma azia, aí eu tenho azia, aí eu procuro cuidar um pouco mais da alimentação, tomo alguma coisa para azia e procuro administrar no sentido...eu tenho só esse problema na coluna que de uns 2,3 anos para cá tem me incomodado muito.... esse semestre foi um sacrifício dar aula. Além de eu estar muito cansada..(Joana)

(....) eu sinto todo dia, meu pescoço está sempre estalado sabe, eu me sinto cansada a ponto de eu respirar fundo e parece que eu não tenho ar. Eu tenho a impressão que eu sou altamente estressada sabe. Eu tô dormindo eu sinto que eu estou tensa, eu acordo e sinto no rosto que eu estou travada sabe. Eu acho que é da minha natureza ser estressada, não é o próprio dia a dia que me estressa, não sei, mas eu sinto estressada. (Vitória)

Acho que estresse é tão pouco na minha vida (ri), estresse, ansiedade depressão entendeu? Dificuldade de organizar a tarefa assim pensamento lógico assim, é, ansiedade, aquela sensação de falta de ar sabe, muito cansada, uma coisa pequena fica maior, tudo é complicado. (Margareth)

O corpo tem suas particularidades na circunscrição sintomatológica referida na história de vida de cada professora. Entretanto, percebe-se uma universalidade frente à singularidade específica de cada uma delas, como: o cansaço, falta de concentração, indisposição sempre associada com dores :

Sinto indisposição sabe,.... hoje eu não tenho a mesma agilidade né, que de primeiro eu realizava isso tudo e não sentia nada né, tava pronta pra sair, pra passear. Hoje não, chego eu quero ficar quieta, quero dormir, quero ficar quieta e a noite, em, então vou relevando... tem noite que eu não durmo bem né, eu acho que aí quando é o outro dia eu já não estou bem.....Interiorizo, dores externamente, eu sinto dor aqui na nuca né, dores nas articulações. Aqui a posição também, posição das cadeira, aqui né coluna, coluna, a dor física né, além do emocional que você fica afetada, você tem dor física mesmo. (Catarina)

(....) tenho pressão alta né, cansaço, nossa olha eu chego as vezes tão cansada, mas eu fico tão cansada assim, mas as vezes sem saber porque sabe, então já aconteceu assim de eu fechar meu final de semana no domingo cansadíssima, sabe assim ainda cansada com sono...Muito cansaço, com às vezes até assim, aquela coisa de ficar dispersa, mente dispersa sabe. Você vai ler um livro você lê 2, 3, 4 páginas, pára e tem que

ler de novo porque você leu e não lembra o que leu..... , então para você ver, pra mim isso é estresse, você vai perdendo a capacidade de concentração para mim ele manifesta muito assim sabe, eu perco a capacidade de concentração totalmente, vou ficando assim, as coisas vão passando em branco, e a hora que começa isso é a hora de parar. (Ana)

Meu pescoço, completamente duro, eu tenho uma, eu pinço, eu tenho uma artrose entre a 1.^a e na 4.^a vértebra, quando eu estou estressada isso aqui tudo fica duro, e pinça resto, chega a doer a ponta do dedo, tem dias assim que eu chego em casa, eu tenho que tomar, normalmente eu não gosto muito de tomar remédio, tenho que tomar remédio porque eu sinto latejar minha mão assim, não consigo nem levantar o braço. (Joana)

(...) em termos de memória anda bem ruim, e às vezes até mesmo a audição, não no sentido físico da coisa, mas às vezes você está conversando comigo uma coisa, eu estou olhando para sua cara, meu pensamento não está ali, eu não te ouço. Porque antes não, antes eu conseguia estar ligada. Como se de repente uma série de coisas não tivesse mais importância mais sabe. Aliás, muita coisa não tem tudo importância mais. Foram mudanças muito significativas na minha vida sabe, de 1999 pra cá. ...Ele responde assim, eu quase não durmo mais, eu quase não tenho sono, eu antes de trabalhar adorava tirar uma sonequinha depois do almoço, não faço isso mais, não tenho sono eu não relaxo, eu não desligo, é como se eu tivesse ligada 24 horas sabe. Ando pensando no trabalho.. (Vitória)

É falta de energia, muito forte, evito de encontrar pessoas, reunião, festas, dificuldade de enfrentar situações problemas né, medo de entrar na sala de aula sabe, medo de não dar conta da sala de aula..... descontrole emocional, dificuldade pra assimilar as coisas de ficar expondo né..... indisposta, tenho falta de energia. (Margareth)

Este sofrimento inscrito no corpo, com suas manifestações caracterizadas em dores, permite a compreensão de que as mulheres, frente a subjetividade feminina masoquista constituída, que revela atividade sexual insatisfatória, no bojo da vivência com o outro, carga de culpa pela maternidade exigida mais-que-perfeita e obediência ao discurso capitalista atendendo às exigências de sobrevivência de suas famílias, ficam impossibilitadas de se reconhecerem como sujeitos. Entende-se por discurso capitalista “não a renúncia pulsional, ao contrário, ele instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta sobretudo e em primeira mão, a pulsão de morte”. (Alberti, 2000:7)

Além disso, estas mulheres, neste contexto, perdem a capacidade de criar, evidentemente, além da ordem do estabelecido.

Tanto a ausência de atividade física quanto uma alimentação incorreta são dados relevantes para a compreensão de que as professoras entrevistadas não apresentam uma integração adequada do corpo que possibilita desdobramentos.

À medida que uma subjetividade feminina masoquista se constitui, evidencia-se a rigidez moral em que se mantém os ícones da chancela institucionalizada, a falta de flexibilidade para o trânsito com o corpo, a baixa atividade sexual, como os indicadores desta pesquisa apontam. Assim, pode-se inferir que o estresse em que as professoras entrevistadas se encontram tem o significado de uma sobrecarga objetivada nas relações com o trabalho.

A rigor, o trabalho vivido como uma mediação para o processo de individuação, não tem permitido às professoras o livre acesso à possibilidade de criação. Em consonância com a realidade capitalista, o trabalho aliena. Isto se comprova com o fato de que a mulher trabalha não só pelo desejo, mas para atender à demanda do sistema. Na inflexibilidade do singular, nesta universalidade, o estresse se caracteriza como uma sobrecarga, já que, na ordem desta subjetividade constituída, não é possível alcançar as mudanças necessárias para sentir-se satisfatoriamente bem.

Assim, enquanto as mulheres buscam na maternidade elaborar uma falta e no trabalho sua autonomia, ao mesmo tempo em que cuida da família e investe em sua vida profissional, tal situação deixa-as em conflito psíquico. Ao sentirem-se com uma sobrecarga, este sofrimento é manifesto no corpo.

O estresse representa, aqui, uma resolução sincrética, à medida que prende-se hierarquicamente a valores, representados na cronologia vivencial das professoras, na família de origem, nas relações conjugais e na difícil conciliação entre trabalho e família.

Portanto, frente a este contexto, a mulher encontra-se em um cerco de conflitos nas formas de vida, com custos físicos e emocionais, resultantes da difícil conciliação trabalho e família. É neste complexo cruzamento entre saúde e labor, terreno rico de contradições, com os ganhos em autonomia, provenientes do trabalho remunerado, e as perdas que revelam dificuldades a serem superadas, que a professora da UCG, inscreve em seu corpo, em sua existência, sua passagem pela história, suas emoções, sua subjetividade.

Portanto, ao decifrar o estresse, percebe-se, em sua manifestação, uma tentativa de normatização da vida das mulheres entrevistadas enquanto expressão singular e expressão coletiva. Ele, inscrito no mundo do trabalho, adquire significado

no conjunto das representações sociais e das reivindicações políticas em sua totalidade social, como conclui Assoun:

De fato, o que impressiona na situação cultural da mulher, retomada por seu “avesso” sintomático, é um estranho e violento contraste. De um lado, ninguém é mais destinado do que a mulher a seu papel, portadora dos interesses sexuais da humanidade, tanto que sua “margem de manobra”, à parte a variação, por mais espetacular que seja, das configurações culturais através da história, parece essencialmente limitada. Mas, por outro lado, ninguém “se ouriça” mais vigorosamente diante desse “destino”, vez por outra, do que uma mulher, quando ela se põe a querer ser, contra tudo e contra todos: mesmo que seja sob a forma trágica do impasse do sintoma.São os momentos em que “uma mulher se ouriça contra o destino da Mulher. (1993:XXII)

Assim, as mulheres neste impasse revelam, mesmo que seja um quadro em “branco e preto”, o retrato de uma luta imbricada a com-plexos sistemas sociais e históricos que travam com esta sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, no mercado de trabalho, encontra-se uma representatividade significativa de mulheres que, através de conquistas e com melhor qualificação profissional, buscam no trabalho reconhecimento como ser social e genérico. Dessa maneira, a professora universitária, em sua atividade profissional, é detentora e sistematizadora de conhecimentos científicos que lhe possibilitam apreender melhor as relações de trabalho e a práxis social decorrente deste.

Contudo, devido às reais condições, a forma como se estruturou, o trabalho docente da professora ainda mantém em suas relações distorções e contradições, que não lhes permite encontrar a satisfação almejada. A busca da autonomia, é mediada pela busca da melhoria financeira em condições de dificuldade e, muitas vezes, a dupla jornada de trabalho, se põe como uma determinação nas condições de trabalho da professora.

Na ressonância de um metabolismo social, e de uma racionalidade que tem como meta a incansável produtividade e a conseqüente qualificação profissional, a saúde das professoras tem sido afetada com fenômenos psicossomáticos, como cansaço, dores e sofrimentos.

Parafraseando Antunes, à medida que alienação é a objetivação do sujeito em condições de impossibilidade de reconhecimento, a subjetivação do objeto também é alienação e impossibilidade de reconhecimento. Neste jogo, o que está em questão, é a dinâmica do jogo das relações sociais, que configura um ciclo em que está em causa a universalidade/singularidade do ser social, dos homens, das mulheres, enfim das professoras da UCG enquanto, expressões singulares que laça e entrelaça a cada um e a todos.

A averiguação deste processo, assim como a sua compreensão, inscreve-se nas palavras das professoras universitárias, que adentram no campo subjetivo de suas histórias pessoais, que revelam, de início o modelo patriarcal no qual foram educadas

Neste modelo familiar, prima a autoridade paterna enquanto representante da lei e da moral, e, cabe à identidade feminina estruturar a marca da maternidade. E, embora a submissão e obediência determinem o perfil das mulheres neste modelo,

insinua-se uma prerrogativa: o incentivo ao investimento intelectual das mesmas. Sendo, contudo, ainda uma educação repressora, decorre daí uma ambivalência constitutiva da personalidade, configurando uma cisão introjetada entre corpo e mente, prazer e desprazer, ego e superego.

Desse modo, no processo dinâmico do desenvolvimento da vida psíquica, a repressão sexual passa a ser estrutural para as mulheres. Na mesma perspectiva são naturalizados os comportamentos e atitudes femininas que se fundamentam nos conceitos de certo ou errado, de adequado ou inadequado e de pode ou não pode. A contradição é internalizada, posto que, o sentimento de culpa é mantido pelo superego autoritário e moral, remetendo e reorientando as energias sexuais para atividades sublimadas.

Mediante esta naturalização e contradição internalizadas, a família e, conseqüentemente, os filhos são tratados pelas mulheres como prioridade, daí decorre, muitas vezes, o sentimento de culpa em que elas sentem, em virtude da dupla jornada de trabalho. Esculpe-se, assim, uma ambigüidade: à medida que a professora trabalha para seu crescimento pessoal, para sua segurança e para ajudar em casa, ela se ressent, e muito, de privar sua família dos cuidados afetivos e sociais como mãe e esposa, pois são elas que assumem a carga emocional da preocupação e cuidados prestados aos filhos.

Portanto, frente à institucionalização das responsabilidades femininas, caracterizada na estrutura de personalidade das mulheres, é possível apreender as dificuldades por elas vivenciadas e as travas para criar um novo status, diferente daquele já (re) definido no ciclo de vida familiar a que sempre foram obrigadas a assumir.

O sentimento de culpa e a repressão sexual, portanto, emergem na universalidade/singularidade, apontando o campo da sexualidades como indicador da subjetividade feminina.

Compreende-se a sexualidade representada no psiquismo por pulsões parciais que, mediante a ordem da linguagem e o campo sexual, explicitam o conflito inerente à subjetividade humana que é a cisão. Desta cisão, decorrem o sentimento de culpa e a luta entre as pulsões de vida e de morte.

Associado a esta condição humana, a mulher encontra-se referenciada à ordem da castração. Assim, a maternidade translada-se na subjetividade feminina. Portanto, uma subjetividade feminina masoquista moral faz-se realidade à medida que as mulheres tentam responder também às exigências do homem, fazendo-se ser muito mais necessárias para ter seu valor. Dessa forma, os desejos na intimidade do corpo e da sua existência encontram-se alienados, o que torna a mediação mundo interno e mundo externo um terreno rico de conflitos e tensões vividos pelas mulheres.

Dessa maneira, é na maternidade que a mulher busca elaborar a sua falta fálica, pois nesta ordem, os filhos passam a ser um atributo de poder valorizante. Já no trabalho, ela busca sua autonomia e constituição enquanto ser histórico e social, entretanto, vale ressaltar, que a profissão de professora, traz em sua constituição a metáfora materna: abnegação e dedicação, o que implica mais uma assimetria internalizada.

Partindo desta leitura, é possível sugerir que, como estas mulheres que foram educadas no modelo patriarcal, de certa forma, atendendo ao capital, retratam e confirmam a subordinação deste microsistema a contextos mais amplos da sociedade, e seguem, com um sentimento de culpa, que ressoa raízes o processo de alienação.

Desta alienação, decorrem dois aspectos no que se refere à perda de saúde: o primeiro, refere-se à falta de tempo destas mulheres, pois não usufruem de seus horários livres, devido a sobrecarga de atividades que a condição de professora universitária exige além dos limites da sala de aula. Assim, as horas vagas não têm o alcance da inventividade e do prazer necessários para o descanso e a criação; segundo, porque, nestas mulheres a maior parte da libido é sublimada para o trabalho, não encontrando descarga na sexualidade propriamente.

A rigor, múltiplas fetichizações e reificações configuram-se, posto que estas mulheres buscam no trabalho o aperfeiçoamento pessoal e financeiro, atendendo a uma demanda objetiva posta pelo desenvolvimento social. Elas trabalham e trabalham muito!

Trabalham para se sentirem seguras, trabalham para ajudar em casa, trabalham para melhorar as condições de vida social, trabalham para se objetivarem: mas não

estão satisfeitas, não estão se sentido saudáveis. O corpo das professoras manifesta-se, o corpo reclama através do estresse.

Portanto, um ciclo se constitui: o estresse manifesto com dores e sofrimentos vividos no dia-a-dia do trabalho representa as conseqüências intersubjetivas, redutivamente expressas como sincretismo institucional, uma vez que se encontram relacionado aos aspectos psicológicos e sociológicos, capazes de revelar o até então estabelecido como compromissos pessoais e institucionais da professora nas condições de trabalho com dupla jornada.

O estresse é o retrato da vida da professora universitária em que os interesses econômico, social e cultural, que conduzem à alienação, não lhe permitem a integração do corpo e, conseqüentemente, do ser das mulheres no trabalho. Dessa maneira, o estresse é o sofrimento, o sofrimento do corpo que luta, busca e almeja a integração, nesta sociedade, na qual o sentido parece ser estabelecido na externalidade dos sujeitos.

Esta é a luta, a luta de Titãs, a luta do corpo, a luta entre Eros e Tânathos, a luta destas mulheres contra a sua realidade. É também a luta libidinal humana que não cessa....

BIBLIOGRAFIAS

Adorno, Horkheimer. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Alberti, Sônia. **O discurso do capitalista e o mal estar na cultura**. www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/EG.htm,30/09/2000.

André, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Antunes, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho**. São Paulo: Bomtempo,2001.

_____. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez/ EDUNICAMP ,1995.

Ariès, Philippe e Béjin (Org.) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Assoun, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Associação Brasileira de normas técnicas. **NBR10520**: informação e documentação – apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2001.

Associação Brasileira de normas técnicas. **NBR14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2001.

Associação Brasileira de normas técnicas. **NBR6023**: informação e documentação – referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

Ávila, Lazslo Antônio. **Doenças do corpo e da alma**. São Paulo: Escutas, 1996.

Barbetta, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

Barsted, Leila Linhares. **De igualdades e de diferenças: falando sobre mulheres**. In: Ribeiro, Ivete e Ribeiro, Ana Clara T. (Org.) **Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Edições Loyola,1995

Brito, Jussara e Oliveira, Simone. **Divisão sexual de trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho**. . In: Filho, João Ferreira da Silva e Jardim, Sílvia (ORGS.). **A danação do trabalho**. Rio de Janeiro: Te Cora, 1997.

Campos, Ingrid Almeida. www.online.stacecilia.br/1999-03-06.

Capra, Fritjof. **O ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2002.

Carter, Betty e McGoldrick, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

Catani, Denise. **Docência, memória e gênero**. São Paulo: escrituras, 2000.

Caruso, Igor. **A separação dos amantes**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

Chasseguet-Smirgel, Janine. **Sexualidade feminina**. Porto Alegre: Artmed, 1988.

Costa, Jurandir Frere. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

David, Pierre. **Psicanálise e Família**. Santos: Martins Fontes, 1977.

Dejours, Christophe. **A loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

Dolto, Françoise. **Sexualidade Feminina**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Ferraz, Flávio Carvalho. **O mal-estar no trabalho**. In: Volich, Rubens M., Ferraz, Flávio C. e Arantes, Maria Auxiliadora de A.C. (org.). *Psicossoma II*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Foucault, Michel. **O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Freud, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____ (1920). **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XVIII.

_____ (1937). **Análise terminável e interminável**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XXIII.

_____ (1923). **A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIX.

_____ (1923). **A teoria da libido**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XVIII.

_____ (1910). **Cinco lições de psicanálise**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XI.

_____ (1924). **Dissolução do complexo de Édipo**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIX.

_____ (1938). **Esboço de psicanálise**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XXIII.

_____ (1926). **Inibição, sintoma e ansiedade**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XX.

_____ (1908). **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. IX.

_____ (1930). **O mal-estar na civilização**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XXI.

_____ (1924). **O problema econômico do masoquismo**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIX.

_____ (1931). **Sexualidade Feminina**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XXI.

_____ (1914). **Sobre o narcisismo, uma introdução**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIV.

- _____ (1931). **Tipos libidinais**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XXI.
- _____ (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. VII.
- _____ (1923). **O ego e o id**. . Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIX.
- _____ (1932). **Obras completas**. Conferência XXXIII. Tomo III Madrid: ISBN, 1973.
- Fromm, Erick. **Autoridade e superego: o papel da família**. In: Canevacci, Massimo (Org.). **Dialética da Família**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Grunberger, B. **Referências para o estudo do narcisismo na sexualidade feminina**. In: Chasseguet-Smirgel, Janine. **Sexualidade feminina**. Porto Alegre: Artmed, 1988.
- Hanns, Luiz. **A teoria pulsional**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- Haug, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da Mercadoria**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- Hobsbawn, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- Infante Domingos Paulo. **O fenômeno psicossomático na infância: notas a partir de um referencial lacaniano**. In: Volich, Rubens M., Ferraz, Flávio C. e Arantes, Maria Auxiliadora de A.C. (org.). **Psicossoma II**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- James, K. **Breaking the chains of gender: Family Therapy's Position**. Sidney: Australian Journal of Family Therapy, 1985.
- Jardim, Silvia. **O trabalho e a construção do sujeito**. In: Filho, João Ferreira da Silva e Jardim, Silvia (ORGS.). **A danação do trabalho**. Rio de Janeiro : Te Cora Editora, 1997.
- Kaloustian, Sílvio Manoug. **Família Brasileira a base de tudo**. Brasília: Cortez Editora, 1994.
- Kaufmann, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- Kehl, Maria Rita. **Sexualidade Recontextualizada**. Foros Temáticos: Psicoanálisis, estudios feministas y género, Sexualidade recontextualizada, 14/10/ 2001.
- Lacan, Jacques. **A Família**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Laplanche e Pontalis. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Lebovici, Dr. Serge. **Sentimentos de culpa na criança e no adulto**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca LTDA, 1973.

Lispector, Clarice. **Laços de família**. São Paulo: José Olympio Editora S.A, 1979.

Louro, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: Priore, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Editora vozes, 1998.

Marx, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1986.

_____. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. In: Os pensadores, Marx. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **O capital**. São Paulo: editora Bertrand Brasil, 1987. V I e II

McDougall, Joyce. **Teatros do corpo. O psicossoma em psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Medeiros, Leonardo Barbosa. **Processo terapêutico integrado: labirinto psicossomático**. Rio de Janeiro: Edições Terapêuticas Contemporâneas, 1995.

Meis, Carla de. **Uma questão de gênero: ensaio sobre sociabilidade, mulher, trabalho e prostituição**. In: Filho, João Ferreira da Silva e Jardim, Silvia (ORGS.). **A danação do trabalho**. Rio de Janeiro: Te Cora Editora, 1997.

Osório, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

Poster, Mark. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Rago, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: Priore, Mary Del. (ORG.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

Resende, Anita Cristina A. **Fetichismo e Subjetividade**. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 1992.

Rey, Fernando González. **La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo: EDUC, 1999.

Ribeiro, Ivete e Ribeiro, Ana Clara T. (Org.). **Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

Robinson, P. John, Shaver, R. Phillip, Wrightsman, Lawrence S.. **Measures of Personaliy and Social Psychological Attitudes**. San Diego: Academic Press.INC., 1991

Schmaltz, Yêda. **Atlanta**. Rio de Janeiro: José Olympio: 1987.

_____. **Ecos**. Goiás: Editora Kelps: 1996.

Schienbinger, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração: 2001.

Segal, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Seixas, Ana Maria Ramos. **Sexualidade Feminina**. São Paulo: Editora Senac, 1998.

Williams, Arthur Hyatt. **O microambiente**. In: Box, Sally, Copley, Beta (Org.). *Psicoterapia com Famílias – Uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

Zimerman, David E. **Fundamentos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **A face Narcisista da sexualidade edípica**. In: *Subjetividade e Objetividade*, Rev. Brás. Psicanal. : Vol. XXXI-nº2, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabelas e Gráficos

Os dados apurados são apresentados nas tabelas a seguir:

Tabela 1. Total de professores da Universidade Católica

Homens	Mulheres	Total
860	733	1593
53,99%	46,01%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo(Jan de 2000)

Estes números são explicitados por área e sua correspondência percentual estão nas tabelas 2,3,4 a seguir:

Tabela 2. Professores da Área de Humanas

Homens	Mulheres	Total
335	471	806
41,56%	58,44%	100,00%
Do total de Professores da UCG		
21,03%	29,57%	50,60%

Fonte: Pesquisa de Campo(Jan de 2000)

Como se pode notar, esta área possui a maioria dos cursos e dos professores da universidade; em segundo lugar, a área de biológicas apresenta os seguintes dados;

Tabela 3. Professores da Área de Biológicas

Homens	Mulheres	Total
323	176	499
64,73%	35,27%	100,00%
Do total de Professores da UCG		
20,28%	11,05%	31,32%

Fonte: Pesquisa de Campo(Jan de 2000)

A tabela 4 apresenta os dados da área de menor número de professores

Tabela 4. Professores da Área de Exatas

Homens	Mulheres	Total
202	86	288
70,14%	29,86%	100,00%
Do total de Professores da UCG		
12,68%	5,40%	18,08%

Fonte: Pesquisa de Campo(Jan de 2000)

Em se tratando de dados referentes às mulheres, definidas como professoras convidadas e efetivas, estas últimas como objeto único da pesquisa, os mesmos dados apresentam os seguintes valores por área e proporção, nos termos da tabela 5 a seguir.

Tabela 5. Professoras convidadas e efetivas por área

Humanas		Biológicas		Exatas	
471		176		86	
Efetiva	Convidada	Efetiva	Convidada	Efetiva	Convidada
253	218	89	87	41	45
53,72%	46,28%	50,57%	49,43%	47,67%	52,33%
% Sobre o Total UCG		% Sobre o Total UCG		% Sobre o Total UCG	
Efetiva	Convidada	Efetiva	Convidada	Efetiva	Convidada
34,52%	29,74%	12,14%	11,87%	5,59%	6,14%

Fonte: Pesquisa de Campo(Jan de 2000)

Os dados apurados, no que se refere à entrega dos instrumentos assim como a devolução dos mesmos, com correspondência percentual encontram-se na tabela 6;

Tabela 6. Instrumentos da pesquisa distribuídos por departamento.

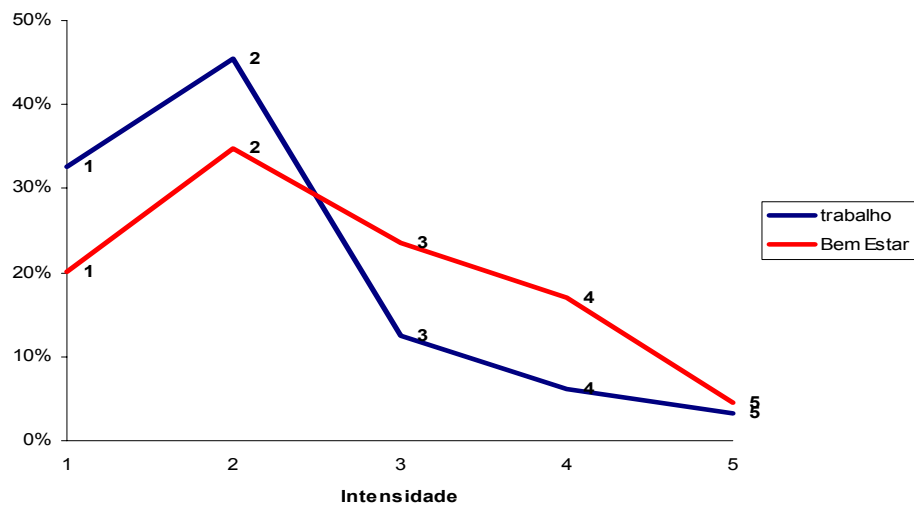
Departamentos	Em Mãos	Secretarias	Total	Devoluções	%
Biomedicina	10		10	2	20,00%
Arquitetura	9		9	2	22,22%
Educação	22		22	6	27,27%
H.G.S	18		18	0	0,00%
FIT	4		4	0	0,00%
Direito	10		10	2	20,00%
ADM	8		8	1	12,50%
Psicologia	12		12	2	16,66%
Enfermagem	10		10	4	40,00%
Contábeis		2	2	0	0,00%
Economia		2	2	0	0,00%
Letras		10	10	0	0,00%
Biologia		7	7	1	14,28%
Serv. Social		20	20	3	15,00%
Educ.Física		3	3	0	0,00%
MAF		5	5	1	20,00%
Engenharia		6	6	0	0,00%
Cienc.Comput.		4	4	0	0,00%
Fonoaudiologia		10	10	0	0,00%
Zootecnia		4	4	0	0,00%
Total	103	73	176	24	13,63%

Fonte: dados trabalhados da pesquisa(2000)

Quanto à utilização das Freqüências em porcentagem, no quadro geral, para uma análise qualitativa, observam-se os seguintes dados:

Os dados apontam para o fato de que não são todas as professoras que apresentam uma correlação positiva entre bem-estar geral e condições atuais de trabalho como mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1. Scores de bem-estar e trabalho nas respostas apresentadas pelas professoras da UCG.



APÊNDICE B – Questionário

Denizye Aleksandra Zacharias, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, mestranda em Psicologia, estou solicitando sua colaboração para a realização de minha pesquisa, que trata a temática da relação entre trabalho e estresse na professora da Universidade Católica de Goiás.

Esta pesquisa, atendendo a objetivos propostos, direciona-se exclusivamente a professoras efetivas, com mais de 5 anos de trabalho na U.C.G., casadas, com filhos e com idade acima de 35anos.

Haverá duas fases na coleta de dados. Este questionário é um primeiro momento.

As professoras que forem selecionadas serão contatadas para, numa segunda etapa, participarem de um encontro com entrevistas.

Portanto, é fundamental que você se identifique e deixe telefone para contato, caso seja de seu interesse participar deste processo investigativo.

Em nenhum dos casos, você será identificada e, tanto as respostas deste questionário, quanto da entrevista, serão mantidas em sigilo.

Antecipadamente, agradeço sua colaboração respondendo às questões que se seguem.

Denizye Aleksandra Zacharias
Mestranda

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:
Telefone para contato:
1. Idade: 25 a 30 anos () 30 a 35 anos () 35 a 40 anos () 40 a 45 anos () 45 a 50 anos () Mais de 50 anos ()
2. Estado Civil: Solteira () Casada () Viúva () Desquitada () Outros () Qual?
3. Filhos: Não () Sim () Quantos?:
4. Tempo de Trabalho na U. C. G.: Menos de 5 anos () Entre 5 e 10 anos () Entre 10 e 15 anos () Entre 15 e 20 Anos () Mais de 20 anos ()
5. Carga Horária Semanal: Horas em sala de aula _____ Horas Administrativas _____
6. Turno (s) de trabalho: Matutino () vespertino () noturno ()
7. Departamento:
8. Titulação: Especialista () Mestre () Doutora () Cursando mestrado () Cursando doutorado ()
9. Outras atividades fora da U. C. G.: Não () Sim () Qual?

Nas questões que se seguem, marque a opção que corresponde à situação mais próxima de sua condição:

1- Nos últimos meses como você atribui o seu estado geral?

Muito Animada	Animada	Com Altos e Baixos	Deprimida	Muito deprimida
1	2	3	4	5

2- Nos últimos meses você tem estado aborrecida ou nervosa?

Nunca	Raramente Aborrecida	Às vezes Aborrecida	Quase sempre Aborrecida	Sempre Aborrecida
1	2	3	4	5

3- Você acha o seu trabalho o tempo todo interessante?

Muito interessante	Pouco interessante	Indiferente	Pouco indiferente	Muito indiferente
1	2	3	4	5

4- Você atribui a si mesma um bom controle frente ao seu comportamento, pensamentos, emoções ou sentimentos durante os últimos meses?

Definitivamente sim	Sim, a maior parte	Não tão bem	Não, algumas perturbações	Muito perturbada
1	2	3	4	5

5- Nos últimos meses você sentiu que muitas coisas não valiam a pena por estar triste, sem esperanças e com muitos problemas?

Nunca	Raramente	Às vezes sim, outras não	Quase sempre	Sempre
1	2	3	4	5

6- Ao exercer suas atividades no trabalho, você mantém sua “cabeça” ocupada com outras coisas?

Nunca	Raramente	Às vezes sim, outras não	Quase sempre	Sempre
1	2	3	4	5

7- Você tem se sentido muito tensa, estressada, ou sob pressão nesses últimos meses?

Nunca	Raramente	Às vezes sim, outras não	Quase sempre	Sempre
1	2	3	4	5

8- Nos últimos meses você tem se sentido feliz, satisfeita, gratificada com sua vida pessoal?

Muito feliz	Suficientemente feliz	Satisfeita	Alguma coisa insatisfeita	Muito insatisfeita
1	2	3	4	5

9- Nos últimos meses, você considerou preocupante o seu estado geral devido a falta de concentração, ou de controle no modo de agir, falar, sentir ou pensar?

Não	Somente um pouco	Razoavelmente preocupante	Preocupante	Sim, muito preocupante
1	2	3	4	5

10- Em seu trabalho é possível ter idéias próprias?

Sempre	Quase sempre	Às vezes sim, outras não	Raramente	Nunca
1	2	3	4	5

11- Você esteve ansiosa, preocupada ou transtornada nos últimos meses?

Nem um pouco preocupada	Pouco preocupada	Às vezes preocupante	Bastante preocupada	Muito preocupada
1	2	3	4	5

12- Nos últimos meses, ao acordar você tem se sentido leve e descansada?

Todos os dias	A maioria	Amiúde	Raramente	Nunca
1	2	3	4	5

13- Se você tem a oportunidade de aposentar, você prefere retirar-se do trabalho ou continuar trabalhando?

Continuar	Continuar, em outro lugar	Tanto faz	Retirar do atual, e trabalhar em outra área	Retirar
1	2	3	4	5

14- Nos últimos meses, você teve mal-estar, dores ou doenças que a aborrecem?

Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1	2	3	4	5

15- Você diria que sua vida esteve repleta de coisas interessantes nos últimos meses?

Sim, sempre	Na maior parte das vezes	Em algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
1	2	3	4	5

16- Nos últimos meses você sentiu “baixo-astral” ou tristeza?

Nunca	Poucas vezes	Em algumas vezes	Na maior parte das vezes	Sim, sempre
1	2	3	4	5

17- Você tem se sentido estável e segura de si mesma nos últimos meses?

Sim, sempre	Na maior parte das vezes	Em algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
1	2	3	4	5

18- Em seu cotidiano no trabalho, você tem chance de mudar as rotinas e agir com autonomia?

Sim, sempre	Quase sempre	Às vezes sim, outras não	Quase nunca	Nunca
1	2	3	4	5

19- Nos últimos meses você já se sentiu cansada, exausta ou “descartável”?

Nunca	Poucas vezes	Em algumas vezes	Na maior parte das vezes	Sim, sempre
1	2	3	4	5

20- Você tem estado preocupada com sua saúde nos últimos meses?

Nunca Preocupada	Poucas vezes Preocupada	Em algumas vezes preocupada	Na maior parte das vezes preocupada	Sim, preocupada Sempre
1	2	3	4	5

21- Quanto você é requisitada para trabalho extra?

Sempre	Freqüentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca
1	2	3	4	5

22- Nos últimos meses quanto você sentiu referente a estar relaxada ou tensa?

Muito relaxada	Bastante relaxada	Pouco relaxada	Um pouco tensa	Muito tensa
1	2	3	4	5

23- Algumas pessoas são completamente envolvidas em seu trabalho, inclusive dia e noite. Para outras, o trabalho é mais um entre outros interesses. Quanto você se sente envolvida no seu trabalho?

Nunca	Raramente	Algumas vezes	Freqüentemente	Sempre
1	2	3	4	5

24- Nos últimos meses como você se sentiu no que concerne a estar animada ou apática?

Muito animada	Bastante animada	Pouco animada	Um pouco apática	Muito apática
1	2	3	4	5

25- Você teve problemas pessoais, de comportamento, emocionais e mentais que necessitasse de ajuda nos últimos meses?

Sem problemas	Poucos problemas	Alguns problemas, mas sem ajuda	Sim, porém sem ajuda	Sim, pedi ajuda
1	2	3	4	5

26- Você alguma vez percebeu que estava próxima de um esgotamento nervoso?

Não	Sim, mais de 5 anos	Sim, mais de um ano	Sim, ano passado	Sim, atualmente
1	2	3	4	5

27- Você se esforça para realizar o seu trabalho quando é solicitado?

Sempre	Quase sempre	Às vezes sim, outras não	Raramente	Nunca
1	2	3	4	5

28- Você já teve um esgotamento nervoso?

Não atualmente	Sim, mais De 5 anos	Sim, mais de um ano	Sim, ano	Sim, passado
1	2	3	4	5

29- Você já passou por internação por algum problema pessoal, emocional, mental ou de conduta?

Não	Sim, mais de 5 anos	Sim, mais de um ano	Sim, ano passado	Sim, atualmente
1	2	3	4	5

30- Você buscou ajuda profissional psicoterapêutica para seus problemas pessoais, emocionais?

Não atualmente	Sim, mais De 5 anos	Sim, mais de um ano	Sim, ano	Sim, passado
1	2	3	4	5

31- A satisfação na vida vem do meu trabalho.

Concordo Totalmente	Concordo em partes	Indiferente	Discordo em partes	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

32- Você já conversou, discutiu ou teve relação com pessoas da lista abaixo acerca de seus aborrecimentos, problemas pessoais, emocionais ou por estar nervosa?

a) Um médico generalista	() SIM	() NÃO
b) Um psicólogo	() SIM	() NÃO
c) Um amigo	() SIM	() NÃO
d) Um advogado	() SIM	() NÃO
e) Um familiar	() SIM	() NÃO
f) Um padre, pastor	() SIM	() NÃO
g) Um médico especialista	() SIM	() NÃO Qual ?
h) Outra assistência	() SIM	() NÃO Qual?

33- As coisas mais importantes da vida acontecem no trabalho.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Indiferente	Discordo em parte	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

APÊNDICE C – Entrevista

Nome: Idade: Anos de casada: Filhos/idade:
Graduação: Titulação: Departamento: Tempo U.C.G: Qualificação:

1. Identificação com o trabalho

- a) Início do trabalho e o significado na vida pessoal
- b) Ser professora, como e porque, e como chegou até a U.C.G.
- c) Outras atividades profissionais, antes e depois.
- d) Projetos pessoais para sua carreira acadêmica, curto, médio e longo prazo

2. Identificação com a instituição

- a) Como é trabalhar na U.C.G.
- b) Atividade na U.C.G., tempo necessário para suas atividades acadêmicas, dentro e fora da instituição, o quanto de invasão na vida pessoal.
- c) Condições de trabalho na U.C.G, como vê o momento atual.
- d) Satisfação com o salário de professora.
- e) Possibilidades para crescimento profissional.
- f) Relação com as colegas de trabalho.

3. Relação de gênero e trabalho

- a) E o relacionamento com a família
- b) O lugar que ocupa na família.
- c) Educação parental.
- d) Quando se percebe mulher, se na condição de mulher fez diferença na vida.
- e) Na condição de mulher houve diferenças significativas.
- f) No trabalho, o fato de ser mulher interfere nas relações de trabalho com colegas.

4. Trabalho e família

- a) Sendo mulher profissional como equaciona filhos, marido, afazeres domésticos e trabalho, tem ajuda.
- b) Significado do salário para a renda familiar, até que ponto ele gratifica o pessoal.

5. Corpo trabalho e estresse

- a) Na relação consigo mesma frente à alimentação, atividade física e do ponto de vista da sexualidade.
- b) Como tem se sentido ultimamente, como vai a saúde, quais os sintomas. Qual a avaliação médica e a prescrição.
- c) Precisou de licença médica.
- d) Como tem se sentido (cansada ou indisposta) para exercer as atividades acadêmicas.
- e) Representação do bem estar para o trabalho.

- f) De que maneira o trabalho tem contribuído para o estado geral não estar bem, acontecimentos ou fatos.
- g) Sente estresse, o que significa o estresse na sua vida profissional.
- h) Como o corpo responde ao estresse.
- i) Auxílio ou ajuda para as dificuldades atuais.
- j) Qual o seu lazer preferido?

APÊNDICE D – Mapeamento dos Departamentos por área

Ciências Humanas

CURSOS	QTD. PROFESSORES	EFETIVOS		CONVIDADOS	
		F	M	F	M
Direito	118	17	67	13	21
Administração	68	09	31	09	19
Administração de Agronegócio	ADM	Idem	03	Idem	00
Turismo	ADM	Idem	00	Idem	08
Economia	44	02	28	06	08
Arquitetura e Urbanismo	83	17	39	11	16
Design	ARQ	01	03	04	04
Serviço Social	28	25	01	02	00
Filosofia	93	07	34	14	38
Teologia	93	04	13	04	72
História	79	09	06	03	61
Geografia	HSG	07	04	02	01
Política	HSG	01	02	01	01
Sociologia	HSG	11	02	10	02
Antropologia	HSG	04	01	02	01
Relações Internacionais	HSG	06	03	00	00
Educação	118	53	11	34	20
Psicologia	124	43	00	52	29
Letras	97	28	11	50	08
Secretariado Bilingüe	LET	06	11	00	01
TOTAL	852	250	270	217	310

Ciências Biológicas

CURSOS	QTD. PROFESSORES	EFETIVOS		CONVIDADOS	
		F	M	F	M
Biologia	37	07	11	13	06
Biomedicina	80	20	21	19	20
Enfermagem	69	34	01	33	01
Educação Física	18	04	04	04	06
Fonoaudiologia	39	21	03	15	00
Fisioterapia	05	01	02	01	01
Terapia Ocupacional	04	02	00	02	00
TOTAL	252	89	42	87	34

Ciências Exatas

CURSOS	QTD. PROFESSORES	EFETIVOS		CONVIDADOS	
		F	M	F	M
Zootecnia	33	05	15	03	10
Engenharia Civil	47	02	29	03	05
Engenharia Elétrica	ENG	01	04	00	02
Engenharia de Produção	ENG	03	04	04	02
Ciências da Computação	78	08	36	07	27
Matemática	124	14	23	14	06
Física	MAF	00	14	03	05
Química	MAF	05	01	05	04
Engenharia de Alimentos	MAF	03	01	05	04
Engenharia Ambiental	00	00	04	00	02
Ciências da Aeronáutica	06	00	00	01	05
TOTAL	288	41	131	45	72